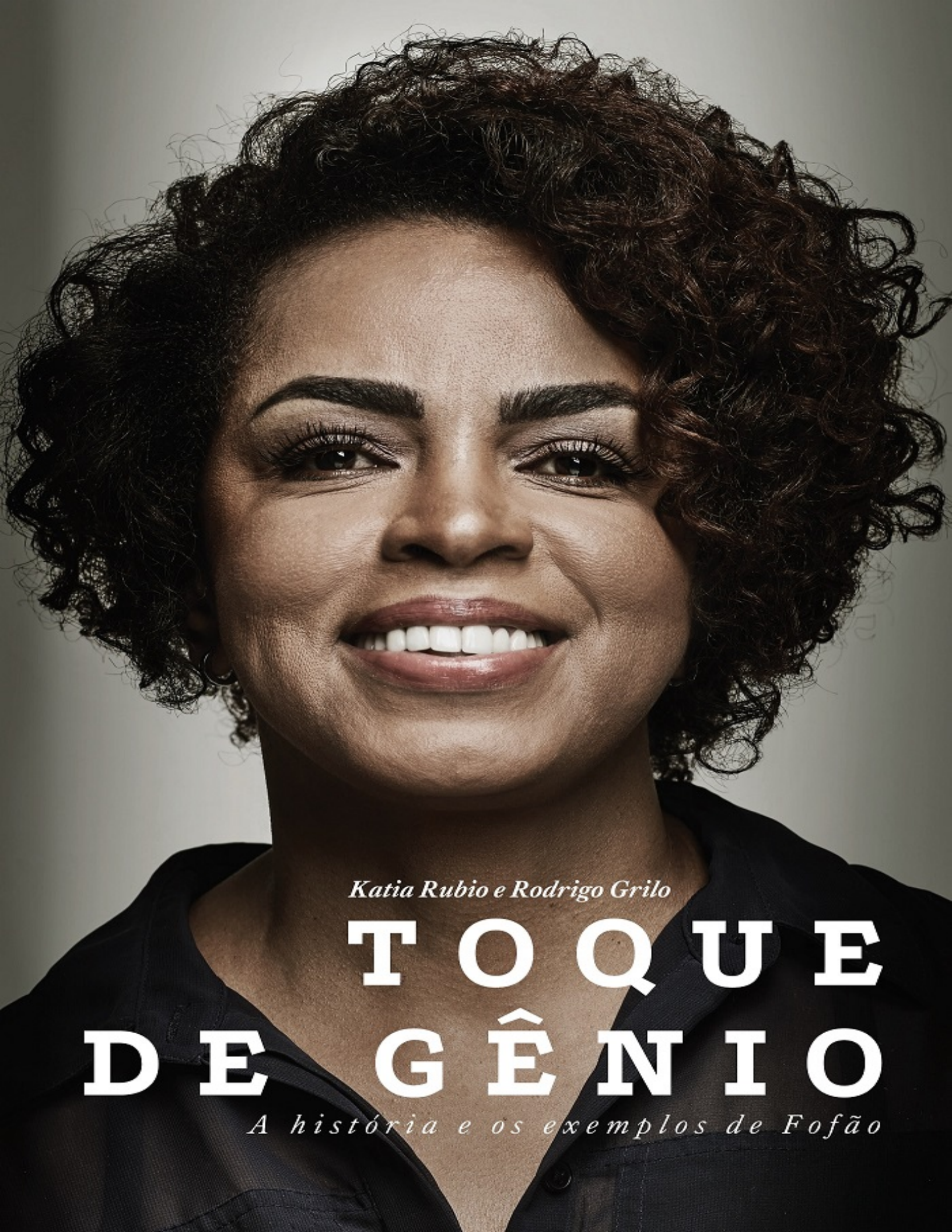




Katia Rubio e Rodrigo Grilo

TOQUE DE GÊNIO

A história e os exemplos de Fofão



TOQUE DE GÊNIO

A história e os exemplos de Fofão

CONSELHO EDITORIAL

Alberto Filipe Araújo, Universidade do Minho, Portugal **Ana Mae Barbosa**, USP, Brasil

Aquiles Yañez, Universidade de Maule, Chile **Carlos Bernardo Skliar**, FLACSO, Buenos Aires, Argentina **Cláudia Sperb**, Atelier

Caminho das Serpentes, Morro Reuter/RS, Brasil **Daniel e Perin Rocha Pitta**, UFPE & Associação Ylê Seti do Imaginário, Brasil

Edesmin Wilfrido P. Palacios, Universidade Politécnica Salesiana, Quito, Equador **Ikunori Sumida**, Universidade de Kyoto, Japão

Ionel Buse, Centro de Estudos Mircea Eliade, Universidade de Craiova, Romênia **Jean-Jacques Wunnenberger**, Universidade Jean Moulin

de Lyon 3 & Centre de Recherches G. Bachelard sur l'Imaginaire et la Rationalité de l'Université de Bourgogne, França **João de Jesus Paes**

Loureiro, UFPA, Belém, Brasil **João Francisco Duarte Junior**, UNICAMP, Campinas/SP, Brasil **Jorge Larossa Bondía**, Universidade

de Barcelona, Espanha **Katia Rubio**, USP, Brasil

Luiz Jean Lauand, USP, Brasil

Marcos Ferreira-Santos, USP, Brasil

Marian Cao, Universidade Complutense de Madri, Espanha **Patrícia**

P. Morales, Universidade San Buenaventura, Cali, Colômbia **Pilar**

Peres Camarero, Universidade Autônoma de Madri, Espanha

Regina Machado, USP, Brasil

Rogério de Almeida, USP, Brasil

Soraia Chung Saura, USP, Brasil





Katia Rubio e Rodrigo Grilo

TOQUE DE GÊNIO

A história e os exemplos de Fofão



São Paulo, 2018

1ª EDIÇÃO

2018

PUBLISHER: Kendi Sakamoto, Ph.D

EDITORA: Débora Crivellaro ASSISTENTE EDITORIAL: Natália Cruz DIRETORA

LITERÁRIA: Cristine Ramires SECRETÁRIA EXECUTIVA: Aline Ferreira

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO: Priscila Maria REVISÃO ORTOGRÁFICA: José Paulo Ferrer PROJETO GRÁFICO DA CAPA: Pedro Matallo FOTOGRAFIA DA CAPA:

Edu Lopes/Estúdio Click de Gente PRODUÇÃO: Daniele Verillo ASSISTENTE

DE PRODUÇÃO: Gustavo Marino BELEZA: André Florindo EDITORAÇÃO

ELETRÔNICA: Marcos C. Nishida DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Rubio, Katia; Grilo, Rodrigo

Toque de Gênio - A história e os exemplos de Fofão Katia Rubio e Rodrigo Grilo

São Paulo, Képos, 2018

Bibliografia

ISBN 978 85 8373 169-6

1. Fofão 2. Biografia 3. História de vida 4. Jogos Olímpicos CDD 920

Todos os direitos reservados aos autores.

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida sem a permissão, por escrito, dos autores.

Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98.

Képos é um selo da Editora Laços Impresso no Brasil Publicado por Editora Laços Ltda.

Av. Paulista, 1.159 – cj. 815 – CEP 01311-200 – Jardins – SP

Website: www.editoralacos.com.br

E-mail: contato@editoralacos.com.br

A todas as Penélopes
que esperam ativamente
na esperança da realização de seus desejos.
Katia Rubio

Para Rosa (em memória)
por me ensinar, sempre
no café da manhã a dois, a perseverar.
E aos contadores de histórias que me inspiram a seguir,
com amor, pelo mesmo caminho.
Rodrigo Grilo

SUMÁRIO

PREFÁCIO

QUANDO UM SONHO OLÍMPICO VIRA REALIDADE

Mauricio Lima
A RESISTENTE FOFÃO

Jackie Silva

APRESENTAÇÃO

FOFÃO TOCAVA NA BOLA COM O CORAÇÃO

José Roberto Guimarães

INTRODUÇÃO

LUTA PELO OURO

PARQUE DE DIVERSÃO

A CASA CAIU

FREIRA

ESPORTE NA COMUNIDADE

DE LAUZANE PAULISTA PARA O IBIRAPUERA

“VOCÊ É HÉLIA, NÃO FOFÃO!”

TROCA DE POSIÇÃO

A AFIRMAÇÃO DA LEVANTADORA

SABATINA

A CHEGADA À SELEÇÃO

ADEMIR DA GUIA

BERNARDO E A PRIMEIRA MEDALHA OLÍMPICA

FIM DO SEGREDO

CAPITÃ DO BRONZE EM SYDNEY

DE CAPITÃ A RESERVA EM 2004

MÃEZONA

PULSO FIRME

COMUNIDADE EUROPEIA

OURO E CAMELÔ EM PEQUIM

FICA, FOFÃO; VOLTA, FOFÃO

TAÇA DA COPA

PREFÁCIO

QUANDO UM SONHO OLÍMPICO VIR A REALIDADE

Campinas, 6 de fevereiro de 2018, por volta das 14h30. Toca o meu celular. Do outro lado da linha, Rodrigo Grilo, um dos autores da biografia da Fofão. Ele me conta a história do projeto e me pede para escrever este texto especial de apresentação dizendo assim: “Você foi o atleta que inspirou a Fofão a ser a levantadora que se tornou. Ela relata isso na obra”.

A emoção veio à tona e tomou conta de mim. As lágrimas escorreram pelo meu rosto. Eu já tinha a Fofão como uma das pessoas mais admiráveis que o vôlei me ajudou a conhecer. Não só como uma atleta extraclasses, mas uma pessoa, um ser humano fora de série. Fofão é uma unanimidade e isso é uma raridade no mundo atualmente. Difícil explicar a felicidade de ser escolhido para escrever neste espaço tão especial da obra que conta a história da vida da Fofão. Transformar tudo isso em palavras é tão difícil quanto levantar uma bola decisiva em final de campeonato.

Nossas carreiras sempre se cruzaram e estivemos juntos em diversos momentos – bons e ruins – tanto para mim quanto para ela. Em 1992, Barcelona, ela estava na primeira Olimpíada. Eu, na segunda. Conversávamos, trocávamos experiências, sentimentos de atletas representando o País na maior competição de todas, vivendo aquele mundo mágico. O time masculino saiu de lá campeão. O feminino ficou em quarto lugar, quase conquistando a medalha.

Em 2000, nos Jogos de Sydney, choramos juntos de tristeza. As meninas perderam a semifinal para Cuba. Nós tínhamos perdido nas quartas para a Argentina. Lembro-me de ter dado um abraço nela, tentando confortá-la. Sofremos juntos. Em 2007, no Pan-Americano no Rio de Janeiro, eu vi a Fofão destruída após um jogo. O Brasil perdeu o ouro para Cuba. Acho que foi uma das piores derrotas da carreira dela. Falei: “Algo maior ainda espera você. Não desista e você vai dar a volta por cima”. Dito e feito: em 2008, tornou-se campeã olímpica.

Fofão é de suma importância para a história do vôlei feminino brasileiro. Em Pequim, ela se tornou a primeira levantadora campeã olímpica da história do vôlei feminino brasileiro. E precisou ter muita paciência e persistência para atingir isso, em 2008. Esperou muito pelo momento certo. Provou que tudo valeu a pena. Fofão era competente o suficiente para liderar aquela geração, ser protagonista em um título inédito até então. Uma líder silenciosa; líder pelas atitudes. Para mim, isso representa muito mais do que se colocar como líder aos berros. Foi um grande prazer ver aquilo tudo acontecer do lado de fora. Fofão tinha realizado o sonho dela, sendo titular, ícone daquela geração, carregando o time. Nós nos abraçamos e choramos juntos, mais uma vez, mas, naquele momento, de pura felicidade.

Tecnicamente, Fofão foi uma jogadora muito habilidosa, dona de uma precisão incrível no gesto. O que me admirava mais nela, porém, era a visão de jogo, o entendimento do voleibol. Ela entendia muito bem o momento das companheiras, sabia ao certo quem escolher para receber uma bola importante. Para um levantador isso é fundamental. Mas a maior virtude dela é a generosidade. Por isso também, é uma unanimidade no esporte. Recentemente, tive o prazer de dar a ela a notícia de sua escolha para entrar no Hall da Fama no vôlei, nos Estados Unidos, local onde também me encontro. É um prazer compartilhar com ela a emoção de estar entre os grandes do voleibol mundial.

Ser Fofão deve ser muito complicado. Todos gostam dela, nutrem um carinho especial, uma admiração nítida. E ela consegue retribuir sempre com gestos, com atenção, com carinho. Você é demais, Fofão! Eu e você, Fofão, vencemos muito no mundo do vôlei, só temos a agradecer a Deus por tudo. Um dos troféus mais importantes que conquistei, porém, é a amizade da verdadeira Hélia Souza, vulgo Fofão. Meu muito obrigado ao vôlei.

Mauricio Lima

Bicampeão olímpico (em Barcelona, 1992, e em Atenas, 2004).

PREFÁCIO

A RESISTENTE FOFÃO

Tranquilidade, benevolência, persistência e resistência são qualidades que, a nosso ver, defludem em Fofão ao longo de sua trajetória como atleta. Durante a carreira, ela conviveu com diferentes gerações de jogadoras, passou por diversos comandos e sobreviveu de forma perseverante a todas as incertezas e frustrações até conseguir conquistar o ouro olímpico em 2008.

Entrou na seleção brasileira com 19 anos de idade. Jogou em cinco edições olímpicas e cumpriu seu papel como jogadora até os 45 anos. Os números conquistados por ela, além de impressionantes, são também muito importantes para se compreender a lição que essa aguerrida atleta nos ensina.

Ao todo foram 30 anos de vida dedicados ao vôlei, 17 deles defendendo a seleção brasileira. Pena que tanta dedicação, tantos anos de serviços tão valiosos prestados ao Brasil não sejam reconhecidos como trabalho para aposentadoria.

Como atleta, a carreira de Fofão foi um exemplo de aprendizado paciente, persistente. Ela sempre buscou a oportunidade de melhorar, seja pelo esforço pessoal, pela disciplina, ou por meio das pessoas que cruzavam o seu caminho. Como aprendiz, mantinha sempre os olhos e o espírito bem abertos, pois sabia que tinha em suas mãos os melhores professores.

Com os ensinamentos do Zé Roberto trocou de posição de atacante para levantadora e, como tal, foi treinada por dois dos melhores técnicos do mundo, os ex-levantadores Zé Roberto e Bernardinho. Dois perfis diferentes, porém, técnicos vencedores e também pessoas bastante resistentes. Durante anos foi reserva da levantadora Fernanda Venturini, com quem também aprendeu bastante.

Só mesmo sendo levantador(a) para entender o quanto de esforço, treinamento e repetições são necessários para se realizar um levantamento preciso; para se reconhecer o tempo de cada um; para se perceber as diferenças de cada jogador; a velocidade dos movimentos dos braços; para

liderar sem ser arrogante; decidir para quem vai entregar a bola; a hora certa de fazer isso e se tornar a capitã de um time campeão.

Tudo, portanto, fruto de um longo aprendizado, adquirido com o tempo, sem o qual fica difícil erguer o alicerce que sustentará o sonho e o fará virar realidade. A persistência no aprendizado e a resistência às adversidades são, pois, fundamentais para a concretização dos nossos sonhos. E essa é, sem dúvida, a lição que aprendemos com nossa queridíssima jogadora, a supercampeã olímpica, Fofão.

Jackie Silva

Medalhista de ouro no vôlei de praia nos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996.

APRESENTAÇÃO

FOFÃO TOCAVA NA BOLA COM O CORAÇÃO

O que escrever sobre a atleta Fofão? O que escrever sobre o ser humano Fofão? O meu primeiro contato com ela foi em 1988, no Pão de Açúcar Esporte Clube, há exatos 30 anos. Ela tinha começado no vôlei havia pouco tempo. Fui um de seus primeiros técnicos, quando Fofão ainda era atacante e dava os primeiros toques como levantadora. Ela vinha de uma família grande, na qual quase todos os integrantes praticavam esporte. Morava em Lauzane Paulista, precisava pegar três conduções para chegar aos treinos e mesmo assim nunca se lamentava.

Fofão é dona de uma história incrível no esporte: chegou à seleção principal sem nunca ser convocada para as seleções brasileiras de base. E impressiona como mantém até hoje a mesma personalidade de quando começou no vôlei. Logicamente ganhou experiência como atleta, como mulher, mas não perdeu a essência. Meiga, carinhosa, tranquila, honesta... Isso tudo é um diferencial em todos os aspectos.

Como atleta, foi uma mistura de muito treinamento, dedicação e dona de uma sensibilidade ímpar, algo muito difícil de encontrar. Ela consegue captar a energia do local, das pessoas que estão em volta. Tem uma aura especial e, sempre muito tímida, primava pelo bom relacionamento. Rapidamente se adaptava às situações de jogo, sempre jogando focada no objetivo principal. Fofão sabe a hora de falar e de escutar. Sempre foi uma referência como jogadora e esperou, muitas vezes, com paciência até a sua hora chegar. Foi uma jogadora em quem todo mundo confiava.

Em quadra, a bola levantada por ela viajava carregada de carinho, de paixão, de amor. Para mim é isso que explica o seu toque diferenciado: ela tocava na bola com o coração. Outro fato muito importante: Fofão não se colocava como estrela. Ela é time, não a dona da bola. Por tudo isso foi uma atleta rara, sempre muito disponível para ajudar, sempre fazendo questão de ser uma jogadora de composição e não uma protagonista. Fofão é a definição de exemplo, o exemplo perfeito.

Vivemos juntos uma apoteose na Olimpíada de Pequim, em 2008, na conquista da primeira medalha de ouro da história do vôlei feminino

brasileiro. Ficamos abraçados por um minuto ao fim do jogo. “Parabéns por esse momento. Todo o sacrifício, tudo o que você fez para chegar até aqui, tudo valeu a pena. Você merece tudo.” Foi o que eu disse à Fofão naquele momento de muita emoção como forma de agradecimento. Ainda hoje, Fofão querida, eu te agradeço! O Brasil inteiro te agradece.

José Roberto Guimarães

Tricampeão olímpico como técnico (com a seleção masculina, em Barcelona, 1992, e com a feminina, em Pequim, 2008, e Londres, 2012).

INTRODUÇÃO

Este jogo começou como parte de um campeonato maior chamado Memórias Olímpicas, por atletas olímpicos brasileiros, pesquisa realizada pela professora Katia Rubio, da Universidade de São Paulo, cujo objetivo é buscar e registrar a história de todos os atletas olímpicos brasileiros. Fofão pertence a esse time desde 1992 quando participou de sua primeira edição olímpica em Barcelona e já figurava como personagem em pesquisa anterior sobre as mulheres olímpicas brasileiras, mas a agenda de trabalho no exterior inviabilizou o contato e a participação.

De volta ao Brasil, mostrou-se receptiva e acessível em nosso primeiro contato, quando concordou em receber os membros do Grupo de Estudos Olímpicos (GEO), em São Caetano. Foi uma conversa de mais de uma hora, no vestiário do time, antes de um treino. Garrafa de água na mão, a mesma fala mansa que todos conheceram ao vê-la jogar, desfiou algumas poucas histórias de sua vida pessoal e deu sentido a tantas cenas divulgadas pelos meios de comunicação de sua carreira como atleta. Fofão já havia se despedido da seleção, mas ainda esbanjava vigor e liderança no clube e não dava sinais de parar. Nós, que ouvíamos, ficamos meio hipnotizados diante de tanta história não registrada, não contada ou divulgada por vias secundárias. Ao final da entrevista ficou um convite: o desejo de que toda a história de Hélia, antes e depois de se tornar Fofão, pudesse ser publicada para que os que torceram e vibraram com seu jogo pudessem conhecer a jogadora fora da quadra, tão exemplar quanto a atleta genial conhecida pelo toque preciso.

O tempo passou e certo dia uma mensagem de Fofão na caixa de *e-mails* anuncia o desejo de se preparar para o momento inevitável de parar. Conversamos sobre a importância dessa preparação, a necessidade de se fazer planos e colocamos na pauta a preparação da biografia que deixaria registrado tudo aquilo que sua timidez e discrição impediram que se tornasse público, mas que era a razão de ser da pessoa e atleta excepcional que ela era. Combinamos um encontro após o jogo de despedida, que só aconteceu meses depois, já com as emoções decantadas e a certeza do fim da carreira. Era 2015, véspera de Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro e o desejo maior era que o livro pudesse ser lançado antes da competição.

Depois do primeiro encontro ficou claro que aquele era um projeto impossível de ser realizado apenas pelo GEO naquele momento, em função de todas as demandas que os Jogos já provocavam. Era preciso buscar reforços.

Um outro encontro aconteceu anos antes, com Rodrigo Grilo, jornalista responsável pelas matérias relacionadas a esporte na revista *IstoÉ*, dono de um texto impressionista e sensível, com uma postura ética rara, levou a uma proximidade que acabou se tornando uma parceria. Convidado a participar do projeto da biografia, prontamente aceitou e começamos a trabalhar. Depois de organizar o plano de trabalho fomos para o primeiro encontro com Fofão em sua casa, perto do Jardim Zoológico, em São Paulo. Fizemos o mesmo ritual usado na pesquisa Memórias Olímpicas, ou seja, registramos tudo em áudio e vídeo, ainda que o equipamento de captura de imagem não fosse profissional. Depois de três horas de conversa, muitas lembranças de infância, família e as primeiras experiências esportivas, concluímos que era preciso guardar as imagens de forma mais profissional e, por que não?, fazer um documentário para acompanhar o livro.

Nós que estamos acostumados a projetos improváveis temos sempre o não a nos motivar na busca pelo possível. E assim chegamos a Pedro Branco, da produtora Março, de Belo Horizonte, que se dispôs a se deslocar a São Paulo para realizar o documentário junto com o livro. Durante algumas semanas percorremos, em trupe, os lugares significativos da vida de Fofão, de Lauzane Paulista ao Centro Olímpico, encontramos amigas de infância, família, parceiras de clubes e seleção, técnicos e professores e aos poucos montamos esse mosaico de lembranças e impressões que seguem todos na mesma direção: resiliência, genialidade, perfeição, liderança, exemplo.

O resultado está aqui. **Toque de gênio: a história e os exemplos de Fofão**, um livro que se propõe a revelar fatos e eventos da vida da atleta de voleibol mais vitoriosa e mais querida do Brasil. E, replicando tantos outros projetos onde faltam recursos e sobra paixão, tentamos aqui agradecer e lembrar de todos que de alguma forma mobilizaram esforços para realizá-lo.

Começamos pelos membros do Grupo de Estudos Olímpicos, da Universidade de São Paulo, Bianca Silva, Carlos Rey Perez, Dhênis Rosina, Edilene Mendonça, Eduardo de Oliveira Cruz Carlassara, Gabriela Gonçalves, Gislane Melo, Isaias Sodré da Nóbrega Júnior, Júlia Frias

Amato, Juliana Marcondes, Julio Cezar Soares da Silva Fetter, Luciana Ferreira Angelo, Luciane Tonon, Marcelo Alberto de Oliveira, Maria Alice Zimmermann, Natália Quintilio, Neilton Sousa Ferreira Junior, Roberta Cardoso, Rafael Campos Veloso, Rovilson de Freitas, Toshihiro Nishida, Vilson Furtuoso da Silva, Waleska Vigo Francisco, William Douglas de Almeida, que estão sempre disponíveis para descobrir e oferecer uma pista sobre os atletas do passado e do presente.

À trupe da Março Produções, capitaneada por Pedro Branco, que abraçou a ideia do registro de imagens e nos acompanhou nessa aventura com dedicação, humor e competência.

Ao Marcos Chiguetoshi Nishida, mais do que um *layoutman*, um colaborador sempre pronto a dar forma para as ideias que ainda parecem impossíveis de pôr no papel.

Ao Pedro Matallo, que assumiu a proposta da capa e deu a ela a dimensão da genialidade de nossa biografada.

Ao Edu Lopes, que conseguiu na foto da capa mostrar a Fofão poderosa, madura, linda, que também descobrimos ao longo do processo de construção dessa obra.

Ao André Florindo, pelo astral maravilhoso que deixou transbordar na maquiagem e nos cabelos de nossa Diva.

À Débora Crivellaro, que fez a diferença na edição da obra.

À amiga, jornalista e escritora Débora Rubin, por ser uma incentivadora e referência na arte de contar e publicar histórias.

À Mariana Queiroz Barboza, pelo incentivo e por compartilhar ideias cirúrgicas.

À Maria José dos Santos, “Mazé”, fundamental em preparar a casa e o escritório para receber os parceiros dessa empreitada.

À Ivonete Ferreira Assis de Sant’Anna por nutrir a todos que sentaram à nossa mesa entre uma entrevista e outra.

Aos familiares Toshihiro, Flavio, Olivia, Marcus, Mário e Cecilia por acompanharem essa aventura e vibrarem com mais uma conquista.

Katia Rubio e Rodrigo Grilo

LUTA PELO OURO

A bola estava prestes a tocar a quadra da seleção brasileira de vôlei no amistoso disputado contra os Estados Unidos, em Colorado Springs, terra do time adversário. Naquela noite de 11 de junho de 2008, Fofão, a camisa 7 e levantadora do time, e Fabiana Alvim de Oliveira, a líbero “Fabi”, se adiantaram para evitar o ponto das rivais em um tenso quarto *set*. As duas foram de encontro à bola ao mesmo tempo, uma olhando para cima e outra já se abaixando para tentar a defesa. O choque foi inevitável. Fabi bateu a nuca na parte interna do joelho esquerdo de Fofão. *“Foi a dor mais horrível que senti na vida. Não sabia se algo tinha quebrado, mas tive a sensação de que algo ruim havia acontecido. Ali no chão, eu só conseguia pensar na Olimpíada dali a dois meses. Tanto tempo esperando por ela, seria minha última”*, diz Hélia Rogério de Souza Pinto, a Fofão, hoje. Começava, naquele dia, uma dolorosa batalha. Então com 38 anos, a camisa 7 e capitã daquele grupo passou a ter o tempo como adversário para se recuperar e concretizar o desejo de encerrar, em Pequim, a sua participação em Jogos Olímpicos – atuando em alto nível. A tensão tomou conta da comissão técnica com a possibilidade de perder a líder do time. Depois de passar vinte e quatro horas intercalando descanso e sessões de gelo, a levantadora se submeteu a um raio-X. Para a felicidade de todos, não fora constatada fratura. A lesão se revelou no exame seguinte, a ressonância magnética: contusão óssea próxima da tíbia e do fêmur.

Fofão retornou às quadras totalmente recuperada, três semanas depois, no meio do *Grand Prix*. Retomou os postos de capitã e levantadora titular – durante a sua ausência, seu lugar foi ocupado por Carol Albuquerque – e o Brasil ganhou o torneio com um jogo coletivo consistente e a tradicional habilidade individual das atletas. Um título de nível mundial como esse às portas da Olimpíada seria suficiente para fazer da seleção brasileira feminina a grande favorita ao inédito ouro olímpico. Uma mítica impregnada naquele grupo de jogadoras durante todo o ciclo de quatro anos anterior aos Jogos de Pequim, porém, não garantia ao Brasil a unanimidade. O verbo “amarelar”, abominado por todo atleta, havia sido usado

largamente por torcedores e pela imprensa especializada para desmerecer aquela seleção. Time badalado mundo afora pela quantidade de talentos, era criticado por falhar em partidas decisivas – e deixar o título escapar.

“As amarelonas vão jogar hoje.” Dessa forma boa parte dos brasileiros anunciava um jogo da seleção feminina de vôlei. Muitos tinham vivo na memória – e não perdoavam – três revezes vividos por aquele grupo. O primeiro foi a derrota para a Rússia na semifinal da Olimpíada, quatro anos antes. Em Atenas-2004, a seleção brasileira liderava por 2 *sets* a 1 e vencida o quarto *set* por 24 a 19. Mesmo tendo cinco oportunidades para liquidar o embate, não o fez. As russas venceram o *set*, empataram a partida e, no *tie-break*, fecharam o jogo em 16 a 14. O Brasil, que chegou à fase final como a única equipe invicta nos Jogos, terminaria melancolicamente em quarto lugar, perdendo a disputa pela medalha de bronze para Cuba. Dois anos depois, Brasil e Rússia voltaram a se encontrar na final do Campeonato Mundial. E as brasileiras, que lideravam o *tie-break* por 13 a 11, deixaram escapar um título ainda hoje inédito para o País. As russas viraram o jogo e venceram por 15 a 13.

Fofão esteve em todas essas derrotas. Nenhuma a deixou tão envergonhada quanto a postura dela após a final dos Jogos Pan-Americanos de 2007 realizados no Rio de Janeiro. Mais uma vez, a seleção brasileira entrou em quadra como favorita na partida decisiva. O Maracanãzinho estava lotado, pronto para a festa. Ali, estiveram 12.750 pessoas incentivando, vibrando e sofrendo junto com as atletas. Em vão. A seleção desperdiçou a chance de fechar o jogo quando teve quatro *match points* contra a equipe cubana no quarto *set*. Perder a medalha de ouro tida como certa, jogando em casa, após um *tie-break* desgastante – o placar daquele quinto *set* foi 34 a 32 – e ainda por cima para Cuba, um rival histórico, fez Fofão entregar os pontos no pódio como nunca acontecera em sua carreira.

“Assim a gente levou os quatro anos antes dos Jogos de Pequim: ‘Ah, o Brasil está jogando bem, mas na Olimpíada não irá conseguir manter esse nível’. E a gente sempre tendo de provar coisas para as pessoas. Nós sabíamos que a única forma de a gente deixar de ser amarelonas era na Olimpíada de 2008. E daí fomos para os Jogos de Pequim e.. nossa! O meu coração, lá na China, disparava a cada dia que passava e se aproximava da estreia. E eu seguia batendo na mesma tecla com as meninas: a única maneira de a gente provar

alguma coisa, não só para quem duvidava, mas para nós mesmas, era ganhando o ouro na Olimpíada.”

Na China durante os Jogos, e mesmo antes, nos treinos preparatórios, Fofão fez o possível para a locomotiva não descarrilhar. A primeira sacada foi fechar um pacto com as doze atletas: ninguém deveria comparecer ao desfile de abertura, para não haver desgaste físico. Pediu para as companheiras deixarem a vaidade de lado e não saírem da concentração escondidas de tarde, no período de descanso, como a própria camisa 7 havia feito em sua primeira olimpíada, em Barcelona-92, para tentar encontrar ídolos como Michael Jordan e Magic Johnson, do *Dream Team*, a equipe norte-americana de basquete. Um grupo de oração também foi montado para fortalecer a fé no objetivo final, pedir proteção e unir ainda mais as jogadoras. Certo dia, focada em manter as companheiras longe de distrações, Fofão bateu à porta do treinador Zé Roberto.

Os dois se conheciam havia vinte anos e se entendiam pelo olhar. Zé Roberto fora o treinador de Fofão desde o juvenil. Foi ele quem a convenceu a trocar de posição, deixando de lado o posto de atacante para se tornar levantadora. Naquele dia em Pequim, foi a vez de Zé Roberto ser convencido por Fofão. Da conversa com o chefe, ela saiu com a autorização para que fosse instalada uma televisão na sala do andar onde ficavam os apartamentos das brasileiras. A capitã queria diminuir a chance de contato com atletas de outras delegações no térreo, onde muita gente assistia às competições na única TV da Vila Olímpica.

Na mesma parede onde foi instalado o aparelho de televisão, Fofão passou a colar, todas as manhãs, cartazes nos quais escrevia frases motivacionais. Essa marcação cerrada gerou um desgaste emocional muito grande para ela. Introvertida, avessa a ser o centro das atenções, nunca almejou ser capitã. Preferia o porto seguro do papel da Fofão legal e quieta em seu canto a ter de falar mais e cuidar da vida alheia. Sua postura ética, batalhadora, de poucas e assertivas palavras, porém, a tornou uma capitã que liderava pelo exemplo e pela conduta. E, assim, teve de mudar suas características para ser referência e exigir disciplina – mesmo com todo o desgaste gerado por esse processo. Em Pequim-2008, ela brilhou também nessa posição.

Em 9 de agosto de 2008, Fofão finalmente conseguiu fazer um jogo de estreia de Olimpíada como titular, contra a Argélia. Não havia tido tal oportunidade nas quatro edições olímpicas anteriores das quais participara.

Naquele dia, antes de entrar em quadra para enfrentar as argelinas, segurou firme a correntinha com a imagem de São Cipriano ao redor de seu pescoço, um presente do pai, Seu Sebastião, um ex-sapateiro e ex-cantor amador de clubes noturnos, falecido seis anos antes. Checou os brincos, tirou os fones de ouvido por meio dos quais ouvia uma música agitada e acertou o prendedor de cabelo. A emoção sentida por ela ao se dar conta do sucesso da programação traçada pela comissão técnica responsável pela sua recuperação a menos de dois meses da estreia nos Jogos – e, mais ainda, ao ver o comportamento do time durante a partida – só seria comparada ao jogo que disputaria dali a duas semanas, a final olímpica contra a seleção dos Estados Unidos, no sábado 23 de agosto.

Às 21h44 daquele dia, no quarto *set* da partida, partiu um saque das mãos trêmulas de Fofão. Treze segundos depois, o juiz italiano Massimo Meneghini trinou o apito pela última vez após a cortada para fora da melhor jogadora norte-americana, Logan Tom. Estava decretada a vitória do Brasil, campeão invicto, derrotando os EUA por 3 *sets* a 1, sendo este *set* o único perdido em toda a competição pelas brasileiras. Foi o ponto final, também, da fama de amarelonas que pesava sobre o grupo de atletas da seleção brasileira de vôlei. Aquelas jogadoras entraram para a história da modalidade ao conquistar pela primeira vez uma medalha de ouro olímpica. Coincidência ou não, a maioria das atletas brasileiras que formava o grupo de orações da seleção durante a preparação estava em quadra no ponto do ouro: Fabiana Claudino, a “Fabiana”, Wélissa de Souza Gonzaga, a “Sassá”, Marianne Steinbrecher, a “Mari”, Sheilla, Fabi e Fofão, capitã, motivadora e cérebro daquela equipe, a atleta mais vitoriosa da história do vôlei feminino brasileiro.

PARQUE DE DIVERSÃO

Nascesse uma menina a mais e a família Souza teria um time de vôlei feminino completo em casa. Depois da chegada de Silmali, a “Lica”, Eurides e Sebastião, o “seu Tião”, resolveram, no entanto, parar. Além da caçula, a sétima, Ubaldo, Eduardo, Paula, Cláudia, Hélia e Júlia. Nove pessoas, um cachorro e algumas galinhas dividiam a casa térrea de número 3 da Avenida João Pessoa, em Lauzane Paulista, na zona norte de São Paulo. Naqueles anos 1970, a água vinha do poço e, a luz, de lampião ou vela. O terrão atendia pelo nome de avenida e servia de arena para a criançada. Juntos, meninos e meninas brincavam de queimada e corriam atrás da bola em dias secos. Quando chovia, atiravam barro e lama uns nos outros. A noite também tinha seu encanto. No improviso, criavam fogueiras com labaredas de mais de metro de altura. Uma gincana – com votação democrática – sempre definiu quem era o dono da maior fogueira.

Uma das maiores atrações naquele *playground* de chão vermelho era o tobogã. Ele ficava no terreno baldio margeado por um matagal em frente à residência de Tião e Eurides. E as crianças não se cansavam de se organizar em filas para descer o barranco em uma tábua. Não havia tanta casa construída sobre aquela porção de chão localizada no norte da capital paulista, distante da explosão imobiliária que ocorria nas décadas de 1970 e 1980.

Ônibus não passava nem perto. Carro, muito raramente. Sendo assim, a pivetada podia correr livre. Batia meia-noite e todo mundo ainda estava fora de casa, sentado na calçada descalço, distribuindo risadas, batendo papo. Quem não aproveitava até o último fôlego assim fazia porque na manhã do dia seguinte, antes do raiar do sol, tinha de estar de pé, de café tomado, pronto para rumar para a escola. Maldade ali era chutar a bola barrenta na janela da vizinha pelo puro prazer de espezinhá-la. Preocupação com segurança era calçar um Bamba, um Kichute, um Conga ou uma Havaianas para proteger os pés descalços das armadilhas espalhadas pelo chão de terra. Entre as cinco filhas de Eurides, Hélia Rogério de Souza Pinto, nascida em 10 de março de 1970, jogava no time das menos encapetadas. Pequena e franzina, estava sempre no meio das tropelias, mas observando

mais e agindo menos. Terríveis mesmo eram as suas irmãs, como lembra “Helinha”, apelido herdado na infância.

O clã Souza começou a ser pincelado no final dos anos 1950, quando Eurides, exímia dançarina, e Tião se conheceram. Quando jovem, o pai de Fofão era praticante de boxe. Destacava-se, ainda, no futebol e só não se profissionalizou porque tinha a boemia como grande adversária. O homem não era fraco no riscado. Sempre metido em terno, gravata, chapéu levemente tombado para um lado e sapato meticulosamente lustrado, se apresentava como cantor em clubes noturnos paulistanos em troca de alguns “merréis”. Em uma de suas performances na Vila Gustavo, zona norte de São Paulo, Tião soltava a voz no palco enquanto Eurides iluminava a pista com o seu bailado. A mulher sapateou tanto naquele dia que acabou reverberando no coração daquele homem de microfone em punho, como ela conta:

“Eu gostava muito de sair para dançar. E curtia as músicas antigas cantadas por ele. Hoje, ninguém mais canta aquelas canções. Nélson Gonçalves, Francisco Alves.. Tião cantava muito bem e acabou me cantando também. Dois anos depois, a gente se casou e a família começou a se formar. Primeiro vieram os dois homens. A mulherada chegou depois, uma atrás da outra, as cinco.”

Ubaldo e Eduardo nasceram no Tucuruvi, bairro da zona norte onde o casal morou em um primeiro momento. Pouco tempo depois da chegada dos primeiros herdeiros, amigos recém-estabelecidos em Lauzane Paulista deram a boa-nova para Tião e Eurides: naquele local ainda havia bons terrenos disponíveis. Empolgados com a oportunidade de erguer a tão sonhada casa própria, os dois trataram de visitar a região e logo se tornaram posseiros de um dos lotes daquela rua até então quase inabitada, em 1963. Nele, Tião e um compadre levantaram sozinhos uma casa, sem se valer de conhecimentos apurados sobre engenharia civil. A construção não tinha uma coluna sequer, contava com estuque e muitos tijolos de barro – tudo entrelaçado por madeiras.

Helinha nasceu naquele local, de parto normal realizado pela sua avó paterna Paulina. Cinco anos antes, a mesma parente realizara procedimento semelhante e trouxe ao mundo Paula, a terceira filha do casal. Na época, seu pai ganhava a vida com uma sapataria montada no fundo da construção. A mãe, por sua vez, fazia as vezes de dona de casa. As filhas varriam o

quintal, arrumavam a cama, tiravam a poeira dos poucos móveis e não tinham a autorização de dividir com Eurides as tarefas culinárias. Ai de quem colocasse a mão em alguma de suas panelas! Era a esposa quem cuidava sozinha da alimentação do marido e dos filhos. Fazia almoço e jantar frescos todo dia, no horário certo, para nove pessoas.

O dinheiro era pouco para tanta gente, mas ninguém ficou sem se alimentar adequadamente naquele ambiente. Arroz e feijão eram servidos diariamente. Ainda assim Helinha sofria com um quadro de anemia. Vez ou outra, a carência de glóbulos vermelhos saudáveis no sangue tirava-lhe o vigor e o ânimo. Era ela a filha mais próxima daquele território sagrado da mãe. Desde pequena muito mais organizada em comparação às irmãs, recebia o aval de Eurides para ajeitar a mesa antes das refeições. Era até elogiada, porque a mãe achava chique a decoração feita pela filha. Mal sabia Helinha que, ao final de sua carreira como atleta, demonstraria seus dotes na cozinha em um programa de tevê – o *Super Chef Celebidades*, um *reality show* do programa *Mais Você* – assistido por milhões de brasileiros, na maior emissora do Brasil, a TV Globo. Ubaldo, o primogênito, lembra dos primórdios daquela nova residência da família:

“A casa era térrea. Havia um jardim logo depois do portão e, ao lado da porta de entrada, um corredor. Descendo por ele, a gente chegava em um poço. Tinha ainda um sótão e uma parte de terra nos fundos, onde o meu pai criava as galinhas, os passarinhos dele, e a gente brincava.”

Tião e Eurides dormiam no único quarto da casa. Um guarda-roupa dividia um outro espaço, entre o quarto e a sala. Assim, de um lado ficavam os aposentos dos meninos e, do outro, o das meninas. A criançada dormia em beliches. Entre as nove pessoas ali, Tião era o primeiro a acordar e o último a dormir. Tinha o costume de aguardar os filhos retornarem. A maioria tinha um fraco pela noite. Helinha e Ubaldo eram os mais caseiros. Já o restante gostava de aproveitar a vida sob o luar de Lauzane e região. Era barzinho para cá, danceteria para lá, convescote na rua até altas horas da noite..

Cansado do que já ganhava ares de rotina, Tião resolveu baixar uma resolução: dez horas da noite, todo mundo deveria estar dentro de casa. Quem ali não estivesse, dormiria do lado de fora. Tião não chegava a ser autoritário, mas era muito rigoroso com o cumprimento de horários. Não

havia margem de negociação para convencê-lo a não trancar a porta quando o maior ponteiro do relógio estivesse no meio do número 12 e o menor no 10. A nova ordem gerou muita confusão e por muito pouco não provocou a separação do casal.

Antes de se deitar, Tião recomendava à esposa se manter firme, irredutível frente às possíveis súplicas dos filhos retardatários. Veio o primeiro episódio de descumprimento da regra por parte da prole. Porta trancada. Do lado de fora, os jovens insistiram e bateram na porta. A dura levada na sequência de um Tião com cara de poucos amigos os convenceu de, em atrasos futuros, dormir encostados um no outro no sereno. E assim aconteceu. O coração de mãe, sabe como é, não aguentou a repetição de tal cena por muito tempo. O castigo imposto a eles doía em Eurides.

Um dia, ela resolveu levantar de madrugada e, na surdina, destrancar a porta antes de voltar de fi ninho para debaixo do lençol. E ficou deitada de orelha em pé, aguardando o barulho da maçaneta para somente depois, então, dormir sossegada. Destrancou uma, duas, três vezes a porta até que o marido, que já tinha suspeitado da esposa e até ali não tomara nenhuma providência, a chamou para uma conversa séria. Irmão mais velho de Helinha, Ubaldo nunca mais se esqueceu do episódio:

“Eles tiveram um atrito longo, não sei se meus irmãos se lembram. Meu pai falou: ‘Não dá mais para mim. Eu dou uma ordem e você descumpre. E eu fi co como?’. Foi a primeira vez que ouvi eles falarem em separação. Foi um baque. Eu achei que meu pai fosse cumprir o que falava para a minha mãe, que iria sair de casa e coisa e tal. Mas foram passando os dias, ele foi respirando, respirando e se acertou com ela. Era muito raro eu conversar a fundo com o meu pai sobre outro assunto que não fosse esporte. Mas um dia perguntei se ele havia mesmo pensado em se separar da minha mãe. E ele respondeu: ‘Naquela época, eu tive essa intenção. Mas eu parei para pensar e vi que casamento é único. Nós temos que terminar nossas vidas juntos apesar dos atritos entre a gente ou problemas com os filhos - ou os dois ao mesmo tempo’. Eu guardei isso comigo.”

Criança na época, Helinha não guardou cicatrizes do eminente corte de relações de seus pais. Como Ubaldo, irmão nove anos mais velho, ela era caseira e nunca descumpriu o horário para entrar em casa quando chegou a sua época de curtir programas noturnos. Mas a possível separação de

Eurides e Tião e outros episódios ao longo de sua caminhada incutiram nela o valor do respeito a um comando e a uma autoridade. Seu Tião era mestre em passar ensinamentos adiante; meticoloso no quesito educação. Filho dele tinha de tratar as pessoas mais velhas como senhor ou senhora e saber se portar à mesa fora de casa. Em raros eventos em residências de amigos ou conhecidos, sua prole não se servia antes de o pai dar o sinal e autorizá-los a comer.

Poucas vezes autorizada a dormir na casa de outras pessoas, Helinha sentia-se como um soldadinho. Hoje, entende. *“Ali, meu pai não preparava os filhos para aquele determinado momento. Ele tinha uma coisa de pensar olhando muito para frente. Parecia estar prevendo o que ia acontecer em algum momento.”* Tião, no entanto, não conseguiu pressupor o fim do terrão que garantia sensação de liberdade a seus filhos e à vizinhança cada vez mais crescente em Lauzane. Para Helinha – e todos ali no pedaço –, o dia mais difícil foi quando agentes da prefeitura asfaltaram a rua. Alguns anos depois, aos 13, ela mudaria de opinião. Um dia, ao retornar para casa, encontrou a construção erguida pelo pai no chão, praticamente demolida.

A CASA CAIU

O primogênito de Tião e Eurides voltava do trabalho com a cabeça sabe-se lá onde, distraído, descendo pela avenida ansioso por chegar em casa. Já bem próximo do destino, olhou para frente e deu falta do portão. Seu campo de visão logo aumentaria e o faria enxergar um buraco vazio. “Acho que estou no endereço errado”, pensou, de bate-pronto, Ubaldo, na época com 20 anos. Decidiu andar um pouco mais adiante, até a casa vizinha. Bastaram três passadas para o cérebro tomar a frente da realidade e fazer a fi cha cair. Ele deu meia-volta, retornando para o lugar onde havia parado segundos antes e, de frente para o caos parecido ao de uma pós-implosão, viu a casa construída pelo pai e um compadre, aproximadamente vinte anos antes, caída no chão.

De frente para os escombros, sentado, Tião pensava talvez nos porquês ou já matutava como fazer para pôr a residência da família de pé o quanto antes. Conhecendo um pouco aquele homem, qualquer pessoa apostaria na segunda opção. O cenário encontrado por Ubaldo poderia ser muito pior. Ao invés dos nove integrantes de sua família, estavam dentro de casa no momento em que ela veio ao chão, além de Tião, a mãe e o cachorro preto Duque. Eurides fazia o que mais lhe dava prazer naquele fim de manhã de 1981: preparava o almoço para a família. Ao ouvir o que parecia ser um estalo em uma das paredes, seu marido caminhava pelo quintal. Já dentro da sala, Tião viu uma rachadura no teto e escutou outro estalo. “Pega o que estiver do seu lado e sai correndo de casa porque ela vai cair”, avisou. Sua mulher não conseguiu arrastar nada dali. Só encontrou tempo para desligar o botijão de gás.

“A sorte nossa foi que a casa não caiu nem para um lado e nem para o outro, mas assim, reta. Ela desmoronou. Se fosse o contrário, tombaria em cima dos vizinhos. Ficamos sem ação. Fazer o quê? Recorrer a quem? Foi muito doído. Também porque somente uma vizinha do outro lado de lá quem nos acolheu. O nosso fogão foi embora, foi panela, mantimentos, tudo. Aí a vizinha falou: ‘Dona Eurides, pode vir aqui em casa, vem aqui fazer comida para as suas crianças’. E eu ia lá, fazia a comida e trazia para cá para a gente se alimentar”.

Helinha, onze anos à época, não guarda imagens claras daquele dia. Os sentimentos frente à tragédia ainda estão bem vivos dentro dela. Em meio à multidão de curiosos aglomerada na rua, ela oscilava entre o choro diante do choque e o alívio por ter encontrado a mãe e o pai sem nenhum arranhão. Seu irmão Eduardo, o “Dudu”, foi avisado do fato por telefone por um vizinho: “Olha, vem correndo para cá, porque a casa de vocês caiu”. Largou de imediato o trabalho no meio do expediente sem dar satisfação ao patrão e correu em direção à estação de metrô Praça da Árvore, o ponto de partida de um longo trajeto até Lauzane Paulista. Estava assustado – e viajou por entre os túneis com os piores pensamentos como acompanhante – porque o emissário não soube lhe dar maiores detalhes além da notícia, curta e grossa.

Duque, o cachorro, foi o único a não deixar a casa a tempo antes de ela beijar o solo. E não morreu porque alguns destroços formaram uma espécie de escudo sob o qual ele se protegeu de uma pancada fatal. Sujo, atordoado, mas vivo, o animal saiu do esconderijo e ficou por mais algum tempo ao lado daquela família lambendo as feridas do tenebroso episódio. Mas Sebastião não tinha tempo para lamentar, não. Sentindo sobre os ombros o peso maior de zelar pelos seus, precisava ser mais prático e menos afetuoso.

Tempos atrás, havia aterrado o jardim localizado na entrada da casa, logo à esquerda de quem passava pelo portão, para levantar um cômodo no lugar. Espaço independente da construção recém-desmoronada, ele tinha o tamanho de uma garagem para um carro e, no futuro, poderia ser alugado e gerar renda para todos ali. Na urgência da situação, teve outra serventia. Os nove integrantes da família se mudaram e passaram a viver naquele pequeno quadrado. Não havia tempo para amargar as dores daquela tragédia. E assim a vida teve de seguir seu curso quase normal. Ubaldo e Dudu saíam cedo para trabalhar, as meninas se concentravam nos estudos, a mãe em cuidar daquela “casa” e da comida. Já Tião, começou a levantar um novo lar. Sim, aquele sapateiro decidiu ser mais uma vez o engenheiro, arquiteto e mestre de obras de uma nova construção.

Aguerrido e sozinho, retirou terra daqui, terra de lá, até deixar o terreno pronto para que uma nova casa fosse erguida. Mais tarde, um amigo se juntou a ele e emprestou um caminhão para transportar o entulho acumulado. E foram dias e dias assim, limpando o terreno. Escaldado, dessa vez ele deu sustentação diferente à casa, abusando de sapatas que, segundo os filhos, pareciam estar ali para sustentar um prédio. Certo dia, um mestre

de obras passou pela rua e parou em frente. Fitou a estrutura e, curioso, perguntou a Tião por que ele optara por aquilo tudo. “Porque não quero mais ver a casa cair em cima de mim”, respondeu o construtor de ocasião.

E assim o sapateiro construiu uma segunda casa para abrigar mais decentemente todos ali. Ou melhor, ex-sapateiro. A oficina localizada no fundo da antiga casa onde Sebastião consertava calçados não sobreviveu ao desmoronamento. Naquela época, os filhos já contribuía com uma parte do salário, mas sempre precisava de mais dinheiro circulando por ali. Tião sempre fora um pé-de-boi. Não via problema em se enfiar em qualquer espaço capaz de lhe proporcionar renda. Tomado por essa força motriz, passou a dar expediente em campos de futebol. Em dias de jogos, lá estava o homem ziguezagueando por arquibancadas vendendo sorvetes e água. Quando não se metia no meio do povo que roía as unhas, da batucada das torcidas ou das bandeiras agitadas para embelezar o espetáculo, Tião podia ser encontrado na porta do estádio.

O estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, na zona oeste de São Paulo, era onde ele batia ponto com maior frequência. Abordava a clientela antes, durante e depois das partidas. A jornada de trabalho daquele corintiano acontecia principalmente à noite. De dia, ele concentrava suas forças nas tarefas caseiras, em Lauzane. De vez em quando encontrava uma brecha e também dava uma incerta do Parque do Ibirapuera para testar o tamanho da sede dos frequentadores em dia de sol escaldante. Difícil parar aquele homem, como pontua Ubaldo:

“A gente sobrevivia de suor, muito suor, principalmente do meu pai. Quando as coisas em casa rareavam, ele se virava, ia para o campo de noite vender sorvete. Tudo o que ele ganhava era para ter comida na mesa de casa e construir um novo lar para nós. Eu não tinha ideia do quanto ele trabalhou para nós termos tudo isso hoje. A minha ficha só foi cair mais tarde. Na mesa da cozinha onde todos se reuniam para comer, parecia que o meu pai era muito rápido. Eu não percebia se ele comia, se bebia. Só depois eu soube que, muitas vezes, ele deixou de se alimentar para sobrar comida para nós.”

Tião à parte, ninguém por ali, na casa antiga ou na seguinte erguida por ele, passou fome ou grandes necessidades. Amigo da família e padrinho de Lica, Pinheiros presenteava em época de Natal não só essa filha de Eurides e Tião como o restante da prole do casal com brinquedos e roupas

seminovas. Conforme cada um fosse crescendo, os objetos eram repassados para os menores. Dessa forma, todos passaram a dar valor às coisas, porque fartura era peça rara na prateleira. O sustento vinha mesmo dos bicos do vendedor Tião, acostumado a guardar em casa o dinheiro arrecadado com as vendas na rua.

Helinha, atenta à hora do retorno do pai para casa, sempre corria para o portão para, ali, o esperar. Esperta, sabia que o dinheiro chegava junto com ele. A sua felicidade ficava completa pouco tempo depois. Cercado pela família, ele deixava a criança abrir a sua maleta, recolhia aquelas notas amassadas e as jogava para o alto. Além de lúdico, o espetáculo demonstrava que aquele homem que batia ponto em estádio de futebol venciam o jogo ao final de cada partida mesmo atuando bem distante do gol. A comemoração maior, porém, era outra.

No dia seguinte ao triunfo durante a labuta, Tião saía radiante de casa em direção ao mercadinho e de lá retornava com peças de mortadela e muçarela e alguns gramas de amendoim. Era raro o marido de Eurides dar dinheiro para os filhos gastarem com bala ou outras guloseimas. Por outro lado, notório homem de habilidade manual, transformava em pé-de-moleque e paçoca o amendoim torrado por ele e não economizava açúcar e limão para fazer uma bala elevada à condição de sonho de consumo de todos ali. Não existia almoço ou jantar naquela casa que não fosse seguido de doce. Outra grande alegria proporcionada pelo antigo cantor de clubes noturnos vinha na sequência, quando fazia um *flashback* e dava uma palinha dos sucessos de Ataulfo Alves entoados por ele em cima de palcos, tempos atrás.

O *show* intimista acontecia de noite, sem agendamento prévio. Em pouco tempo, transformava-se em festa com direito a batucada improvisada pelos filhos em porta da geladeira e em caixas de fósforo. Quem consultar Helinha sobre a memória afetiva mais recorrente de sua infância e adolescência em Lauzane, irá ouvi-la dizer algo assim:

“Se eu fechar os olhos, a imagem que primeiro vem à cabeça é a gente se juntando em casa para ouvir o meu pai cantar. Além de ser uma situação em que estávamos reunidos em um mesmo ambiente, você olhava e via todo mundo dando risada, se divertindo. Era um momento forte, de união, mas, ao mesmo tempo, atravessávamos uma fase difícil. Ali, a gente esquecia os problemas. Esses foram os raros momentos em que via o meu pai rindo e a minha mãe dançando.”

Tais passagens não aconteciam com tanta frequência. Sebastião fora um homem muito atarefado, sempre preocupado em se fazer presente não só entre os parentes, mas também na comunidade de Lauzane. No bairro, foi diretor social da Sociedade Amigos do Lauzane Paulista, conhecido como Sede, um clube administrado pela Prefeitura. Bom de prosa, pouco adquiriu conhecimento em sala de aula. Sem ter no currículo sequer o ensino fundamental, era ótimo ouvinte. Tinha toda paciência para atender quem o procurasse. Muitos batiam palma no portão de sua casa em busca de conselhos.

Era agradável conversar com aquele homem que nunca leu sequer um livro inteiro. Articulado e com grande poder de argumentação, parecia saber de tudo, de passagens da *Bíblia* a conceitos de engenharia. E se empolgava quando médicos e advogados o requisitavam. Mais do que inteligente, era escolado, cirúrgico na hora de radiografar as intenções de alguém. Sabia se fazer notado onde estivesse.

Com tanta gente margeando aquele ex-sapateiro e líder comunitário, Tião, um pouco por falta de tempo e muito por gosto particular, não foi um pai acostumado a sair de braço dado com a prole para passear. Também não era de riso fácil. Dentro de casa, por sua vez, sempre quis saber tudo sobre todos e insistia no assunto estudo com os filhos. Por ele ser sério na maior parte do tempo, Helinha pensava duas vezes antes de puxar papo.

“Era difícil ver meu pai abraçando, beijando a gente. Ele sempre foi muito sério. Então, em algumas ocasiões, eu tinha um pouco de receio de me aproximar dele. Minha mãe conta que a infância dele foi difícil e ele foi muito durão durante a vida toda. Enfim, teve de assumir uma postura diferente.”

Abraçando a todos sem se valer muito do toque. Assim Tião se postava frente às difíceis culdades. Paizão, passou adiante a retidão de caráter e a liderança, traços que, anos mais tarde, fariam Helinha também ser respeitada dentro de casa entre os parentes e nos palcos esportivos mundo afora.

FREIRA

Antes mesmo de os primeiros sinais vitais se manifestarem no colo da avó que a puxou para a vida, a quinta filha de seu Tião e dona Eurides já tinha nome definido. Moradora de Lauzane Paulista, Hélia foi uma amiga muito generosa e querida pelos pais da futura atleta. A justa homenagem, no entanto, só caiu nas graças da menina tempos depois, quando o diminutivo entrou no jogo. Helinha, como a franzina garota passou a ser chamada por amigos e parentes, a agradava mais, soava carinhoso. Mais tarde, um amigo sabichão lhe falou mais sobre o nome: Hélia teria alguma coisa a ver com o Sol (*). Pronto. A criança que tinha mania de ficar contemplando o Sol, sabe-se lá por que, tinha descoberto uma explicação para tal fascínio.

O brilho de Helinha demoraria um pouco para ser notado por causa de sua introspecção. Mesmo acompanhada dentro de casa por seis irmãos, não é possível elevar um ali ao posto de seu confidente. Não que fosse desconfiada. Apenas preferia guardar seus conflitos para si. Com Paula, a irmã mais velha, se estendia mais no papo, mas nunca colocava na mesa as fraquezas, as questões que a afligiam. Nem mesmo com a mãe ela se sentia segura para se abrir.

Helinha e Eurides foram constituídas de traços distintos. A filha nunca foi bagunceira, festeira – apesar de habilidosa na dança, como a mãe. De personalidade semelhante à do pai, sempre organizou de forma meticulosa os seus pertences. Tal cuidado não encontrava semelhança com o das irmãs – talvez um pouco com a de Paula, vá lá. Seu semblante, assim como o do irmão Ubaldo, é muito parecido ao de Tião. Ela e o primogênito têm, até hoje, outras características semelhantes: a timidez, o acanhamento. O técnico Zé Roberto a conhece desde a adolescência. Com ela, firmou uma parceria no esporte duradoura, de pouco mais de trinta anos. Por isso, fala de cátedra sobre a personalidade da amiga e ex-atleta:

“Ela raramente falava alguma coisa da sua vida. Às vezes, eu brincava até para ver se arrancava alguma coisa, mas era muito esporádico isso acontecer. No geral, eu não me intrometia.

Sempre preservei a sua intimidade. Ao final das refeições em grupo, Fofão ficava um pouquinho a mais na mesa, mas logo saía para escrever, assistir a um filme, uma novela ou ler. Ela se fechava muito, nunca foi de se expor.”

Saber a fundo as ideias que pipocavam na cabeça de Helinha não é – e nunca foi – tarefa fácil para qualquer um. O fato nunca foi um troféu erguido por ela, não era motivo de orgulho. Pelo contrário, lhe causava sofrimento. Na Escola Municipal Marcos Mélega, ela percorreu o ensino fundamental com notas de razoáveis para boas. E tinha desempenho sofrível no quesito entrosamento com os colegas. Reconhecia sua deficiência, mas não conseguia superar a dificuldade de fazer amizades. Além da vergonha, não se sentia à vontade para trocar experiências com outras pessoas. A questão da anemia – a fraqueza e a falta de ânimo como efeito-rebote – também contribuía com o quadro. Como resultado, até hoje Helinha não se recorda de nenhuma amiga de colégio. Em Lauzane, havia apenas uma garota, Patrícia, com quem a filha de Tião e Eurides se relacionava. E, ainda assim, quando procurava a amiga na casa dela, a convidava para brincar na rua, não para bater papo.

Convivendo sozinha com os seus segredos, sonhos e incertezas, conversando consigo mesma, Helinha tinha um costume um tanto estranho. Roteirizava em sua cabeça um trecho de seu dia, conferindo a ele passagens fantasiosas. Nesse mundo imaginário, ela conseguia sair da sombra e se expunha nessas histórias sem se preocupar com a timidez. Mais tarde, viria a trocar a prática pela escrita. Escrever era uma maneira de libertar os fantasmas e posicionar-se com firmeza. Era raro vê-la explodir com alguma coisa ou pessoa.

Com medo de se expor, pensava duas, três vezes, e permanecia quieta. Mas isso lhe fazia muito mal. Sufocada, chorou escondida muitas vezes. Essas situações estão impressas em diários. Posicionamentos sobre episódios do passado não exteriorizados por ela à época dos acontecimentos.

“Na verdade, eu acho que nunca dei muita chance de saber quem é a Hélia, porque eu me transformei em Fofão muito cedo. De alguma forma, isso fez com que a Hélia, que talvez eu também não conhecesse, ficasse um pouco apagada. A Hélia é o que eu fui na infância. Eu tive que praticamente ser outra pessoa quando passei a jogar vôlei. A Hélia, então, ficou um pouco esquecida, é uma criança ainda, e a

Fofão tomou conta dessa pessoa que, por circunstâncias e tudo o mais, não pôde se expor e ser o que gostaria de ser.”

Helinha sempre se achou uma criança estranha. Certa de que havia algo de errado, pôs na cabeça: só um convento a salvaria, poderia lhe trazer respostas sobre o seu jeito de lidar com a vida. Assim, decidiu ser freira – até comunicou a decisão para a mãe. Eurides respondeu: “É, vai saber, pode ser”. A ideia não chegou a se concretizar. Pouco tempo depois, ela vislumbrou o sucesso na carreira de psicóloga. Poderia dar certo. Desde pequena, era observadora, prestava muita atenção nas pessoas ao redor, no comportamento delas, exatamente como sempre fez seu pai Tião. Helinha também não tinha jogo de cintura para se relacionar com o sexo oposto. Na verdade, não fazia tanta questão de procurar os meninos, não era vaidosa e não perdia o sono por causa disso. Demorou muito a avançar nessa frente – também porque Tião puxava a rédea –, em fazer amizade com um garoto na escola. O primeiro beijo na boca aconteceu aos 17 anos de idade.

“Era um garoto da rua de casa. Eu era boba, boba de ingenuidade mesmo. Minhas irmãs não. Elas eram espertas. Acho que puxaram a minha mãe, porque essa era triste! Elas sabiam fazer as coisas escondidas, sabe? Até o meu pai elas conseguiam enganar. Eu não tinha essa malandragem. Minhas irmãs sempre fi zeram as coisas e ficava tudo entre elas. Eram mundos muito diferentes, o meu e o delas.”

Desde os 11 anos, quando passou em um teste de vôlei e foi recrutada para se aperfeiçoar na modalidade no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, da Prefeitura de São Paulo, Helinha ignorava o lazer. Ter sobre o ombro muito cedo a responsabilidade de acordar de madrugada, embarcar em transporte público para treinar – e, na sequência, bater ponto na escola – contribuiu para que ela se distanciasse ainda mais de outras atrações juvenis. De novo, a personalidade dela e do pai se cruzam. Tião era o exemplo vivo de quem abriu mão de muita coisa, como a carreira de cantor, para ser bem-sucedido no papel de chefe de família. Helinha tinha muitas amarras, receios na vida. Para virar o jogo e ser notada, ela tinha como certo um caminho: não decepcionar o pai.

Ela tinha acompanhado a frustração de Tião com o primogênito da família. Alto, 1,93 metro, Ubaldo era um gigante no futebol. Destacava-se pela habilidade demonstrada em campo e era requisitado por muitas pessoas

da região para disputar torneios amadores zona norte afora. Por ser tão bom, o garoto chegou a treinar na Portuguesa e no São Paulo. Ganancioso, ao invés de ouvir os conselhos do pai, assinou um contrato com um empresário no qual teve a idade alterada para disputar um campeonato. Virou gato, o jargão usado no meio esportivo para essa prática ilegal.

O erro sepultou a promissora carreira daquele jovem. Apontado como futuro craque da família, Tião botava fé em Ubaldo e, desconfiado das intenções do tal agente, aconselhou o filho a ir com calma. Tentou, ainda, tomar a frente das negociações. Em vão. Ubaldo partiu para o ataque, quis acelerar o processo. Certo dia, chegou em casa e comunicou a todos ter assinado o contrato. O tempo ia passando e Ubaldo era cada vez mais colocado para escanteio pelo empresário. “Você não fez besteira? Agora, assuma as consequências”, falou duro um Tião de coração partido. Ubaldo não soube administrar o imbróglio e pendurou as chuteiras antes dos vinte anos, para correr atrás de trabalho e ajudar a família, contribuindo com as despesas de casa.

Helinha acompanhou tudo de perto e não esquece até hoje a dor e a frustração provocadas pelo episódio em seu pai, um ex-atleta apaixonado por esportes. Tião sempre incentivou os filhos a, além de estudar, praticar alguma modalidade esportiva. Em casa, uma das diversões preferidas por ele era ligar a TV para assistir, além de futebol, lutas de boxe. Na sala, de olho na tela, Helinha se apaixonou pelo jeito de correr de Joaquim Cruz e descobriu o talento das jogadoras de vôlei Jackie Silva, até então Jaqueline, e Isabel. Sentia-se atraída por atletas decisivos, por personagens do esporte craques em atrair a atenção da mídia e fazer da competição um espetáculo, como Ronaldo, ex-goleiro do Corinthians.

Tião era uma felicidade só em meio a essa reunião em família. Mais adiante, quando percebeu o desempenho acima da média da quinta filha no vôlei, cercou-se para livrá-la de um conto de fadas engendrado por algum empresário forasteiro. Preocupado em evitar um tombo parecido ao de Ubaldo, tornou-se praticamente a sombra de Helinha. Teve participação efetiva na vida dela desde cedo, era cuidadoso ao extremo, conversava muito com a filha. Ela, então, criou um senso de responsabilidade e caminhou calçada de princípios como disciplina, correção e postura, os mesmos com os quais Tião vencia as adversidades dentro de casa.

“Quando o meu pai soube o que eu desejava, era como se nós dois tivéssemos feito um acordo. Ele receava que eu não confiasse nele,

como aconteceu com o Ubaldo. E eu tinha muito medo de fazer algo errado que o machucasse. Então, a gente sempre conversou muito sobre tudo. Quando eu queria fazer algo, ele me chamava para uma conversa: ‘vale a pena, não vale a pena? Não se pode fazer as coisas por impulso, por empolgação’. Desde então, eu nunca tomo uma decisão sem antes pensar muito. Eu herdei dele a cautela. Sempre prefiro responder algo amanhã ou depois, porque primeiro eu quero analisar e refletir sobre todas as coisas.”

A parceria com o pai era, então, muito mais importante para Helinha do que a (falta de) popularidade no colégio. Enquanto Tião agia como conselheiro, apontando atalhos para a filha, Eurides a incentivava a ouvir seu marido e proporcionava o suporte caseiro, a alimentando em horários corretos, separando as roupas e a fazendo descansar para suportar a jornada dupla escola-esporte. Logo cedo, Helinha se viu com o foco direcionado para a excelência na prática do vôlei, distante de namoricos, vaidades femininas e baladas ao lado de irmãs ou amigas. Sem muita consciência, já tinha traçado o caminho que percorreria em breve.

(*) Hélia é a variante feminina de Hélios, o deus do Sol na mitologia grega.

ESPORTE NA COMUNIDADE

Um dos primeiros contatos de Helinha com o mundo dos esportes aconteceu no chão de terra no fundo de sua casa. Ali, além de cuidar do galinheiro, Tião colocava os filhos para trabalhar. Uma vizinha costurava bolas para a empresa Tupã – mais tarde a marca daria origem à Drible, conhecida como a bola do Pelé. Com o couro e outros materiais em mãos, aquela moradora de Lauzane saía recrutando pessoas para ajudá-la a dar conta da tarefa. Certo dia, procurou Sebastião para saber se os filhos não gostariam de ganhar alguns trocados. O material já vinha furado e a prole só teria o trabalho de ligar os pontos.

A molecada adorou o esquema: ter contato com bola a céu aberto no quintal de casa. O pai ficou como guardião do arrecadado pela “empresa” familiar. E no posto permaneceria até todos os filhos se especializarem no ofício. Somente depois disso lhes comunicou: passariam a trabalhar por produtividade, recebendo um percentual em cima do número produzido. Paula aprendeu primeiro a costurar bolas com maestria e rapidez. Ubaldo veio na sequência e estendia a sua jornada noite adentro para se especializar também e aumentar os seus rendimentos. Ao final do expediente, entregava o dobro de bolas costuradas pela irmã.

Helinha não fugiu à lida. Com menos de dez anos, já estava lá naquele pedacinho de chão de terra, segurando as tiras de couro, espetando a ponta do dedo com a agulha vez ou outra, em meio às galinhas que cacarejavam para lá e para cá. Fez nascer muita redonda sem ter a menor noção de que, anos mais tarde, faria a vida arredondando bolas com as mãos para atacantes mundo afora. O esporte era o elo de ligação entre todos naquela família. Sebastião fora esportista. Eurides, torcedora do marido, acompanhando suas investidas como jogador de futebol e pugilista.

A mãe de Helinha, na verdade, sempre foi fã número um de todos de casa. Enquanto o marido, diretor do Clube Desportivo Municipal (CDM), treinava o time de futebol do qual Ubaldo e Dudu faziam parte, Eurides batia ponto no dia dos jogos e cuidava de alimentar a molecada toda – e não só os filhos. “Por que você está levando essa sacola para o jogo?”, reclamava Tião. “Eu sei o que estou fazendo”, retrucava a esposa. Ao final das partidas, ela retirava cafezinho com leite e lanche fresco para alimentar

aqueles atletas de fim de semana. E torcia muito. Não chegava a xingar juiz, mas bateu boca com muitos e costumava perguntar se eles queriam óculos emprestados para apitar direito o jogo. O marido não aprovava o jeito espalhafatoso de torcer da esposa e sempre procurava ficar longe dela, isolado em um canto. Aquela algazarra toda de Eurides para assistir às partidas era demais até para aquele ouvinte contumaz.

O vôlei foi o último dos esportes a cair nas graças de Helinha. No início, de forma praticamente lúdica, ela praticou salto em altura. Em forma de lama, o terrão da rua de sua casa fazia as vezes, ao mesmo tempo, de pista e colchão. E uma linha estendida entre dois postes formava o sarrafo improvisado sobre o qual a garotada de Lauzane tentava ultrapassar, antes de se esborrachar naquele terreno encharcado. Criança ainda, participou de competições de minimaratona. Na escola, alçou voo no handebol, a princípio, seguido por basquete e futebol. Essas andanças todas apontaram um caminho a ela: percebeu ter maior facilidade e se sentir mais plena em atividades nas quais uma bola estivesse em jogo. Ao final dessa incursão pelo universo esportivo, mergulhou no vôlei, modalidade distante de seu radar por ser, à época, pouco difundida no País.

O esporte patrocinou a sua aceitação na escola, ambiente no qual ela ocupava uma posição de quase invisibilidade por causa da timidez. Por outro lado, nas aulas de educação física, Helinha mostrava a que veio ao mundo. Nas arenas escolares, costumeiramente ocupava posição de destaque durante as partidas. Os meninos cujos olhos nunca brilharam para a colega se rendiam ao seu talento ainda bruto. Sempre havia discussão entre eles para ver quem a teria em seu time. O esporte, portanto, não só a fazia vencer em quadra, como também era saudável para a autoestima. Era como se alguém lhe dissesse “acredite, você faz a diferença”.

A educação física, afinal Helinha, a salvou de um mundo – a escola, no caso – o qual não vinha fazendo muita questão de ocupar com todo o potencial. Mais ainda, a expressão pelo corpo lhe liberava a alma. Ela tinha nove anos quando deu suas primeiras cortadas. Cortadas e não toques: iniciou no vôlei atuando como atacante de ponta. Ela, as irmãs Cláudia e Paula e algumas amigas faziam parte do time feminino da Sede. Por sua vez, seus irmãos Ubaldo e Dudu integravam o time de futebol. Foi uma época bonita. Os sete filhos de Tião e Eurides dividiam guloseimas, roupas, e apoiavam uns aos outros em suas atividades esportivas.

Entre as meninas, um mesmo par de tênis era compartilhado por todas por um detalhe: a maioria calçava 39. Pé de pobre não tem número, sabia cada um dos integrantes daquela família. Helinha se acostumou a descartar um calçado somente depois de ver o dedão atravessar a costura. Ela e as irmãs sempre se deslocavam até o campo onde os irmãos, Ubaldo e Dudu, disputavam campeonatos. Eles, por sua vez, agiam da mesma forma para apoiar as irmãs em competições de vôlei. Helinha lembra daquele início:

“Minhas irmãs Cláudia e Paula eram as melhores. Quando aconteciam campeonatos aqui pelo bairro, elas sempre me chamavam para fazer parte do time. Então, eu comecei a pegar gosto pelo vôlei, mas não sonhava em ser uma atleta profissional. Eu encarava aquilo mais como um divertimento, porque curtia estar reunida com todo mundo, o ambiente era gostoso. Mas o fato de eu brincar de esporte já começou a me formar como jogadora e fez com que eu tivesse e maior facilidade para a modalidade. As brincadeiras que a gente fazia na rua e na escola é o que a gente usa em quadra: rolamentos, saltos, cair com o peito no chão. Ter convivido com aquelas pessoas todas lá atrás fez toda a diferença.”

Naquela época, Cláudia, a segunda filha mulher dos Souza, brilhava e servia de espelho para Helinha. Além de talentosa, demonstrava muita gana quando a bola estava em jogo. *“A Cláudia era uma das melhores da região. Era uma excelente jogadora de vôlei. Até hoje se você perguntar ao Zé Roberto, ele dirá isso sobre a nossa irmã”*, diz Ubaldo. O técnico da seleção esteve presente em atuações de Cláudia em campeonatos amadores. E, para espezinhar Fofão, costuma repetir em sua presença: *“A melhor jogadora da família é a Cláudia.”* Por causa de uma sucessão de problemas físicos, ela teve de encerrar prematuramente uma promissora carreira como atleta. Helinha, apesar de ser a menor de todas, já se destacava durante as partidas, relembra Sandrinha, ex-companheira de time da Sede.

“Eu era levantadora da Helinha e ela, a minha atacante. Ela e as irmãs. Nós éramos meio time, sem querer ser modesta. Ela fazia uma ponta maravilhosa. A irmã Cláudia fazia o meio. A gente tinha um timaço e todo mundo tinha medo da gente. Voltávamos com troféu da maioria dos lugares. A gente treinava no Sede até que começamos a nos dividir, a cada uma tomar um caminho. Eu não fui para frente por causa do meu tamanho. Hoje, jogo vôlei como diversão no Palmeiras.

Enquanto eu puder dar um rolamento e um peixinho, sigo jogando. O dia que não conseguir mais fazer isso tudo, recolho as joelheiras.”

De olho do time de futebol masculino, Tião também não desviava a visão de Helinha. E vice-versa. Quieta e caseira quando longe da prática de esporte, ela sempre dava um jeito de estar perto do pai para ouvi-lo e prestar atenção na maneira como ele agia. Assim, de forma natural, ele ocupou a posição de anjo da guarda da mais comedida das filhas e auspiciosa jogadora de vôlei. Por anos, Helinha dependeu demais do pai para caminhar, não chegava a uma conclusão sobre determinado assunto sem antes consultá-lo. Os conselhos paternos lhe faziam sentido e por meio deles, ela acreditava, triunfaria. Muitas vezes pensou em desistir. O pai não permitiu. E até hoje carrega os ensinamentos aprendidos com ele.

O mais marcante deles, lembra Ubaldo, acontecia quando Tião espalmava a mão direita praticamente sem o dedo indicador, amputado depois de um acidente na sapataria, para expor a metáfora na frente de todos: “Estão vendo? Nenhum dos dedos é igual. Nenhum dos meus filhos será igual também. Um vai ser bom, outro excelente, um outro pode ficar a desejar. Todos são estrelas, mas talvez um só brilhe. Mesmo assim, a função de cada um é apoiar o outro e dar suporte para que aquela estrela nunca se apague.”

Focado em fazer brilhar cada vez mais a estrela de Helinha, além de técnico da rapaziada do futebol e dirigente de clube de Lauzane, Sebastião passou a atuar como empresário dela. E sem conhecimento de causa, assim como fez quando cismou em levantar duas casas. A escola da vida já lhe bastava. Carregava consigo uma certeza: a simplicidade não torna uma pessoa humilde, ela a faz crescer. Graças às negociações costuradas pelo pai sapateiro, Helinha nunca jogou em um time sem estar calçada por um contrato devidamente assinado. Tião ia para as reuniões com os empresários sempre na estica, impecável. O homem, apesar de amar um chapéu de palha sobre a cabeça e caminhar descalço na terra, sabia se meter com galhardia em um terno, uma gravata e um sapato lustrado. Esse fora o uniforme de sua porção cantor de casas noturnas.

Tião nunca se apresentou nas reuniões com discurso ensaiado ou anotações em papel. E ensinou a todos da família a sempre levar uma testemunha em ocasiões do tipo – Helinha o acompanhou em muitas delas. Seu forte era ser um bom ouvinte e ter uma memória irritantemente privilegiada. Então ele ouvia, ouvia, ouvia tudo o que o interlocutor tinha a

propor à filha. Quando chegava a sua vez de defender a guarda, o fazia de maneira reta e com a precisão de um *jab*, mais ou menos assim: “O senhor está conversando comigo como se estivesse falando de uma outra pessoa. Não está aqui na frente do senhor uma jogadora juvenil. Não sei, então, de quem o senhor está falando. O senhor nem deveria me apresentar um contrato assim. Então a gente vai embora e quando o senhor tiver algo melhor, daí a gente retorna, porque o senhor não está conversando comigo direito. Não está falando da minha filha.”

A sequência de um recado do tipo era algo como: “Ô seu Sebastião, imagina. Fulana, traga um café para o seu Sebastião, por favor!”. Pai de atleta pode não ser empresário diplomado, mas geralmente sabe o que é melhor para a sua prole. Sem estudo, matuto e ex-boxeador, Tião tinha ginga de sobra para se esquivar de golpes baixos. Helinha morria de orgulho nessas ocasiões, mas se assustava. Arregalava o olho com a lição de moral deixada na mesa de negociação.

O ex-pugilista não amolecia, era duro na queda, dentro ou fora de casa. Tião não gostava de bebida alcoólica. Em um sábado à noite, seu filho Dudu exagerou nas doses de cerveja. No dia seguinte, apresentou-se ainda exalando a noitada anterior para defender o time da Sede comandado pelo pai em um campeonato importante na região. No vestiário, enquanto os atletas se trocavam, Tião não trocou olhares com o filho. Dudu, à época, era a peça mais importante da equipe, estava em grande fase, suplantando o desempenho do craque da família, Ubaldo. Já na quadra, Tião foi seco na direção do filho: “Você vai ficar no banco”. Chiadeira geral dos atletas: “Seu Tião, deixa o Dudu jogar, precisamos dele”. E veio o efeito rebote: “Se alguém falar de novo, fica fora do jogo também”. Dudu perdeu o jogo. Venceram a disciplina e a lição: “Eu tenho de cobrar os meus filhos. Se vocês não forem exemplos para os companheiros, que moral eu terei para cobrar os outros?”.

Seu Sebastião tinha um carinho enorme pelos seus comandados, pela comunidade cuidada com zelo por ele à frente da Sede. Felicidade para o ex-sapateiro era chegar lá com uma sacola cheia de tênis usados pelas filhas Cláudia e Paula no Clube de Campo Associação Atlética Guapira, defendido por elas na época, e ver a garotada calçando o pé direito com o exemplar de uma marca e o esquerdo com o de outra – só para jogar bola. Além de distribuir roupas e alimentos, o pai de Helinha transportava seus atletas para disputar campeonatos. Queria vê-los se divertindo e aprendendo

com o esporte. *“Uma época, eu estava contundido e ele me falou: ‘Vem aqui para a minha casa que a gente vai tratar o seu tornozelo’. Todo dia, durante três meses, eu ia lá e ficava me tratando acompanhado da família. Eu nunca irei me esquecer disso”*, conta Feijão, um ex-comandado.

Feijão, Ubaldo, Dudu e antigos companheiros de time seguem juntos, hoje, disputando peladas no mesmo lugar onde Tião os treinava.

Cheio de argumentos e histórias para dividir, Sebastião aconselhava a garotada a não se perder no meio do caminho.

Vez ou outra usava como exemplo a falta de profissionalismo do filho Ubaldo, que atropelou a ética e permitiu ter a idade adulterada por um empresário. Por outro lado, rasgava elogios à quinta filha. *“Naquela época, o seu Tião dizia com a maior certeza e orgulho para nós: ‘A Helinha será uma das maiores jogadoras do mundo’”*, diz o ex-atleta Feijão. Mas na cabeça da filha de Tião, quando a professora de educação física passou a dar aula de vôlei na escola onde ela estudava, somente jogadores de futebol conseguiam se tornar profissionais e fazer carreira no esporte.

O vôlei ainda estava muito atrelado ao amadorismo, no Brasil, e carecia de maior visibilidade. E, para Helinha, praticar a modalidade era sinônimo de diversão, servia para inflar a sua autoestima, espantava a timidez, a tirava do anonimato e a aproximava dos colegas com quem tinha dificuldade de puxar papo. Talvez o vôlei cumprisse apenas esse papel social, não fosse um detalhe: em comparação com as colegas, Helinha era acima da média tocando a bola com as mãos. Na quadra, ela encontrou o seu lugar, era feliz, transformava-se. Sua professora passou a incentivá-la e testá-la cada vez mais durante as aulas. E Helinha não decepcionava. Dentro das quatro linhas, nada nem ninguém a intimidava. Jogava entre meninas e meninos com a mesma desenvoltura. De olho no desempenho da aluna, a professora chamou os pais de Helinha e lhes recomendou a levar a filha para o Centro Olímpico.

No local, ela e duas colegas de escola passariam por um teste para saber se reuniam condições para figurar em um programa de aperfeiçoamento de habilidades esportivas destinado a atletas de categorias de base. Helinha, o pai e as amigas foram de metrô e ônibus até o bairro do Ibirapuera, onde aconteceu a peneira. A filha de Tião não estava nervosa porque até então não sabia o significado de um teste de vôlei. Ao chegar ao ginásio, viu outras trinta crianças no mesmo espaço. Elas também participariam do mesmo processo de seleção. Depois de gastar os braços com sequências de

toques, manchetes e cortadas, soube, ao final daquela mesma semana: fora a única a passar no teste.

Seu ego nunca ficara tão inflado. Elogiada, exaltada, estava muito feliz, mas teve a sabedoria de controlar a alegria, porque muitas crianças choravam ao redor dela, inclusive as duas amigas de colégio – elas, inclusive, fariam o trajeto de volta com a única aprovada no teste e o pai dela. De volta para casa e já consciente do tamanho da conquista, Helinha pensou: “Caramba! Devo ser boa mesmo. Tanta gente e só eu passar. . agora, vou seguir firme!”. De brincadeira que lhe conferia vida, o vôlei tornou-se ali um sonho possível.

DE LAUZ ANE PAULISTA PARA O IBIRAPUERA

V encida a barreira da primeira seleção, cedo Hélia percebeu que chegar ao Centro Olímpico não significava apenas passar pelo teste e ser uma entre tantas. A próxima etapa a ser superada seria a distância entre sua casa, no extremo da zona norte, até o Ibirapuera, no coração da zona sul, o que significava acordar três vezes por semana, ainda de madrugada, e percorrer um longo caminho a pé e em transporte coletivo.

Vivência comum para trabalhadores das periferias, acordar ainda à noite era um fato quase inusitado para a garota de onze anos, que, no princípio, contou com a presença de Sebastião. O pai a acompanhou por semanas ao longo de todo o percurso até estar seguro de que a filha havia aprendido os meandros do caminho e as estratégias para não ser abordada. A companhia paterna significava cuidado e também a oportunidade de mais um tempo para conversas e conselhos.

Passado o processo de aprendizagem, a menina começou a se deslocar sozinha, muito embora contasse com a presença dos conhecidos “do caminho”, aqueles rostos com os quais se habituou a compartilhar os mesmos ônibus naqueles horários tão pouco usuais ao público acostumado à luz do dia. Em casa, pai, mãe e irmãos se revezavam na tarefa de acompanhá-la a pé até o ponto, às 5 e meia da manhã, em uma caminhada que passava por ruas escuras e de pouco movimento. De Lauzane Paulista, a viagem seguia até a estação Santana do metrô, onde uma baldeação era feita em direção ao centro da cidade, para novamente voltar a um ônibus até chegar ao Centro Olímpico, no Ibirapuera. Em pouco tempo, Hélia percebeu que essa rotina alteraria radicalmente, não apenas sua vida pessoal, mas também a escolar.

Se no princípio os estudos no período da tarde e os treinos pela manhã faziam parte de uma rotina cumprida com facilidade e satisfação, com o ingresso no Centro Olímpico os turnos foram invertidos para que os treinos vespertinos pudessem ser realizados com a dedicação necessária para uma atleta. A primeira grande mudança aconteceu ao deixar a escola conhecida e acolhedora para outra na Casa Verde, bairro vizinho. Ainda assim, atravessar a cidade na hora do almoço e chegar no horário para o treino era

uma missão impossível. Foi preciso buscar uma nova escola, mais próxima ao Ibirapuera, e então uma nova rotina se estabeleceu: de Lauzane, na zona norte, para Santo Amaro, na zona sul, pela manhã; de Santo Amaro para o Centro Olímpico, na hora do almoço, e de lá, de volta para Lauzane, no final da tarde, em um percurso que somava aproximadamente 70 quilômetros. A menina franzina carregava nas costas uma mochila com material escolar e de treino.

Aos poucos, Hélia aprendeu a utilizar os intervalos de tempo. No espaço que restava entre a escola e o almoço, no próprio Centro Olímpico, a menina transformava o banco do vestiário em uma cama aconchegante e confortável. Chegava para o treino com a disposição que o segundo turno de um dia de trabalho demandava, sem lamentos nem reclamações. Quando não dormia no vestiário, se apropriava do rodo e ajudava as pessoas da limpeza nos cuidados da quadra que pouco depois usaria para treinar. Esse comportamento colaborativo criou um grupo de cuidadores silenciosos, que no melhor estilo anjos da guarda protegiam a garota que vinha de tão longe para se tornar atleta.

Diferentemente dos clubes, o Centro Olímpico não participava de competições, o que significava passar dias, semanas e meses treinando à exaustão. Isso representou um marco na vida de Hélia, que gastava horas sem fim treinando fundamentos. Eram 500 toques e mais 500 manchetes, por dia, com a parede. Depois, vinham os exercícios com bola na quadra, na rede, com outras garotas e, raramente, algum coletivo. As lembranças desse período são da expectativa de participar de um único campeonato no ano, realizado no ginásio do Pacaembu, no qual quase sempre a equipe era desclassificada ainda na fase inicial pelos clubes que treinavam não apenas fundamentos, mas também ataque e defesa e tinham estratégia e tática de jogo. Os times tinham como finalidade ganhar campeonatos. O objetivo do Centro Olímpico era formar atletas que poderiam se tornar olímpicas, como aquela garotinha de Lauzane que não se cansava de treinar com as paredes sonhando com a chegada de seu dia na seleção.

Os poucos jogos que disputou com o time do Centro Olímpico foram fundamentais para uma demonstração do caráter de Helinha. Apesar da timidez dentro e fora de quadra, seu espírito de guerreira já era observado nos treinos. Nas situações de jogo, elaborava cada uma das poucas derrotas sofridas até ali de forma distinta do restante do grupo. Para ela, perder tinha um sabor amargo, que gerava uma frustração imensa e um desejo

incalculável de pertencer a um grupo cujo objetivo maior fosse vencer. As lições aprendidas desde os tempos do time da escola do bairro já haviam marcado sua personalidade. Hélia sabia que cada oportunidade presente poderia representar um privilégio futuro. Nada podia ser desperdiçado, principalmente a chance de uma partida bem jogada, vitoriosa. A indiferença ao resultado de um jogo, fosse ele contra um time de escola ou de estrelas, não fazia parte de sua personalidade. E esse tipo de atitude abriu a primeira de muitas portas em sua trajetória.

No segundo ano de treinamentos de seu time, Hélia foi disputar o único campeonato do calendário. Como sempre, era um dos momentos mais esperados, porque era a chance de praticar as lições que as paredes lhe ensinaram. Mas, uma vez mais, seu grupo não passou da primeira fase. Na volta para o Centro Olímpico, ela e três de suas colegas ocuparam o carro do coronel Maurício, o coordenador. Hélia, a menor das quatro, sentou-se bem no centro do banco de trás. Inconsolável com a derrota, chorava muito. Era difícil para ela entender por que, depois de treinar tanto, com tanta disposição e afinho, a vitória não chegava. Destoando completamente daquela situação, as outras três falavam sobre amenidades, como se tivessem acabado de sair de uma festa. Aquela situação foi lhe causando cada vez mais desconforto e irritação. Enquanto esses pensamentos lhe ocorriam, percebeu que o coronel a observava pelo espelho retrovisor. Mais de uma vez seus olhares se cruzaram, mas nada foi dito naquele momento.

Passados alguns dias, chegou a hora do balanço. Momentos antes do treino, o coronel chamou todas as meninas e iniciou a conversa fazendo uma avaliação da derrota e da atitude pós-jogo. Como educador, apontou as virtudes do esporte na formação do caráter e do papel de um atleta dentro e fora da quadra. Na condição de observador, podia avaliar quem ali efetivamente tinha compromisso com a função que estava exercendo e quem estava apenas brincando. Aquele discurso não representava apenas a oportunidade de chamar a atenção das meninas que pouco se importaram com o ocorrido, mas, principalmente, mostrar a Hélia que sua atitude a levaria para o objetivo que ela traçou para si mesma. No mesmo encontro, o coordenador anunciou que a filha de Tião seria contemplada com o patrocínio do projeto Adote um Atleta, programa fi nanciado por pessoas físicas e jurídicas, com o objetivo de oferecer recursos materiais para esportistas destacados no Centro Olímpico.

Não é raro que os mecenas passem despercebidos pelos atletas, principalmente quando não há contato pessoal, como foi nesse caso. Agraciada pelo programa, Hélia recebeu aquele apoio com a surpresa de quem ganha um presente inesperado.

“Eu recebi um diploma e uma ajuda de custo que me ajudaram muito. Aquilo para mim foi um susto. Eu era muito nova e o vôlei era um divertimento. Eu não sabia que seria possível alguém pagar para eu fazer alguma coisa de que eu gostasse tanto.”

Anos mais tarde, já uma levantadora consagrada, Fofão buscou o diploma assinado e emoldurado como um quadro para agradecer seu padrinho Aluizio Rebello Araújo, da empresa Jaguari Comercial e Agrícola Ltda. Para sua tristeza, ele havia falecido poucos anos antes e a família de nada sabia. Ainda assim foi tempo de agradecer por aquele incentivo que significou a manutenção de sua carreira, ainda tão incipiente, mas de fundamental importância. Aquele gesto representava o início da tão desejada profissionalização.

“Nunca fiquei com um tostão. O dinheiro não era muito, mas já pagava a condução e o material que eu usava. A única coisa que eu pedi para meu pai, da primeira vez que recebi o salário, foi um dinheiro para eu comprar uma bala. Só isso.”

O esforço das professoras Neila e Marta começava a dar frutos. As centenas de toques e manchetes treinadas à exaustão, necessárias à formação de Helinha, mostravam resultados. Complementando o treino técnico, era realizada uma preparação física rotineira e cansativa, que parecia ser muito mais intensa do que as descrições que apareciam nas fichas individuais. A seriedade com que a menina de Lauzane desempenhava suas funções não permitia a realização de uma tarefa malfeita ou pela metade. Todo dia, todo treino, era cumprido como se fosse aquele que garantiria sua convocação para a próxima seleção. Por isso, ainda nas categorias menores, ela despontava como um exemplo a ser seguido.

Quase três anos se passaram e o desejo de jogar em um clube, com time estruturado, só aumentava. Havia momentos em que o desânimo de continuar a jogar com a parede, de cumprir à risca a ficha de treino, era tamanho que tudo aquilo mais parecia um castigo do que o futuro esplendoroso. Cansada de trabalhar e não ver o fruto de seu esforço, Hélia

foi até o coronel Maurício e abriu seu coração. Falou sobre a frustração que era treinar tanto para não jogar nada e quanto desejava ir para um clube. Ele escutou com a atenção de um ouvinte cuidadoso, habilidade já demonstrada em outras vezes, e respondeu com o carinho de quem já cuidava dos rumos de uma carreira promissora.

“Eu sabia que ali era o lugar onde ia me formar, mas eu não tinha consciência de que aquilo seria importante para mim, para meu futuro. Eu me sentia bem ali, sentia evolução, mas tinha vontade de jogar, de ir para um clube. E então falei para o coronel. E ele respondeu que ainda não tinha aparecido um lugar a que eu merecesse ir, que ele estava esperando, por isso eu ainda não tinha saído de lá. Daí, eu continuei treinando, eu tinha que confi ar nele.”

Mesmo não sendo a pessoa mais extrovertida do grupo, inúmeras vezes coube à Hélia a tarefa de incentivar as atletas que eram dispensadas dos treinamentos. Fosse por ser a mais velha do grupo, ou por já ser reconhecida pelos professores como uma fígura exemplar, uma liderança, era ela quem fazia a função de incentivar as colegas no momento do adeus. Ali se materializava uma dor que ela jamais experimentou na vida: a de ser cortada.

Até que chegou o momento. Era mais um dia como outros tantos de conversas intermináveis com a parede. Sem ser notado, um sujeito assistia aos treinos e avaliava as atletas. Com o olhar atento de um caçador, João Crisóstomo Bojikian observava não apenas os gestos técnicos das meninas que treinavam, mas avaliava também o comportamento nos treinos e as relações interpessoais. Coordenador de voleibol do Centro Olímpico, era também técnico do Pão de Açúcar, uma das equipes mais competitivas do Brasil naquele momento. Cabia a ele escolher as melhores entre as meninas que iriam para os tão sonhados clubes. Naquele momento começava uma nova etapa na carreira esportiva daquela pequena garota vinda de Lauzane Paulista.

“A Hélia, meninota, devia ter uns 13 para 14 anos e tinha um potencial incrível, não só físico, mas tática individual, que foi servir a ela mais tarde, quando se tornou levantadora. No fundo, tática individual é você conseguir resolver bem as situações-problema criadas ali, na realização do jogo.”

“ VOCÊ É HÉLIA , NÃO FOFÃO!”

Sebastião foi o responsável por toda a negociação com o novo clube. O pai era não apenas o responsável legal pela filha, ainda menor de idade, mas também o estrategista visionário de uma carreira que engatinhava. Ali começava um ritual que marcaria a vida da menina: o cuidado com os termos que representariam um futuro ilimitado ou amarras paralisantes. A vida e a experiência da malsucedida carreira do filho Ubaldo davam a ele os elementos para desempenhar a função de empresário da filha sem qualquer difi culdade. Naquele momento estavam garantidas as condições mínimas para que a dedicação aos treinos fosse cumprida à risca. Transporte, material esportivo e salário já não eram mais um sonho. Outra estratégia adotada pelo pai era fazer contratos anuais, isso porque ele conhecia a filha que tinha, o desejo dela em ser uma grande atleta, o empenho com que se dedicava à carreira. No seu entendimento, era muito melhor esperar pelos resultados de uma temporada e negociar uma boa renovação, do que fazer um contrato longo que amarraria a atleta promissora em um clube menor.

No Pão de Açúcar, as coisas começaram a mudar desde o dia da chegada. Já não era mais preciso sair de casa tão cedo, enfrentar ruas escuras de madrugada, nem gastar tantas horas trocando de ônibus até chegar ao local de treinamento. O transporte agora era responsabilidade do clube, e outras meninas como ela eram levadas e buscadas a partir da porta de casa. Por morar mais longe do que todas as demais, Hélia era a última das garotas a chegar em casa, mas isso não se confi gurava um problema. Já dentro da Kombi, na volta, ela podia simplesmente fechar os olhos e dormir relaxada até seu destino final. Isso por si só já representava um ganho sem igual. E havia mais.

Se durante a fase anterior, o contato com as jogadoras do nível de seleção só era possível nos momentos em que o Centro Olímpico era compartilhado para algum treino específico da equipe nacional, agora essas mesmas meninas dividiam o espaço diário no vestiário e na quadra. Ela agora podia ouvir, ver, treinar e, mais do que tudo, aprender com aquelas que eram sua referência no esporte. Aquilo tudo que era desejo estava ali, diante de si, no mesmo local. Certa vez, quando ainda estava no Centro

Olímpico, assistiu a um treino da seleção adulta e ficou encantada com aquelas mulheres imensas e maravilhosas.

“Um dia eu estava lá, encostada num poste e chegou a seleção inteira. Eu vi o tamanho daquelas mulheres, me assustei e pensei: eu nunca vou chegar numa seleção. Ficava olhando o uniforme delas, a roupa, tudo. . E quando eu fui para o Pão de Açúcar, algumas delas estavam lá, então, tremi inteira. Elas eram juvenis e eu estava ali, junto com elas, no mesmo clube.”

A timidez, somada à desconfiança, levaram Hélia a ser caracterizada como uma jogadora séria e pouco afeita a confusões. Ouvia a tudo e a todas, participava da vida da equipe, mas evitava as situações que pudessem gerar conflito ou quebra de regras. Seu palco era a quadra, onde ela se transformava na atleta dedicada, incansável e pronta a responder aos desafios impostos a cada novo dia. Sua disposição não se restringia ao próprio trabalho. Estava sempre pronta para colaborar com o treino das demais, buscando bolas e incentivando. Era incapaz de reclamar de condições de treino, de material, de decisões do técnico. Essa característica se tornou sua marca pessoal até o final de sua carreira.

Hélia também desenvolveu a capacidade de observar, condição essencial para enfrentar cada desafio que se impunha à medida que novas posições eram conquistadas. Como um computador com memória ilimitada, registrava as questões relacionadas ao voleibol, do ponto de vista técnico e estratégico, mas também as pessoas que estavam ao seu redor, dentro e fora de quadra, conferindo-lhe o poder de se manifestar de forma econômica, nas palavras e nos gestos, porém com a precisão que caracterizaria suas jogadas.

Foi também esse jeito tímido que colaborou para a aquisição do apelido que se tornou sua nova identidade. Mesmo desejando ser invisível em alguns momentos, havia momentos em que a exposição era inevitável, principalmente sendo a caloura da equipe, situação reprodutora de rituais em diferentes clubes. Tradição antiga, era comum as mais novas receberem apelidos, ainda mais se houvesse algum motivo concreto para que o nome original fosse trocado. No dia da chegada das jogadoras, o técnico João Crisóstomo, aquele que a havia selecionado no Centro Olímpico, foi o responsável por fazer as apresentações das novatas às demais. Ainda no

antigo local de treinamento de Hélia, João tinha o hábito de apertar suas bochechas e chamá-la de fofa.

“Ela era a Hélia, uma menina humildezinha, vinda lá da periferia, que foi treinar lá no meio das feras do Pão de Açúcar. E desde o princípio uma coisa nos chamou atenção: ela era bochechuda, uma bochecha gostosa de apertar, de sacudir. E naquele momento fazia muito sucesso na televisão um personagem de programas infantis, de nome Fofão, e aí a gente começou a chamar, de bochechuda. Daí para Fofão foi um pulinho. Pegou e todo mundo passou a chamá-la assim.”

Como era de se esperar, sempre que o aperto na bochecha era repetido, ele causava senão repulsa, ao menos rejeição e desconforto. Porém, educada e tímida que era, suas impressões eram guardadas para si. A semelhança do nome de Hélia e de outra atleta chamada Helena também colaborou para o técnico a chamar de Fofão. Em pouco tempo, Hélia deixou de existir para as companheiras de time. Tião, aquele que escolhera o nome da filha iluminada, não gostou nada. Para ele a caçula continuaria a ser Helinha, bem como para os familiares, até que o apelido se tornou mais forte do que o próprio nome.

“No dia da apresentação do grupo o João chegou e disse: essa aqui é a Fofão, jogadora do Centro Olímpico. . Eu olhei para ele e respondi: não, eu não sou a Fofão. E ele respondeu. Daqui em diante, você será.”

Não foi possível resistir. Do superlativo Fofão a todas as derivações meigas possíveis como Fofa, Fofucha, Fofura, era certo que não havia como negar que o apelido havia chegado para ficar. As primeiras camisetas como infantil no Pão de Açúcar chegaram a registrar o nome Hélia, a atacante de número 6, o número que o irmão Ubaldo usava quando ainda era jogador de futebol. Como Fofão, sua desejada camiseta de número 7, tido por Sebastião como o número da sorte da filha, chegou tempos depois, no juvenil, e se perpetuou nos muitos anos em que serviu a diferentes clubes e à seleção brasileira adulta.

No clube era tempo de aplicar tudo aquilo que havia aprendido no Centro Olímpico. A parede companheira foi trocada por outras meninas de carne e osso que também se esforçavam ao máximo para conquistar e garantir um espaço no time. E junto com os dias de treinos chegaram os tão

desejados jogos e campeonatos, a cobrança por resultados e a responsabilidade pela aplicação de tudo o que se aprendeu. Várias das colegas de equipe já frequentavam a seleção brasileira infantil e juvenil, o que lhes garantia presença no time titular. Logo Hélia percebeu que não bastava apenas treinar e treinar para conseguir a vaga, como já era seu hábito. Era preciso também estar acima da média. Em sua cabeça, isso tudo estava relacionado com trabalho árduo e incessante e nem de longe lhe ocorria que havia muito mais peças nesse grande quebra-cabeças.

Aos 15 anos, defendendo a seleção paulista, Fofão ganhou o prêmio de destaque no campeonato brasileiro, na posição de atacante, mas, à medida que os anos avançaram, as colocações de destaque foram se tornando cada vez mais raras. Seus 1,73m não eram suficientes para que ela se consolidasse como atacante, ainda que fosse detentora de habilidade reconhecida. Na rede, principalmente no bloqueio, os centímetros que lhe faltavam favoreciam os ataques das adversárias. No juvenil, desenvolveu ainda mais duas de suas características pessoais mais marcantes: a paciência e a resiliência. Por diversas vezes, ficou na reserva aguardando a oportunidade de ser chamada, mesmo que fosse para dar um saque. Porém, quando as companheiras eram convocadas para a seleção, passando semanas afastadas do clube, Fofão se tornava titular. Agia sem mágoas ou ressentimentos, apoiava a todas e mostrava a importância que tinha para o grupo.

Em seu último ano como juvenil, experimentou uma das maiores frustrações da vida até ali. Sua atuação já não passava despercebida nem pelos técnicos, nem pela torcida. Os jogos provavam isso. Depois de ser destaque no campeonato brasileiro, dava como certa sua convocação para a seleção brasileira juvenil. Comparava-se às demais meninas e não restavam dúvidas de que aquele momento era seu. Porém, para seu desgosto, quando foi anunciada a lista com as 21 convocadas, seu nome não constava do grupo. Aquela era a sua última chance de chegar a uma seleção de base e ela entendia que o processo natural de toda atleta que almeja a seleção adulta era passar pela base. Em sua cabeça era certo então que suas chances de chegar à principal se reduziam ou se extinguíam.

Diferentemente de outras meninas que desde sempre jogaram em clubes e tiveram tempo de mostrar nas competições as habilidades desenvolvidas, Fofão começou a jogar mais tarde e não teve oportunidade de estar entre as escaladas, em nenhuma seleção de base. Somado a isso, sua personalidade

introvertida e pouco afeita a atitudes bajuladoras tornava-a menos evidente a técnicos distantes de seu clube. Por outro, aqueles que desfrutavam da convivência cotidiana com ela, sabiam de seu valor e importância para o clube e para a seleção. Entretanto, estava claro que na posição de atacante seus dias estavam contados. A solução para essa questão estava em suas mãos e nas do técnico.

TROCA DE POSIÇÃO

Era dia de jogo e o técnico Ari Rabelo chamou Fofão. A levantadora titular estava na seleção, a reserva havia se machucado e estava sem condições de jogar, e não havia levantadora disponível. Portanto, era hora de improvisar. Dentre todas as atacantes da equipe, Fofão era a jogadora que melhor dominava esse fundamento e estava escalada como titular do time.

A mudança não agradou. Quando o técnico lhe comunicou que iria para a posição, ela recusou. Ela detestava levantar. Levantadora não faz ponto, pensou, desolada. Seu gosto era pela possibilidade de colocar a bola no chão e realizar o ponto no ataque.

“Ele falou: você vai levantar. Eu falei: eu não quero levantar. Mas foi. Naquele dia, foi de improviso. Graças ao Centro Olímpico, eu sabia tocar. A única que sabia tocar bem na bola era eu, mas detestei. Eu não queria nunca mais fazer aquilo. Só que a menina não voltou, e eu tive que ficar.”

O jogo em que Fofão debutou como levantadora foi contra o Sírio e se tornou inesquecível, não apenas pela estreia na posição, mas pelo fato pitoresco de a levantadora ter segurado a bola antes de o juiz ter apitado o final da jogada. Sem ter o movimento internalizado, ela chamou a atacante para um ataque e a jogadora não executou a jogada. Era comum, durante os treinos no clube, segurar a bola quando alguém cometia um erro para que o gesto fosse corrigido, e ali na quadra, durante o jogo, mecanicamente ela repetiu a cena. De um lado e do outro atletas e público riram do inusitado da situação e isso só colaborou para que ela desejasse esquecer aquela experiência. Passados três jogos como levantadora, Fofão voltou para o ataque. Mas, as coisas em sua posição original já não aconteciam com a frequência, nem com a intensidade do seu desejo. Somava-se à sua preocupação o fato de não ter sido convocada, situação que ainda lhe causava muita dor.

Destaque da equipe juvenil, Fofão também treinava com o time adulto dirigido pelo técnico José Roberto Guimarães. Ele também já se dera conta das habilidades da jovem como levantadora e das suas limitações físicas

para permanecer como atacante. Ali começava uma relação que ultrapassaria as fronteiras do clube e se estenderia por muitos anos de trabalho e conquistas.

“Ela tocava muito bem a bola, tinha uma habilidade muito grande, uma visão de jogo já diferenciada das outras meninas. Ela começou a dar seus primeiros levantamentos, fazer suas primeiras jogadas e me chamou atenção muito fortemente pela sua característica tranquila, observadora. Ela se movimentava de uma forma muito adequada para a posição, uma transformação muito veloz. . eu disse a ela que a gente teria a chance de ter uma grande levantadora no futuro se ela realmente quisesse. Que iria depender muito dela.”

O treinador, mais do que um professor, se tornou um espelho. Ele ensinava tudo o que sabia, do ponto de vista técnico, e também as sutilezas que a condição de levantadora demandavam. No entendimento de Zé Roberto, levantadora não era apenas a jogadora que servia uma bola perfeita para a atacante fazer o ponto. Ela é antes de tudo uma estrategista. É dotada do poder da observação dos deslocamentos e da tática do time adversário para, depois de ver o posicionamento das atletas do próprio time, fazer nascer a jogada perfeita que termina no ponto. Essa visão panorâmica pode ser desenvolvida com treinamentos, mas é facilitada se a atleta tem inteligência de jogo, condição que Fofão sempre demonstrou ter. Diante da oportunidade, a filha de Seu Tião a agarrou com todas as forças e imediatamente se dedicou a fazer o melhor.

“A gente começou a treinar e o que eu achei mais legal é que não era só o treinamento. Ser levantadora era um jeito de pensar. Como a levantadora pensa, qual a importância da levantadora, por que ser uma levantadora. . tudo isso ele me ensinou. O gesto técnico, por que fazer assim na hora de buscar a bola, por que fazer assim na hora de levantar, todos os detalhes, tudo ele me ensinou. Foi a partir daí que eu comecei a achar interessante a posição. Mas para chegar à seleção eu não poderia fazer o mesmo que as outras levantadoras. Eu teria de fazer algo diferente e então passei a observar os levantadores do masculino. Foi aí que eu passei a me espelhar no Maurício (Lima, bicampeão olímpico em Barcelona-92 e Atenas-2004). Ele foi a minha inspiração, por causa da facilidade que ele tinha para colocar a bola onde queria.”

Zé Roberto, que também havia sido levantador da seleção brasileira e participado dos Jogos Olímpicos de Montreal-1976, era agora um técnico em início de carreira, que transportava para a quadra, e para suas atletas, todo seu conhecimento com um nível de exigência que parecia beirar a crueldade nos treinamentos. Fofão, por sua vez, abraçou aquela oportunidade para aprender com o mesmo afinho e responsabilidade que já havia demonstrado em outras ocasiões. Depois de compreender que ser levantadora requeria mais habilidades do que realizar milhares de toques por dia, ela passou a usar seu tempo para aprender as sutilezas de sua nova função. Era preciso ganhar a experiência que ela não tinha adquirido até ali e treinar mais, muito mais, até a exaustão, para recuperar o tempo perdido. Mas, parecia que nem tudo o que ela fazia, buscando a perfeição, era suficiente para satisfazer as exigências de um técnico, ex-levantador, que conhecia detalhes que ela ainda não dominava. Invariavelmente, os treinos acabavam em choro, que era a manifestação de um misto de exaustão e frustração.

Os treinos pareciam uma batalha diária, sem trégua. Se a alga do Centro Olímpico era a parede, no clube ela tomou a forma de uma cadeira. O gesto de sentar e levantar de uma cadeira reproduz o movimento que a levantadora realiza na rede para se deslocar e colocar a bola em diferentes pontos da quadra para a realização do ataque. E esse movimento era então repetido, porém sem a cadeira, inúmeras vezes por dia, ao longo de meses.

“É um gesto que a gente usa muito no vôlei. Você finge que senta e faz o gesto, e gira. Eu tinha que repetir 20 mil vezes aquilo. Era para frente, para trás, para não pegar nenhum vício. Eu vinha de uma escola que me ensinou muito bem os movimentos. E o Zé não queria que eu pegasse vícios. Ele me forçava a fazer gestos perfeitos. E para isso eu tinha que ficar na cadeira milhões de vezes. Era tanta exigência que eu chegava a chorar.”

Os treinos eram tão intensos que certa vez Fofão chegou em casa, de mala em punho, dizendo ao pai que não desejava mais continuar a treinar. Era véspera de competição e após mais um treino repleto de desafios e desempenho frustrado, o que restava eram broncas intermináveis, cobranças sem sentido e o desespero de achar que nada do que ela fazia era plenamente satisfatório. Tião sabia muito bem o significado do voleibol na vida da filha e tudo o que ela já havia superado para chegar até ali. Uma

comunicação daquelas significava que alguma coisa tinha acontecido e extrapolado os limites da jovem, que era dura na queda. Pai zeloso e atento, o passo seguinte foi procurar o técnico para entender o que estava acontecendo. Figura simples e de gestos nobres, o ex-sapateiro era respeitado por dirigentes, técnicos, atletas e até mesmo adversários. Sua presença no clube significava que algo de realmente muito sério estava acontecendo com a filha.

No diálogo com o técnico ficou evidente que a resignação e a timidez de Fofão estavam sendo confundidas com indiferença, porque, ao apresentar as queixas sobre os treinamentos, o técnico Zé Roberto respondeu prontamente com um argumento imbatível: Fofão era uma atleta diferenciada e merecia um treinamento que a levasse a ser a melhor. Isso significava trabalhar mais que todas. Zé Roberto também se lembra desse encontro.

“Nós começamos a trabalhar e eu sempre fui muito exigente, principalmente com as levantadoras. Eu comecei a exigir tanto da Fofão, do movimento perfeito, correto, da postura, da conduta, que parece que ela deu um passo para trás. Foi quando o pai dela veio falar comigo. Eu não gosto muito de conversar com pais de atletas, mas o seu Sebastião, além de ser uma pessoa muito humilde, sempre foi muito reservado. Ele me disse com aquela maneirazinha dele, pescocinho do lado, muito simplório: ‘olha, eu vim aqui porque eu tô preocupado com a minha filha, ela tá muito sentida, ela acha que o senhor tá pegando muito no pé dela, e que tá difícil pra ela. Ela é uma garota muito humilde, muito simples e não tá conseguindo suportar esse nível de pressão, essa exigência’. Eu então disse para ele: ‘olha, seu Sebastião, nós temos algo muito importante nas mãos, sua filha pode se tornar uma grande levantadora, desde que passe por vários processos de treinamento. E vai depender muito dela. Eu só faço isso porque eu gosto demais dela. E eu na realidade estou ensinando para ela tudo aquilo que eu aprendi durante minha vida como jogador. Então o que eu aprendi com meus primeiros técnicos, meus primeiros treinadores, meu estágio no Japão, tudo aquilo que eu estudei, estou tentando passar para ela. E eu sou exigente’. E ele entendeu.”

Na volta para casa, Tião contou a Fofão o teor da conversa. Pessoas dignas que eram, Zé Roberto e ele não tinham dúvidas de que o técnico

tentava tornar a garota a melhor levantadora do mundo, muito embora isso parecesse ser mais tortura do que treino. Mas era certo que o processo envolvia respeito e uma profunda admiração, que entendida dessa forma se converteu em mais um desafio. Era preciso voltar ao trabalho. Mala refeita, o retorno ao hotel e aos treinos ocorreu com a certeza de que à preparação de levantadora se somava a capacidade de resiliência. E daquela relação profissional brotaram títulos e gratidão. Na avaliação que Fofão faz desse princípio de convivência, fica claro o papel de Zé Roberto em sua vida.

“Se hoje eu existo como levantadora, se eu sou quem eu sou, é por causa dele, pela paciência que ele teve comigo. Hoje em dia não existe mais isso, um técnico pegar uma jogadora e dar tanta atenção. A confiança que ele teve em mim, de saber que eu poderia chegar onde eu cheguei. . ele conseguiu ver uma coisa que eu não conseguia. Eu devo muito a ele. Isso eu nunca esquecerei.”

E essa jornada estava apenas começando.

A AFIRMAÇÃO DA LEVANTADORA

Quando Fofão chegou ao Pão de Açúcar, ela encontrou mais do que um time. Era uma verdadeira escola de voleibol, com todas as categorias de base e com várias jogadoras nas seleções, de diferentes idades. No início, a sede ficava no Bairro da Liberdade, no centro de São Paulo. Dois anos depois, uma mudança de parceria fez o time se associar com o Clube Paineiras, e ela passou então a se deslocar para o Morumbi, na zona sul, onde a agremiação estava sediada. Nessa nova estrutura, apenas as equipes juvenil e adulta permaneceram e foi lá que o treinamento de levantadora aconteceu pelas mãos do técnico José Roberto Guimarães. Os ensinamentos técnicos eram dados diariamente nas milhares de vezes em que ela executava o gesto de sentar em uma cadeira imaginária, nos inúmeros momentos em que era corrigida em cada detalhe, nas orientações precisas sobre como uma levantadora pensa e lê o jogo – do próprio time e do adversário – e, principalmente, como se sentir uma levantadora. Mais do que gestos técnicos era preciso internalizar o comportamento e o pensamento.

O time da Sadia era o maior rival da Superliga, o campeonato brasileiro feminino. Ser atleta titular do Pão de Açúcar era a principal porta de entrada para a seleção nacional e para outras oportunidades profissionais. Mas nada disso passava pela cabeça de Fofão naquele momento. O desejo era jogar e fazer bem feito sua função e, para que isso acontecesse, ela achava que bastava treinar, treinar e treinar, como vinha fazendo até então. Parecia que esse era o caminho natural das coisas. . Até que um dia, para sua surpresa, chegou ao clube a veterana Ana Richa, levantadora da seleção nos Jogos Olímpicos de Seul, e titular inquestionável da posição naquele momento.

Na cabeça da ainda inexperiente Fofão aquilo soou como uma traição. Era inconcebível pensar que tudo o que ela estava fazendo não era suficiente para convencer o técnico e as jogadoras de que a posição de titular, por direito, era sua. Não lhe ocorria naquele momento que, embora muito talentosa, ainda lhe faltavam quilômetros de rodagem em quadras conhecidas e desconhecidas para que muitas jogadas pudessem ser construídas e desconstruídas até a automatização de um movimento perfeito.

Com respeito, mas cheia de revolta, foi falar com Zé Roberto, que lhe explicou todo seu plano. Não foi difícil entender.

“Eu achava que já estava pronta para ser titular e fi quei brava. Eu não entendia que ainda estava engatinhando, que estava crua. Às vezes a gente tem que ter consciência e não tem. Então o Zé me falou: eu trouxe a Ana porque ela vai te dar experiência, você vai aprender com ela. Fiquei revoltada, mas ele tinha razão.”

Não foi preciso muito tempo para entender que a estratégia do técnico tinha fundamento. Certo dia, antes de um jogo, Ana Richa passou mal em função da gravidez. Na condição de primeira reserva era a hora de mostrar que de fato ela estava pronta para ser titular, apesar do frio na barriga e da incerteza que apareceram do nada diante da possibilidade concreta de realizar o seu desejo. Nesse momento, o técnico Zé Roberto, na quadra, reuniu as meninas e afirmou que o plano seguia o mesmo, que Fofão estava pronta para assumir aquela responsabilidade. Disse isso também para a imprensa e para todos os que perguntavam sobre a estratégia do time sem a levantadora titular.

Depois daquele jogo, o desafio era provar para si mesma e para os outros que a condição de titular era sua. O Pão de Açúcar continuava a ser uma potência nacional e jogar com Lica, Kerly, Tina, Ana Lúcia e Ana Paula era como se preparar para a seleção brasileira. Do tipo introvertida, Fofão não se adaptava a nada que sugerisse jogo sujo ou malandragem. Como naquele jogo no Centro Olímpico, sempre que havia uma derrota levava para casa a dor de não ter sido capaz de evitar o constrangimento. Ainda juvenil, jogando pelo time adulto, aprendeu a responsabilidade de liderar, a partir de sua posição, uma equipe experiente e mais madura do que ela.

O time juvenil, nesse momento, era a base do adulto. Fofão jogava em ambos e isso dava a ela, e às outras atletas, o entrosamento necessário para participar do adulto com qualidade. Certa vez, em um jogo contra uma das potências daquela temporada, o Lufkin, do Rio de Janeiro, dirigido pelo técnico Marco Aurélio, Zé Roberto colocou o juvenil para jogar. Fofão era a titular e o Pão de Açúcar ganhou por 3x0. Zé Roberto lembra dessa ocasião com detalhes.

“Naquele dia a gente ganhou por 3 sets a 0, basicamente com o time juvenil, e a Fofão como titular da equipe. Acabado o jogo, o Marcel,

marido da Ivonete, veio dizer ‘eu não estou entendendo por que que a minha esposa está no banco, porque ela é muito melhor que a levantadora que está jogando’. A Ivonete era uma jogadora do time adulto, da seleção brasileira, já tinha disputado campeonatos importantes, e eu comprei a briga. Eu disse: ‘ela está mais entrosada, num processo de evolução, ela está realmente melhor do que a sua mulher’. A Fofão colocou a Ivonete no banco. Naquele dia, a gente acabou perdendo a Ivonete, mas eu fiz o que eu achava que tinha que fazer. Mesmo tendo uma jogadora da categoria da Ivonete, naquele momento o time se encontrava muito melhor com a Fofão.”

Essa não seria a única vez que Hélia conquistaria o lugar de uma veterana titular. Na temporada seguinte, o Pão de Açúcar se mudou para São Caetano e Fofão era a titular absoluta. A passagem do juvenil para o time adulto significou mudanças profundas em sua vida profissional e pessoal. Além da conquista da posição de titular, houve também a mudança de casa. Já não era possível continuar a viver em Lauzane Paulista e trabalhar em São Caetano, treinando em dois períodos. Tempos de mudança, foi o momento também de sair da casa dos pais e começar vida de gente grande.

No time, as coisas caminhavam muito bem. Mais madura e confiável, se sentia plena naquele grupo. Aos poucos, sua timidez era reconhecida pelas companheiras como uma virtude, e escondia uma Fofão cheia de alegria, de humor e de confiança, acessível àqueles e àquelas que compartilhavam de sua vida de perseverança. O jogo acontecia fácil com companheiras como Ana Moser, Patrícia Cocco, Fátima, Juliana e Kika, que afirmavam a competência daquela que até pouco tempo era atacante e que nunca havia chegado à seleção nacional. Ana Moser lembra desse momento.

“Eram duas figuras importantes: o técnico e a levantadora, que era a Fofão. Eu jogava supertranquila com ela no time. Antes eu não a conhecia jogando na mesma equipe, eu só jogava contra ela e fui conhecendo a personalidade, o caráter, a pessoa por trás da jogadora. Ela era a levantadora que eu queria para aquele time. . sempre para cima, ela inspirava total confiança, você podia contar com ela em qualquer situação. Uma pessoa altamente confiável. E sem as distrações que muitas vezes outras jogadoras têm, e outros atletas têm

com a fama, com a TV, com o contrato. Zero de afetação, zero de ego, tudo pelo grupo. Treinava para caramba, jogava para caramba. Fofão era um gênio.”

A genialidade de Fofão estava apenas começando a se manifestar. A comprovação disso viria no final desse primeiro ano como titular no time adulto de São Caetano, com a conquista do título do campeonato brasileiro, o primeiro de muitos de sua carreira como levantadora. Uma das lembranças guardadas dessa época era a extensão da fivela de aquecimento com as atacantes. Olhando para o passado, Fofão fala do desapontamento que era ver a fila das outras levantadoras maiores que a sua, da frustração que era ver sua fila com menos atletas e de quanto foi preciso trabalhar para conquistar a confiança de suas companheiras. Em sua cabeça, a extensão da fivela era a representação do reconhecimento que as atacantes tinham pela levantadora, ou seja, ela ainda precisaria conquistar a confiança de suas colegas. Zé Roberto também se lembra dessa situação e tem uma impressão diferente.

“Como ela era muito benquista, as jogadoras gostavam de bater a bola que era levantada por ela, porque eram bolas precisas.

Se você perguntasse para as jogadoras com quem elas queriam jogar, a resposta era certa: com a Fofão. Todas queriam bater a bola da Fofão. A fivela dela era sempre a maior. Ela podia achar que a fivela dela era menor, mas não é verdade. A fivela dela sempre tinha muita gente, todo mundo gostava de bater uma bola dela, mas a gente fica sempre olhando a fivela do outro, parece que a grama do vizinho é mais verde. Eu como técnico observava muito isso, a vontade com que as jogadoras iam para bater a bola dela, a tranquilidade e a segurança de saber que a bola ia estar no tempo certo.”

E foi com a conquista dessa segurança que seu desejo maior de chegar à seleção se realizou.

Casamento de Eurides e Sebastião, pais de Fofão.

Foto: Acervo pessoal



Empresário: A PARTIR DESTA MOMENTO VOCÊ ESTÁ NOS AJUDANDO A DESCOBRIR UM FUTURO CAMPEÃO!

ADOTE UM ATLETA

A EMPRESA C.B.E.O. e FEDERAÇÃO PAULISTA DE VOLEIBOL, a SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES e o ATLETA HELENA DOS SANTOS DE SOUZA, contra as suas obrigações para com o desenvolvimento do desporto amador e para possibilitar ao Atleta a oportunidade de desenvolver seu potencial atlético e físico, e com a anuência das respectivas Confederações, nos termos do art. 25 da Carta Olímpica, estabelecem:

O ATLETA HELENA DOS SANTOS DE SOUZA deverá atender as exigências do Regulamento Interno do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa.

Heleyna dos Santos de Souza
Ass. do Atleta

A EMPRESA C.B.E.O. e FEDERAÇÃO PAULISTA DE VOLEIBOL, deverá manter, pelo prazo de 1 (um) ano, a contar desta data, com regularidade e pagamento, até o dia 15 (dez) de cada mês, de bolsa de estudo, no valor de 2 (duas) Unidades do Valor Oficial do Município, R\$ 2.135,000, reajustadas, anualmente, no mês de julho.

Aluizio Rebello Araujo
Nome: ALUIZIO REBELLO ARAUJO
CPF: 61.135.110/0001-10

A FEDERAÇÃO PAULISTA DE VOLEIBOL, deverá fornecer ao Atleta, através do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, toda a estrutura de treinamento, incluindo instalações, alojamento e material de seu uso pessoal, além de assistência médica, odontológica, física, social e alimentícia, comprometendo-se também a manter informadas Empresas e Federação sobre os resultados e evolução técnica do atleta.

Renato Faria
Presidente: RENATO FARIA

A SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, deverá fornecer ao Atleta, através do Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, toda a estrutura de treinamento, incluindo instalações, alojamento e material de seu uso pessoal, além de assistência médica, odontológica, física, social e alimentícia, comprometendo-se também a manter informadas Empresas e Federação sobre os resultados e evolução técnica do atleta.

Andrade Figueira
Secretário: ANDRADE FIGUEIRA

São Paulo, 03 de julho de 1985.

Foto: Acervo pessoal

Certificado do Projeto Adote um Atleta, primeiro contrato de Fofão, cujo padrinho foi Aluizio Rebello de Araujo.

Na quadra da Sede do Lauzane Paulista atacando.

Foto: Acervo pessoal



Time da Sede do Lauzane Paulista, no treino (terceira da esquerda).

Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal

Time titular da Sede (primeira da esquerda, em pé).

Foto: Acervo pessoal



Primeira competição oficial com o time da Sede (primeira da direita, abaixada).

Foto: Acervo pessoal



*Seu Sebastião e Fofão.
A primeira festa de aniversário de Fofão.*



Foto: Acervo pessoal

Fofão no ataque, no primeiro clube como profissional (Pão de Açúcar E.C.).

Hélia e família Souza.



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal

Início de vida profissional.

Fofão e a camisa 7.

*Vestindo pela primeira vez
o uniforme da Seleção Brasileira.*



Foto: Acervo pessoal



Foto: Acervo pessoal

*Recebendo o carinho
do prefeito de São Caetano,
Luiz Olinto Tortorello,
após a conquista do primeiro
campeonato nacional.*



Foto: Acervo pessoal

Companheiras do vôlei.



Foto: Acervo pessoal

Com a equipe da Colgate-Pão de Açúcar.



Foto: Acervo pessoal

Com a equipe da Uniban de São Caetano.

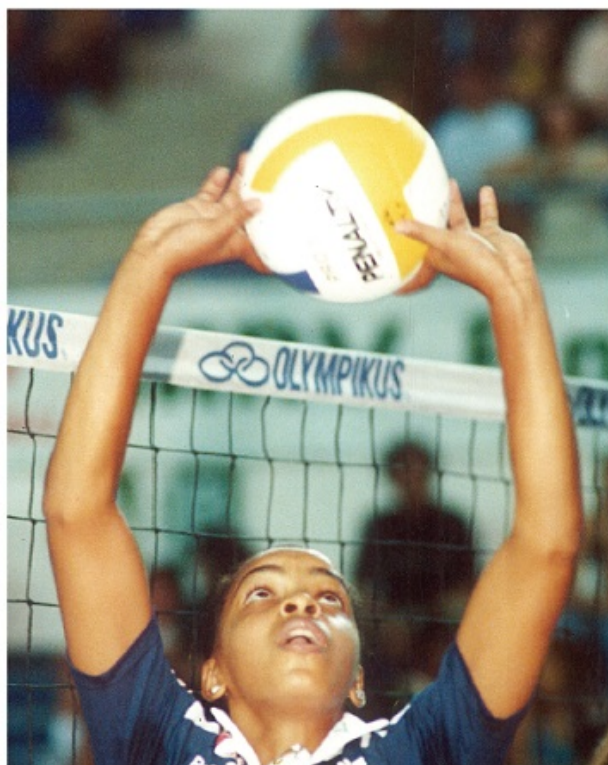


Foto: Evandro Fiuza

Toque de gênio.



Foto: Arquivo pessoal

Na equipe do Pão de Açúcar comandada pelo técnico Fiaschi e pelo assistente técnico Ariovaldo Rabello.



Foto: Acervo pessoal

Momento de descontração com as companheiras de seleção.



Foto: Maggie Cheung

Cena muitas vezes repetida: a capitã com o título de campeã.

Foto: Acervo pessoal



Em Cuba, segundo lugar.



Foto: Acervo pessoal

Ainda na condição de reserva junto com a amiga Janina. Barcelona, 1992.



Foto: Acervo pessoal

Amigas de seleção em Barcelona, 1992.



Foto: Acervo pessoal

Com o ídolo Mauricio, em Barcelona, 1992



Foto: Acervo pessoal

Lembrança da primeira edição olímpica, Barcelona, 1992.



Foto: Acervo pessoal

Campeã Brasileira, Colgate S. Caetano. Primeiro título de Fofão.



Foto: Acervo pessoal

Campeonato Mundial de 1994, no Ginásio do Ibirapuera.



Foto: Acervo pessoal

Grand Prix.

SABATINA

Tião foi o marcador mais implacável de Fofão. O pai empresário não queria dar margem para que a filha se desviasse do caminho para o qual havia sido moldada, o esporte. Qualquer ser ou assunto fora dessa esfera era monitorado com olhos de lince. Por causa disso, a levantadora, já adulta, ainda tinha de prestar contas aos pais. O seu jeito meio mineiro de tocar a vida afetiva não a livraria de tal tarefa. Já com 21 anos, a então jogadora do Colgate/São Caetano passou a ter um companheiro constante fora das quadras, um jogador de vôlei de fora de São Paulo. O relacionamento ia bem até ela decidir levar o rapaz para Lauzane Paulista para apresentá-lo à família.

Bem à vontade, o pretendente passou pelo portão da casa dos Souza ainda dando uns tragos em um cigarro. Assistindo à cena de dentro da casa, a mãe e os irmãos se entreolharam e logo trataram de arrumar algo para fazer. Não queriam estar na sala na hora que o patriarca o confrontasse. Alto, por volta de 1,90 metro, o rapaz, metido em um daqueles uniformes de atleta, deixou o cigarro do lado de fora da casa. Dentro dela, se acomodou no sofá e esticou as pernas, apoiando os calcanhares na mesa de centro.

Tião surgiu neste exato momento, a tempo de observar tudo. Fofão logo se adiantou e apresentou o pai ao rapaz, que não se levantou. Em pé, o senhor franziu a testa e olhou para cima, fi ngindo não ser com ele. O pretendente se tocou e tratou de se mover. Tarde demais. Ao levantar a bola com o discurso “vim aqui conhecer a família porque eu gostaria de namorar a sua filha”, o ex-sapateiro a cortou. Bom boxeador em outros tempos, acostumado a encarar olho no olho os adversários, ele travou, sem faltar com o *fair play*, o seguinte embate com o pretendente:

- “O senhor gostaria de namorá-la então?”
- *Sim.*
- “E como se chama o senhor?”
- *Fulano de tal. Eu jogo no clube tal, assim assado. .*
- “E quantos anos o senhor tem?”

A diferença de idade entre o pretendente, mais velho, e Fofão beirava os oito anos:

- *“Mas então eu vou dizer para o senhor. A minha filha não está preparada para isso. Ela vem sendo formada para ser uma atleta de alto nível e acho que não está em um momento para namoro ou qualquer outra atividade que não seja o vôlei. O senhor chegou aqui fumando, pareceu estar bem afeiçãoado à casa, esticou os pés. . E eu tive de fazê-lo levantar da cadeira. Eu acho que o senhor começou tudo errado.”*

- *Poxa, nunca ninguém falou desse jeito comigo na casa das outras namoradas que tive.*

- *“Talvez porque elas não tivessem uma família de verdade. Aqui, ela tem. Tem pai que cuida dela e de sua carreira, tem mãe e irmãos. Vamos fazer o seguinte: dá um tempinho, deixa a minha filha se estruturar melhor, quem sabe lá na frente... O senhor já é uma pessoa formada e ela ainda não. O senhor pode voltar para onde mora, boa sorte para o senhor e para o seu clube.”*

Apesar da galhardia de Tião ao lhe apresentar o caminho até a porta, o gongado candidato a genro saiu batendo o pé, indignado. Fofão, cabisbaixa e quieta durante a maior parte da conversa, correu até o portão para falar com o paquera. Os dois, longe de Lauzane, continuariam juntos por mais algum tempo, até ela descobrir que o rapaz não valia o esforço, como Tião havia farejado na sala de casa. O próximo pretendente a ser encurralado nas cordas para uma sabatina com aquele ex-pugilista foi um jovem ali da região, bom de papo e extrovertido, que cultivava a mania de andar de boné.

Fofão atuava pelo Colgate/São Caetano, em 1994, quando a meio-de-rede carioca Janina, companheira dela de seleção, desembarcou em São Paulo para atuar pelo Pinheiros. O clube dispunha de apartamentos no Jabaquara, bairro da zona sul, para acomodar as atletas vindas de outros estados, e a atacante passou a morar em um deles. Circulando pelas ruas do bairro, certo dia, ela fora reconhecida por uma senhora: “Você não é a Janina que joga na seleção?”. Auxiliar de enfermagem, Maria Helena de Oliveira Pinto acompanhava voleibol porque seus filhos – em especial um deles, João Paulo, matriculado no curso de educação física – respiravam esporte. Aquela senhora conversadeira terminaria o papo com Janina ao saber que a atleta estava longe da família pela primeira vez na vida. Antes, deixou o número do telefone e o endereço de sua casa para ela.

De noite, Janina contou a gentil abordagem em um telefonema para a mãe. Empolgada com o fato de a filha morar próximo a uma pessoa

interessada no bem-estar dela, a orientou a se aproximar daquela família. Assim, Janina criou laços afetivos com o clã Pinto. Tratada como sobrinha adotiva pela mineira Maria Helena e seu esposo, João Raymundo Pinto Filho, comia e bebia na casa deles e só retornava para o apartamento do clube para dormir. Um dia, ao retornar de um treino intenso, não quis comer. Cansada, disse a Maria Helena que precisava esticar o corpo. E foi levada para o quarto de um dos filhos dela, João Márcio, onde foi logo se deitando na cama. Jovem de 20 anos, fã de boné, ele, ao retornar do trabalho, encontraria aquela atleta esticada em seu colchão – fato repetido por ela muitas outras vezes. Janina não esquece quão importante foi para ela encontrar Maria Helena na rua. E mal sabia a atleta o que o futuro lhe reservava: ser o cupido de uma história de amor.

“A mamãe ficou mais tranquila ao me ver junto daquela família. Sabia que se acontecesse alguma coisa comigo, como aconteceu.. Eu machuquei o cotovelo e precisei dos cuidados da Maria Helena. A tia, como eu a chamava, também cuidou quando fi quei gripada. Fazia leite quente queimado com casca de laranja para eu tomar e ficar boa. Assim, criei laços de amizade com todos ali. O João Márcio, além de reclamar que perdia a cama para mim, vivia me dizendo: ‘Janina, me apresenta a Fofão?’. Um dia, concordei e levei todo mundo daquela casa para um jogo da seleção no Ibirapuera. Aí eu mostrava para a Fofão: ‘Olha lá a minha família de São Paulo’. Mas o João Márcio ficava distante e eu não conseguia dar atenção a ele e aos outros porque os fãs ficavam pedindo autógrafo. Quando se trata de família, a gente dá atenção em casa, né? Já com os fãs a gente dá atenção ali mesmo, na hora.”

Janina e Fofão foram companheiras de quarto na seleção durante três anos. Em São Paulo para a disputa de uma série de amistosos contra o Japão, a equipe brasileira ganhou uma folga do então treinador Bernardo Rezende, o “Bernardinho”. Ciente do dia livre, Janina ligou para a casa da tia Helena com um pedido: João Paulo, um dos filhos dela, deveria buscá-la no hotel para curtir a alforria na casa de sua família adotiva. Foi João Márcio quem atendeu a ligação e, no final dela, brincou com a amiga: “Manda um beijo para a Fofão”. Janina foi tão rápida quanto as bolas de tempo cortadas por ela na quadra adversária e disse a ele, antes de passar o aparelho para a colega de quarto: “Fala com ela aqui”. Pego de calças curtas

e sem ter a chance de ensaiar o discurso, João Márcio, depois de algumas amenidades, tratou de convidar Fofão para acompanhar Janina até a casa de sua mãe. O acanhamento da filha de Tião e Eurides quase a travou, não fosse pelo jeito acelerado da amiga de seleção: “Vamos, vamos, vamos, que vai ser legal”, apressou-se Janina.

João Paulo estacionou o carro na casa dos pais trazendo para um convescote a central e a levantadora da seleção brasileira. Nem bem pintou na porta de entrada que dava para a sala, Janina foi logo instada por João Márcio: “Você é maior tratante, hein! Prometeu me apresentar a Fofão, mas não me apresentou”. Com quase o dobro de tamanho e largura da franzina Fofão, Janina – de caso pensado, ela escondia a parceira das quadras atrás de seu corpo – devolveu a bola para o lado do pretendente da amiga: “Como não? No dia do jogo, a gente estava autografando para as pessoas na grade e você nem quis se aproximar”. O fi lho de Maria Helena mal começou a retrucar e a meio-de-rede aumentou o tom da voz: “Tia, eu trouxe visita para a senhora”. E saiu em direção à cozinha. O seu movimento revelou a presença de Fofão.

De frente para a visita inesperada, João Márcio arregalou os olhos, corou e levou alguns segundos para recuperar a fala. Diante da cena, o povo presente ali rumou para a cozinha. Janina já havia deixado a sala com a malícia estampada no rosto. Sozinho com Fofão, João Márcio demorou para se soltar e revelar a sua porção extrovertida. Percebendo a levantadora da seleção encabulada e pouco comunicativa, foi para o ataque.

“Sacaneei a Fofão para caramba naquele dia, porque ela não abria a boca para nada. Todo mundo conversando e a mulher ali, quieta. Todo mundo se esbaldou nas pipocas que a minha mãe fazia na cozinha. E a Fofão, depois fui saber, é apaixonada por pipoca. Aí eu repetia para ela: ‘De boca fechada você fala demais, hein! Pô, você só abre a boca para comer pipoca!’”

Discreta como de costume, Fofão curtiu à sua maneira o programa, João Márcio e a família adotiva de Janina. Depois de alguns comentários feitos por ela sobre o fi lho brincalhão de Maria Helena, Janina se adiantou na jogada e o avisou da flecha lançada em sua direção. João Márcio e a levantadora se falaram por telefone duas ou três vezes antes de ele a convidar para sair. A filha de Tião não pôde aceitar porque na madrugada seguinte embarcaria para a disputa do *Grand Prix*, na China. “Tranquilo.

Então, me liga quando você retornar. Eu espero sentado ou deitado?”, disse João, fazendo troça para esconder a ansiedade.

Fofão não esperou o avião pousar de volta no Brasil para procurar o filho de Maria Helena. Além de ter sucumbido à lábia daquele jovem da zona sul paulistana que cursava administração de empresas e dava expediente no Citibank, ela acatou uma dica de Hilma Caldeira. Companheira de seleção, a atacante aconselhou a amiga a ligar, da China mesmo, para o paquera. Naquela que seria a primeira ligação internacional da vida de João Márcio, ele ouviu Fofão dizer, entre amenidades sobre a rotina no país, o dia do retorno dela a São Paulo. O início da futura história de amor ao primeiro punhado de pipoca caminhava bem, a não ser por um obstáculo assombroso para Fofão – e, claro, para João Márcio: a sabatina de Seu Tião.

Os dois se curtiram bastante às escondidas até o dia em que, ao atender uma ligação em casa, uma das irmãs de Fofão disse na sala: “É o namorado da Fofão”. Do outro lado da linha, João Márcio ouviu um pouco do que o futuro reservava a ele. “Namorado? Ninguém veio aqui falar comigo ainda. Que história é essa de namorado da Fofão?”, indignou-se Tião. O pai da amada, como João Márcio bem sabia, era das antigas, fazia questão de assuntar as intenções do pretendente a parceiro afetivo de suas filhas. Fofão contou o fato com cuidado para, certo dia mais adiante, ser incisiva.

“Eu namorei pouquíssimo na vida. Meu pai queria que eu focasse no vôlei. Mas eu comecei a conhecer melhor o João, que ligava às vezes em casa me procurando. E toda hora meu pai falava: ‘Eu quero conhecer o rapaz, hein!’. Eu argumentava que estava no começo da relação, não sabia se iria dar certo e tal. Como eu sempre fi z as coisas muito claramente, me incomodava com o fato de o meu pai insistir em saber de algo quando eu não estava afi m de fazer a vontade dele. A gente discutia muito por causa disso. Mas não teve jeito e falei para o João Márcio: ‘olha, o meu pai quer te conhecer. E tem de ser assim para a gente poder seguir em frente. Mas eu não vou contigo nesse dia, não’. O coitadinho suou frio. Meu pai o testou até o último minuto, não deu moleza. Foi bom, porque eu não faria qualquer coisa sem que o meu pai autorizasse.”

João Márcio tinha 20 anos quando ligou para Tião e marcou um encontro com ele. No dia agendado para se encontrar com o pai da

namorada-atleta, atravessou a cidade de São Caetano, onde Fofão morava na ocasião, com a cabeça a mil por hora:

“Foi meia hora de carro de São Caetano até Lauzane Paulista. No trajeto, eu pensava: meu Deus do céu, o que eu vou falar para aquele homem?. Cheguei na casa, sentei, e chega ele, desligando a televisão. Pensei: é agora. Nesse instante, a mãe da Fofão saiu da sala em direção à cozinha e o Seu Tião falou: ‘Ô, véia, senta aqui que a filha também é sua’. Nossa senhora, eu pensei. Bom, ele perguntou o que eu fazia da vida, onde eu morava, quis saber mais sobre a minha família e eu fui falando. Aí veio o ‘qual as suas intenções?’. Falei que, primeiramente, queria conhecer a filha dele, namorar, e que casar eu não poderia garantir porque ainda era muito recente”.

O foco de Tião não era apenas averiguar se o pretendente tinha ou não a intenção de levar a filha ao altar. Ele queria se certificar se João Márcio entendera o propósito em torno do qual a vida de Fofão girava e deveria continuar girando. Ter bem claro na cabeça a mensagem de que Fofão não deveria desfocar da carreira como atleta de alto rendimento era primordial para o futuro de qualquer candidato. “Tá tudo certo então. Se ela gosta de você e vocês estão se conhecendo, então tudo bem. Só precisava conversar”, ratificou. Desde então, João Márcio passou a visitar, cheio da razão, a casa erguida por aquele ex-sapateiro, cantor e pugilista. Não encontrava problema em estacionar na porta e entrar para pegar Fofão. Estava em dia com o chefe da casa, imaginava. E estaria, de fato, não fosse o fato de Sebastião ainda torcer o nariz para um costume de João Márcio: o boné sempre presente em sua cabeça. “Como um rapaz desses entra em casa e não tira o boné de jeito nenhum?”, indignava-se, em conversas com os outros filhos, muitos dos quais, de início, não foram muito com a cara do pretendente. Somente depois de passar por alguns perrengues, ao ser parado para “tomar geral” de policiais, o fi lho de Maria Helena resolveu sepultar de vez aquele adorno de aba dobrada.

O namoro entre Fofão e João Márcio ficou sério muito rápido, mesmo os dois se encontrando apenas após as 23h, quando o fi lho de Maria Helena, depois de trabalhar de dia, saía do segundo compromisso, a faculdade de administração. Seu Tião, sabia a levantadora da seleção, não a deixaria sair meia-noite para ver o amado. Não era simples manter um

relacionamento amoroso com uma atleta de ponta, viria a descobrir João Márcio.

Quando Fofão passou a morar em Ribeirão Preto, cidade do interior paulista onde ela defendeu o Transmontano/J.C. Amaral, o filho de Maria Helena só a via, às vezes, nos finais de semana ou depois de encarar mais de três horas de estrada. Em outras ocasiões, a atleta desmarcava cinema, jantar ou qualquer outro programa agendado com o namorado para depois de um jogo, caso ela saísse derrotada da quadra. Sentia demais um revés e não conseguia tocar o dia com sorriso no rosto, exatamente como foi na primeira derrota sofrida por ela, ainda adolescente, como atleta do Centro Olímpico.

Nem mesmo em véspera de jogo, Fofão dava abertura para João Márcio. “Vamos pegar um cinema na sessão das quatro da tarde? O seu jogo é só amanhã”, argumentava ele. Focada, a levantadora optava por ficar na casa dos pais, alimentando-se regularmente e descansando. O filho de Maria Helena passou por uma reeducação, deixando para trás a fama de garanhão com currículo considerável de ex-namoradas, o prazer de comer inadvertidamente e de curtir a noite graças também aos conselhos recebidos de Tião. Assim garante Ubaldo, o primogênito da família:

“Meu pai contribuiu muito com o crescimento do João Márcio. Muito franco, ele o chamava para conversar e dizia: ‘Para namorar a minha filha, você tem de ter uma postura diferente. Você pode ser o namorado e, talvez, o esposo dela futuramente, mas a sua postura com ela, agora, não pode ser mais aquela que você vinha tendo e que priorizava o jogo de futebol e as brincadeiras com os amigos por aí. Você terá de colocá-la no mesmo patamar das outras prioridades de sua vida’”.

Quisera ver Tião irritado era não arranjar tempo para conversar quando ele solicitava. O homem gostava de um dedo de prosa. João Márcio não se esquece dos papos de horas e horas na varanda da casa construída pelo pai de Fofão em Boituva, no interior de São Paulo, para agregar a família. “Tá tudo bem? Como é que vocês dois estão? Tá dando tudo certo?”, assuntava Tião, sempre atento a cuidar da família e saber o passo a passo das pessoas mais próximas. Ali, João Márcio se acostumou com o mantra do futuro sogro: “A Fofão veio nesse mundo para brilhar. E quem está ao lado dela tem de auxiliá-la para que essa estrela nunca se apague.” Conversadeira

como Tião, a mineira Maria Helena, futura sogra de Fofão, assustou-se quando soube, por meio da sobrinha adotiva Janina, que a levantadora da seleção brasileira estava se engraçando com um de seus filhos. Achou ser muita areia para o caminhãozinho de João Márcio.

“Fiquei preocupada quando fui em uma festa da família da Fofão, em Boituva. Quando eu cheguei e vi aquela casa linda, a piscina, aquelas coisas que eu não estava acostumada, comecei a chorar, chorar mesmo. A Helena, esposa do Ubaldo, viu a cena e quis saber o que tinha acontecido comigo. E eu só pensava que o João Márcio não tinha condição para aquilo tudo, o meu fi lho era pobrezinho demais. Aí a Fofão veio me acalmar: ‘Não, tia, não tem nada demais. Meu pai construiu essa casa, fez uma surpresa para a gente’. Ignorância da minha parte, mas naquela situação eu enxergava somente a jogadora de seleção, uma pessoa muito diferente de mim, da nossa família.”

João Márcio já havia assistido a namorada começar um novo ciclo dentro das quadras em cinco clubes diferentes quando uma nova vida para o casal passou a ser assunto frequente não só entre os dois. Amigos e amigas do casal faziam pressão: “E aí, vão casar ou não?”. Fofão tinha costume de xeretar alianças em algumas lojas quando saía com o namorado para passear em *shoppings*. João Márcio não costumava acompanhar a parceira. Não porque tivesse medo de se ligar de vez à amada, como garante, mas porque estava mais interessado em saber as novidades apresentadas pelas vitrines das lojas de departamentos esportivos.

Os dois ficaram noivos seis anos depois de se conhecerem. E o casamento aconteceu três anos mais tarde, a aproximadamente três meses do início das Olimpíadas de Atenas, em 2004. Na véspera do enlace, na capela da Igreja de São Judas, em São Paulo, Fofão havia acertado a sua transferência para o voleibol italiano, onde defenderia o Perugia. Mas João Márcio só soube da boa-nova depois de ter dito sim no altar, quando a esposa a cochichou em seu ouvido. Fofão não dividira o fato com o futuro esposo, como lembra o “marido traído”:

“Na semana do nosso casamento, a Fofão me perguntou onde ficava o Hotel Intercontinental. Expliquei: na Alameda Santos, atrás do Citibank, onde eu trabalho. Era sexta-feira, 14 de maio. Ela foi até lá, aceitou a proposta e assinou o contrato, mas não me contou. No sábado, dia 15, foi o dia do nosso casamento. Aquela correria,

casamento para 250 pessoas em uma cerimônia religiosa e civil em um mesmo lugar, sabe como é. Assinamos tudo, trocamos alianças, e entramos em um carro só para posar para fotos. Aí ela vira e me diz: ‘Ó, tem um pessoal do Perugia, da Itália, aqui no nosso casamento. Eu assinei um contrato com eles, ontem, para jogar lá depois da Olimpíada’.

Havia 400 pessoas, quase o dobro do previsto, no casório da levantadora da seleção. Ano olímpico, Bernardinho e Zé Roberto como padrinhos do casal, e as atletas da seleção feminina em peso no evento confi guravam um prato cheio para a imprensa. Fofão não queria cobertura alguma, mas Globo e Bandeirantes enviaram profissionais para o local. Na busca pela melhor imagem, o melhor ângulo, a melhor sonora, repórteres e cinegrafistas das emissoras patrocinaram um pequeno tumulto. “Quem chamou a imprensa?”, perguntou a noiva para os familiares. “Não sei, Fofão. Só sei que os repórteres estão surgindo por tudo quanto é lado. Entram pela cozinha do colégio e saem direto no salão de festas”, informava a sogra dela, Maria Helena.

Em meio a essa confusão, Enrico e Giovanni, os emissários enviados pelo Perugia, foram, enfim, apresentados ao recém-marido de Fofão. No dia anterior, depois de assinar o contrato para atuar fora do Brasil pela primeira vez na carreira, ela praticamente os intimou a marcar presença no seu enlace: “Vocês nunca foram a um casamento brasileiro, certo? Quero, então, ver vocês no meu, amanhã”. A dupla tinha passagem de volta para a Itália marcada dali a seis horas, mas marcou o voo e aceitou.

“Falei para o João: ó, esses dois aqui que irão me levar para a Itália. Ele olhou para a minha cara, eu disse que seria um contrato bom e mais tarde explicaria melhor. Depois que o João falasse o sim no altar, não tinha mais como ele voltar atrás. Aí, então, eu contaria a novidade para ele. Brincadeirinha. A verdade é que eu tive o dia de noiva e tudo o mais naquele sábado e só encontrei o João na igreja, no altar, para poder contar tudo. Ele, generoso como sempre, deu risada da situação dos italianos e se divertiu. Mas até hoje o João fala por aí que foi enganado por mim no dia do casamento.”

Ficaram elas por elas. Quando amigos relembram como a ex-levantadora da seleção conheceu João Márcio por intermédio da jogadora Janina, Fofão faz questão de frisar que ele a abandonou na casa de sua

família para ir se encontrar com uma namorada. De fato, o filho de Maria Helena deixou Fofão na residência de seus pais depois de atender a ligação de uma mulher. “A irmãzinha de uma ex-namorada minha havia se acidentado em uma lança andando de patins. Eu não me relacionava mais com aquela pessoa, mas fui até o hospital para dar uma força para ela”, lembra ele. “Aí a Fofão fala até hoje: ‘Me deixou lá e foi ver a namoradinha’.” João Márcio, o Don Juan de boné daquelas bandas, mereceu mesmo passar por uma boa sabatina de Tião.

A CHEGADA À SELEÇÃO

Depois de ser preterida em seu último ano de juvenil, mesmo ganhando prêmios como destaque de seus times, Fofão chegou a pensar que a seleção seria um sonho irrealizável. Parecia claro que uma jogadora jamais chegaria à seleção principal sem ter antes feito o caminho comum das categorias de base. Essa situação circulava em sua cabeça sem tréguas. Por outro lado, seu coração gritava por essa oportunidade, pela justiça de poder apresentar tudo aquilo que tinha aprendido e o que ainda poderia fazer dali por diante. Enquanto tudo isso se passava em sua cabeça, a vida no time seguia com muito trabalho até que seu momento chegou, em 1990, aos 20 anos.

Era mais um dia de treino quando Richard, o diretor do clube, apareceu com a notícia de que o técnico Wadson Lima tinha apresentado a lista das convocadas para a seleção. Duas atletas de São Caetano haviam sido chamadas: a veterana Ana Moser e a nunca antes lembrada Fofão. Da incredulidade à euforia foram poucos segundos. Naquele dia, a casa da família Souza, em Lauzane Paulista, foi só alegria. Helinha, finalmente, chegava à seleção.

A nova saga começaria em Belo Horizonte, onde o grupo brasileiro faria um amistoso como parte da preparação para o campeonato sul-americano. Dentro do avião, Fofão passou os 50 minutos de viagem fazendo um balanço de sua vida até ali. A alegria deu espaço à incerteza e ao medo, uma vez que ela era a única atleta entre todas as convocadas que nunca havia vestido a camisa da seleção. Embora algumas das meninas já fossem suas colegas de competições nacionais, ali na seleção tudo parecia diferente. A timidez que sempre caracterizou seu comportamento dentro e fora da quadra fez aquele momento parecer por demais assustador: onde colocar as mãos, o que falar, com quem falar? Parecia que tudo o que ela sabia havia sumido nas nuvens durante aquela breve viagem a Minas Gerais.

O primeiro temor a ser superado era saber com quem dividiria o quarto. Parece uma coisa banal, mas compartilhar intimidade de forma segura e prazerosa nos momentos de relaxamento é fundamental para um bom desempenho nas horas de trabalho. Enfim, quando todas se reuniram na

recepção do hotel, imediatamente os grupos se formaram, deixando claro uma convivência anterior de seleção da qual Fofão não havia usufruído. A saída foi se aproximar das mais novas, observar, olhar, escutar e esperar por algum sinal que proporcionasse um pouco de conforto. Naturalmente, a aproximação maior se deu com Leila, Virna e Hilma. Ali começava uma amizade que durou muitos anos e muitas conquistas.

A maneira de lidar com a dificuldade de se aproximar das pessoas nos ambientes sociais levou Fofão a se dedicar mais ainda aos treinos e ao aprimoramento técnico, e se relacionar de forma muito precisa com todos. Falar, brincar, sorrir eram gestos que ocorriam ocasionalmente, porém marcavam momentos especiais que levavam até as veteranas a registrar o ocorrido. Lembra Ana Moser:

“Ela era inteligente e muito espirituosa. Quando falava, era certa. Sabe aquelas tiradas inteligentes e sutis, com bom humor?”.

Dentro de quadra a timidez era substituída por esforço, busca pela perfeição e disposição de conquistar espaço com trabalho. Nesse primeiro momento eram três levantadoras para duas vagas no time – Andrea Marras, Fernanda Venturini e Fofão – e uma delas sairia antes de chegar ao Sul-Americano, campeonato com função de pré-olímpico. O objetivo naquele momento era ficar entre as 12 que certamente iriam para os Jogos Olímpicos de Barcelona no ano seguinte e todas naquele grupo sabiam disso. Ali estavam as melhores do Brasil, as que mais se destacaram em seus clubes, várias atletas muito experientes, mas, como em todo processo, um pequeno grupo de novatas começava a ser preparado para fazer a transição das mais velhas. Fofão pertencia a esse grupo, tinha clareza disso, e buscava se firmar no time e na posição, uma vez que até dois anos antes ela ainda jogava como atacante.

O período de treinos e amistosos passou rápido e o dia da convocação para o Sul-Americano se aproximava, bem como o momento do corte de uma das levantadoras. Fofão sabia que era a mais nova e a menos experiente, e sem subestimar a força das concorrentes, seguia lutando por seu espaço. Porém, o fantasma do corte rondava todos os dias o seu coração. Andrea e Fernanda já tinham passagem pela seleção de base.

“Quanto mais se aproximava o corte, mais eu pensava em deixar a minha mala pronta. Todos os dias eu achava que aquele seria o último junto com o grupo. Eu estava bem longe das duas. Na minha cabeça

estava claro que aquela era a minha primeira convocação e o técnico não me conhecia, nunca tinha trabalhado comigo. Eu precisava mostrar alguma coisa boa. Então pensei: já que a minha chance perto das outras é mínima, eu pelo menos vou dar trabalho para ele.”

Conformada, mas nem tanto, a alternativa era treinar e treinar. A disposição para o trabalho chamava a atenção da equipe técnica e das colegas. Sobrava disposição sincera, solidariedade e responsabilidade, que certamente colaboraram para reforçar uma de suas principais características a se revelar: a líder por trás da levantadora. A evolução era a meta e a competição estava em segundo plano.

“Então eu treinei, eu treinei muito, mas, na minha cabeça, a evolução não era pela competição. Eu treinava, eu ficava sacando, ajudava sem querer mostrar demais, porque eu achava que aquilo ia ajudar na minha evolução, e de alguma forma isso acabou chamando atenção do técnico e de todo mundo. Aí as pessoas começaram a simpatizar comigo, com essa minha forma de ser, pela minha dedicação no treino. Outras jogadoras fizeram o contrário. Quando percebiam que seriam cortadas, elas entregavam os pontos. Eu podia ir embora, mas não ia ser fácil.”

O corte veio e Andrea foi. Fofão foi uma das duas levantadoras selecionadas para permanecer na seleção e sua estreia foi em grande estilo. Essa seria uma das marcas de sua carreira: em toda a sua vida de atleta, nunca foi cortada de nenhuma equipe, fosse em clube ou na seleção. Desse trauma ela passou ilesa.

Em seus primeiros jogos, suas entradas se davam apenas para sacar, mas aqueles momentos valeram pelos muitos anos de espera. O saque preciso não era desperdiçado e os momentos em quadra eram vividos como infinitos. A final foi contra a seleção do Peru, a grande adversária brasileira do passado, arquirrival sul-americana, e marcava a conquista da vaga para os Jogos Olímpicos de Barcelona. A tão sonhada chegada à seleção foi coroada com um primeiro título e a expectativa de que muitos jogos e títulos estavam por vir.

De volta ao clube e à Superliga, seu desempenho como levantadora titular de um dos melhores times do País lhe dava a visibilidade e o preparo para esperar pelo melhor. Passados alguns meses, o técnico Wadson Lima convocou o grupo que iria se preparar para os Jogos Olímpicos e, dessa vez,

as levantadoras chamadas foram a veterana Ana Richa, Fernanda Venturini e Fofão. Novamente era preciso lutar para estar entre as doze. Se fosse uma prova de salto em altura seria possível dizer que o sarrafo havia subido dois pontos mais. Durante o Sul-Americano, Ana Richa estava grávida e agora ela voltava para a seleção com o desejo de se manter na posição da qual foi titular absoluta por vários anos. Naquele momento, o desejo maior era estar na seleção para participar de uma edição dos Jogos Olímpicos, o que mudava muito o rumo das disputas. Parecia que agora, mais do que nunca, ninguém poupava esforços nos treinos e nas preparações físicas. Era o momento de dar 110% e, para isso, todas trabalhavam em dobro com a intenção de não perder sequer um centímetro de possibilidade.

De Wadson resta a lembrança de um técnico com um estilo autocrático e muito determinado no cumprimento das regras impostas ao grupo. Sua rigidez limitava o espaço para brincadeiras ou descontração entre as atletas e nos momentos de treino. E assim, como no campeonato anterior, quando chegou o momento de fechamento do time, foi preciso dispensar uma das levantadoras. Todos os dias, no final do treino havia a expectativa do anúncio do corte, que podia ou não vir. A mala era o indicador da tensão e todas pensavam se era ou não o dia de arrumá-la e partir.

Até que chegou o dia do último treino. Marcado pelas tensões da espera do anúncio final, foi realizado o coletivo contra um time masculino e, para desespero de Fofão, durante o jogo ela torceu o pé. Caída no chão não lhe vinha outra ideia à cabeça a não ser de que seria cortada ali mesmo, na quadra. Parecia que naquele momento todo o esforço de anos tinha sido em vão e ela chorava desesperadamente quando o técnico chegou ao seu lado e pediu que ela mantivesse a calma.

A reunião da dispensa foi ali mesmo, numa sala ao lado da quadra. Era o último treino de muitos que antecederam a convocação olímpica e todas tinham o desejo de seguir com o time para Barcelona. O anúncio foi rápido e, quando acabou, Fofão não acreditava no que tinha ouvido. Sentada em uma mesa, com o pé ainda doendo ela ouviu o nome de Ana Richa ser anunciado como uma das cortadas. Era a segunda vez em sua vida que ela ocupava a posição que pertencia à ex-levantadora da seleção. Ana Moser estava naquela sala, naquele momento e se lembra da situação.

“92 foi o último corte da Ana Richa pelo Wadson Lima. A Fofão realmente tomou o lugar porque ela era melhor, não foi nada além disso. A Fofão era a melhor. A gente nem entrou muito nessa discussão

até porque nem tinha muito o que discutir. Acredito que para a Fofão deve ter sido muito difícil, por achar que estava tomando lugar de alguém, talvez na cabeça dela isso possa ter acontecido, mas de fato não tinha discussão.”

Fofão recorda a dificuldade de lidar com aquela situação nas semanas de treinamento. Antes do corte, Ana Richa já planejava com quem deixar seu bebê de poucos meses, afirmando a certeza de pertencer ao time. Se no princípio isso fez Fofão temer por sua posição, também a levou a treinar com muito mais afinho e determinação, resultando em sua convocação. Seu desejo, no momento daquele anúncio, era sair correndo, pulando, gritando a plenos pulmões sua conquista, mas ao avaliar a situação percebeu que sua alegria também representava a tristeza de alguém. Inconformado com o corte da esposa, o marido de Ana Richa entrou na sala e foi tirar satisfação com o técnico. Dessa discussão resultaram algumas cadeiras quebradas e muita gritaria. Fofão saiu da sala desejando ser invisível e buscando alguém para poder contar o que tinha acontecido, mas, principalmente, sua felicidade por ter alcançado a seleção olímpica. No corredor percebeu que alguém vinha muito próximo a ela. “Era o Luis Fernando, o preparador físico Nando, de Curitiba. Ele veio, me abraçou e falou: ‘é isso mesmo, comemore para valer que você merece. Você merece tudo isso que vai acontecer na sua vida.’ Foi a única pessoa com quem falei naquela hora. Eu não acreditava!”

E assim Fofão foi para sua primeira experiência olímpica. Em Barcelona seu desejo era poder jogar, mas na condição de reserva foram poucas as oportunidades de entrar em quadra. Em sua lembrança ficou um contra os Estados Unidos, no qual o Brasil perdia. Numa tentativa de mudar o jogo, Wadson Lima fez uma inversão (alteração em que são sacadas a levantadora e a atacante que cruza na posição) com Ana Lúcia. O resultado dessa alteração foi uma virada no placar que levou a seleção brasileira a ter vantagem sobre o adversário e conquistar a vitória. Hilma e Fofão foram as destaques.

“Quando acabou o jogo todo o pessoal queria falar comigo e com a Hilma. A gente dava risada e tentava entender o que estava acontecendo. A gente se olhava e ria muito porque ninguém conhecia a gente.”

Aquela geração carregava a expectativa de uma medalha em função do crescimento que o voleibol vivia naquela década. Porém, a derrota na semifinal para a seleção da CEI, nome dado à ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, levou o time para a disputa da medalha de bronze contra os Estados Unidos, que também venceu o Brasil, restando um amargo quarto lugar. Fofão se lembra da derrota, mas pouco registro guarda dos momentos posteriores ao jogo e tudo o que aconteceu dentro do vestiário.

“Eu lembro da Márcia Fu chorando. Ela estava muito indignada. A Aninha (Moser) séria, no canto dela, mas as mais novas estavam totalmente assustadas. A gente não podia fazer nada. A gente ficou triste porque sabia que eram pessoas que tinham trabalhado muito e a tristeza delas foi a tristeza de todas nós. A gente não tinha reação, não chorava. Nós simplesmente ficamos num canto, olhando, observando, mas não falávamos nada porque não era o momento de falar.”

O respeito pelas mais velhas foi a grande lição de todo o processo da chegada à seleção até a disputa dos Jogos Olímpicos. A experiência como levantadora de clube ajudava, mas não resolvia toda a tensão vivida naquele banco de reservas durante a espera para entrar em quadra. Sua aparência tranquila escondia um medo avassalador, quase paralisante, que fazia sua mão tremer no momento em que ela menos podia errar. Sua consciência lhe dizia que ainda não era tempo de ser titular e também lhe cobrava uma atuação impecável quando chamada à quadra. Companheira de longa jornada, a coragem nunca lhe faltou. E o medo, companhia constante na vida de todo atleta que luta para ser olímpico, era colocado em seu devido lugar. Restava a determinação de entrar e fazer o melhor, deixar a marca da excelência, nada menos do que isso. Afinal, como dizia Seu Tião, Hélia nasceu para brilhar.

ADEMIR DA GUIA

De volta para São Caetano do Sul depois do *debut* olímpico em Barcelona-92, Fofão retomou a rotina na cidade do clube que primeiro a acolheu. E logo percebeu as coisas mudarem de patamar. Para o bem e para o mal. No Ginásio Milton Feijão, a casa do Colgate/São Caetano, os espaços vazios foram minguando. A Fofão filha de Eurides e Tião havia dado lugar à Fofão da seleção brasileira olímpica e muitos quiseram conferir ao vivo, ali, aquela mudança de status da pupila do pedaço. O próprio Sebastião sentiu na pele essa nova configuração. Acostumado a acompanhar os jogos isolado em um canto do ginásio para se livrar da algazarra e gritaria dos fanáticos torcedores da equipe, dos quais a sua esposa fazia parte, teve de se adaptar e mastigar os seus amendoins rodeado de muito mais gente.

A visibilidade conquistada pela então camisa 15 pós-Jogos Olímpicos facilitaria as sempre intrincadas negociações com as equipes. Seu salário dera um salto substancial e exceções foram concedidas a ela, como por exemplo, atuar com contrato assinado em clubes contrários à prática durante a montagem de seus elencos. Tais mudanças permitiram a Fofão realizar o sonho de comprar um carro, uma Brasília. Dois anos depois de Barcelona-92, a levantadora trocava o conforto de São Caetano, praticamente uma segunda casa, para respirar novos ares e desafios na capital paulista, defendendo as cores do Sollo/Tietê. Em Tietê, ela viveria uma experiência única em sua trajetória ao morar com outras atletas em uma mesma casa disponibilizada pelo clube. E, com maior bagagem e uma edição olímpica já no currículo, seguia atraindo olhares.

Seu técnico, à época, era Carlos Eduardo Bizzocchi. Conhecido como Cacá Bizzocchi, ele, assim como Fofão, estivera na Olimpíada de Barcelona. Fora auxiliar-técnico de Zé Roberto, treinador da seleção brasileira masculina de vôlei medalhista de ouro naquela edição. Cacá, à época, era fã de Fofão e tinha uma interessante comparação sobre a maneira dela desequilibrar uma partida, como publicou a *Folha de S.Paulo*, em janeiro de 1995:

“Um dos destaques do Sol o é a levantadora Fofão, que pela primeira vez deixa de ser coadjuvante para ser a principal estrela de uma

equipe. Tímida, Fofão é conhecida por falar pouco. O técnico Cacá Bizzocchi diz que ela é uma espécie de Ademir da Guia (camisa 10 e maestro do Palmeiras, nos anos 70, apelidado de Divino) do vôlei. É uma grande jogadora, mas se os outros não fi zerem propaganda dela, ela também não faz. O estilo de poucas palavras de Fofão já rendeu histórias. Circula no vôlei um diálogo de como seria uma briga entre ela e a também super quieta Fátima, atacante do Recra. Fátima diria ‘pô’. E Fofão: ‘ah!’. Na quadra, Fofão vem dando o que falar. Cacá diz que ela está se tornando uma levantadora mais ousada. A meta do Sol o é chegar entre as cinco primeiras colocadas. Uma das armas do time é a união. E não é para menos. A equipe vive praticamente em comunidade. As jogadoras se dividem em três casas. Os cinco integrantes da comissão técnica também não se separam. Eles moram juntos em uma casa de Tietê. Lá, como não poderia deixar de ser, a conversa é uma só: voleibol”.

Benquista por treinadores, Fofão percebia vez ou outra a sua presença incomodando algumas companheiras de time. O estilo dela, composto de muita dedicação, não havia sido alterado. Treinava duro, distribuía um sem número de rolamentos e peixinhos na quadra, recolhia bolas, ajudava a comissão técnica no que podia e cuidava da parte física preterindo programas fora do ambiente esportivo para não se desgastar e, sim, descansar mais. Cumpria esse ritual sempre mantendo a postura mais discreta com a qual fez fama e angariou admiradores. Mais ainda: não retornara dos Jogos de Barcelona com o nariz em pé, respirando o ar da superioridade em relação a ninguém.

“Eu sempre fui muito tranquila, mas percebi que deixei de ser a amiguinha, a legalzinha, para o grupo em algumas equipes. Eu seguia a minha rotina de querer fazer o meu trabalho bem feito, mas tinha treinamento em que eu percebia a outra levantadora fazendo o possível para aparecer mais do que eu, para chamar atenção. Eu não tinha de chamar a atenção; eu deveria fazer o meu bem feito. Mas passou a ter aquela concorrência diária. E eu via que as pessoas tentavam me isolar um pouco, formavam um grupinho de um lado para eu me sentir excluída. Enfi m, um monte de coisas. Eu tive de ter muita cabeça para entender ser refl exo da mudança de vida que eu estava vivendo. Ficou um pouco mais difícil para mim. Sofri mais

cobrança e não podia enfraquecer. Eu via que estava incomodando. Teve levantadora de equipe que não me aceitava de jeito nenhum.”

Com o certificado de atleta olímpica, a camisa 7 da seleção desembarcou em Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, em 1995. Deixou o então namorado João Márcio em São Paulo e mudou de cidade movida pela vontade de trabalhar com Chico dos Santos, treinador do Transmontano/J.C. Amaral. Chico foi auxiliar-técnico de Bernardinho na seleção por cerca de quinze anos e tinha fama de ser exigente e de pegar pesado nos treinamentos. E Fofão tinha curiosidade de conhecer outra metodologia de trabalho. Apesar da parceria com Cacá Bizzocchi, sua passagem pelo Sollo/Tietê, clube anterior à mudança para Ribeirão Preto, não a havia empolgado tanto pelo fato de não conseguir conquistar títulos ali. Atleta evolui nos treinamentos, pensava ela. E, por isso, decidiu encarar o Chico.

“Ele é muito louco, meu Deus do céu! Já tinham me falado desse apelido dele. O Chico mandava a gente acordar às sete horas da manhã para assistir a vídeos de jogos. Uma vez não aguentei e dormi na frente dele. Chico viu e falou: ‘Então, como a Fofão já entendeu tudo, né?’. E eu: Ai, Chico, na boa, sete horas da manhã não dá para raciocinar. Ele ficou muito muito bravo, muito bravo mesmo.”

Fofão tinha ideia da fama, mas não imaginava o quão alternativo era o seu treinador. Mesmo assim, de olho na bagagem daquela experiência peculiar, resolveu persistir seguindo à risca os princípios do comandante, como, por exemplo, aulas de ginástica olímpica para as atletas às 8h. Pular da cama já ligada nos 220 volts não a chamuscou tanto quanto as relações interpessoais. O status quo encontrado por ela naquele grupo a colocou em um ambiente nada favorável. Fofão não se sentiu totalmente aceita no J.C./Amaral.

“Sofri bastante porque tinha um pes oal do time que não me deu muita abertura. Não gostei muito de ter ido para lá por causa do ambiente. Apesar de já conhecer a Vera Mos a e a Lica, com as quais já havia trabalhado, tinha um pes oal que não dava bom dia, era mais frio. Me senti bem isolada pelo grupo naquele ano.”

Ambiente à parte, Fofão se viu em um embate com a então levantadora titular Gisele, jogadora com passagem pela seleção no currículo.

“Sempre tive bom relacionamento com as outras levantadoras, mas com a Gisele. . a gente não era inimiga, mas estávamos sempre competindo. Ela queria a vaga dela e eu não estava a fim de perder a minha. A Gisele não foi muito com a minha cara naquele ano.” Desde o retorno ao Brasil depois da sua primeira participação em Jogos Olímpicos, em Barcelona-92, Fofão passou a fazer uma exigência em todos os contratos: jogar com a camisa 7. No Transmontano/J.C. Amaral adivinha nas costas de quem o número estampava o uniforme? Gisele. “Foi uma confusão porque ela não queria me passar o número. Para não tumultuar a coisa toda, resolvi deixar para lá e joguei com o número 6 mesmo.”

A levantadora da seleção ficou apenas uma temporada em Ribeirão Preto. No acerto de contas, Tião, pai e guardião da carreira da filha, teve de entrar em jogo. Diretores responsáveis pelo pagamento, de acordo com Fofão, não estavam dispostos a honrar o compromisso assumido. “Um rapaz lá nos disse: ‘Vocês não podem nos cobrar, porque não têm nada assinado conosco’.” O dirigente esquecera-se de um detalhe. A filha do ex-sapateiro não atuava sem contrato assinado, conforme fazia questão de exigir seu pai e empresário. No Transmontano/J.C. Amaral, Fofão era uma das únicas jogadoras a ter pactuado o acerto com o clube em papel timbrado. “Não, não, o senhor não está se lembrando. A minha filha tem, sim, contrato assinado”, pontuou Tião. Fofão fala dessa passagem peculiar e rara em sua carreira, a tentativa de calote por parte de um clube:

“As pessoas achavam ser fácil passar a perna no meu pai. Mas ninguém conseguia isso. Ele tinha uma memória tão boa que era até puxado demais. Ele registrava na cabeça todo o papo com alguém. Então, eu entrava nas reuniões de negociação de contrato apenas com o rosto e o meu pai jogava as cartas na mesa. Ele dizia o que queria e não queria para firmarmos um acordo. O rapaz lá de Ribeirão Preto tomou um susto quando ouviu do meu pai que a gente tinha um contrato assinado com o clube. Eu nunca joguei por um time sem contrato assinado. Bom, no fim das contas conseguimos fazer o acerto quando eu saí de lá, porque tudo o que nos foi proposto estava registrado em contrato.”

A levantadora atuou por quinze clubes. Longe de ser atraída por polpudas propostas de salário, o que a fazia trocar de agremiação era a

carência de projetos duradouros. A falta de investimentos de longo prazo, forte adversário ainda hoje do cenário esportivo nacional, fez Fofão mudar de time toda vez que uma empresa fechava a torneira de patrocínio. Sem dinheiro, a equipe representada pela atleta era forçada a encerrar as atividades, deixando jogadoras desempregadas e contando com a sorte de encontrar uma porta aberta no minguado mercado.

“Eu sempre preferi permanecer em um mesmo lugar, mas nós, jogadoras, praticamente nunca podíamos escolher esse caminho. Diferente do futebol, no vôlei a gente não tinha a chance de exercer a vontade de ficar em um clube para o resto da vida.”

Ela encerraria o ciclo olímpico que a levou para a Olimpíada de Atlanta, em 1996, atuando por quatro equipes: Colgate, Sollo, Transmontano e Uniban.

BERNARDO E A PRIMEIRA MEDALHA OLÍMPICA

Passada e euforia da participação olímpica em Barcelona era tempo de voltar ao clube e focar no futuro próximo e no longo prazo. Estar na seleção era bom, mas a condição de reserva não era o desejo de uma atleta que desde o princípio da carreira sobreviveu por ser competitiva. E o mais importante era ser competitiva sem ser desleal ou imoral, condições muito mais comuns do que se possa imaginar no esporte cujas posições valem títulos e contratos. Conquistado o espaço, era tempo de consolidar relações já estabelecidas pelo grupo mais antigo, que se entendia muito bem dentro da quadra, mas que pouco se relacionava fora dela, situação reforçada pelas disputas pelo espaço na mídia e entre os patrocinadores. Para Fofão, aquele tipo de relação parecia muito estranha: na quadra todas eram muito profissionais e fora dela quase nenhuma amizade. Não era um ambiente ruim, mas diante do tempo que as atletas passavam juntas em concentrações e viagens, era de se esperar que alguns laços se desenvolvessem. E um projeto de futuro nasceu ali.

Fazer parte de um grupo passou a ser o grande desafio de uma das caçulas da equipe, que ainda contava com Leila e Virna. Longe de ser extrovertida, Fofão começou a atrair colegas que entendiam seu jeito e seu recolhimento. Ela, por sua vez, teve que aprender a usar suas virtudes como a precisão de suas intervenções, o humor e a confiança. O quarto lugar nos Jogos Olímpicos de Barcelona contribuiu para expor questões pouco divulgadas de discordâncias dentro da equipe e a frustração da perda de uma medalha, considerada garantida, levou à saída do técnico Wadson Lima. Essa renovação representou a grande transformação da equipe brasileira com a chegada do técnico Bernardo Resende, o Bernardinho. Com um estilo inédito de condução do time feminino, ele inovou em técnica, mas principalmente em instruções sobre comportamento. Fofão lembra desse momento como uma grande virada nos treinamentos e na condução do grupo.

“Apesar de eu ser titular no clube, eu ainda não tinha segurança de ser titular de seleção. O Bernardinho veio com um outro tipo de

treinamento e eu juntei tudo aquilo que eu aprendi com o Zé e comecei a trabalhar com ele. Eu sabia que eu tinha um chãozinho para andar, para caminhar, e ainda não tinha segurança de ser titular.”

Era dia 26 de dezembro de 1993. Por questões que fugiram ao seu controle, Fofão errou o aeroporto de embarque e chegou atrasada no dia da apresentação do novo técnico. Ao chegar ao local de encontro, pediu desculpas e foi para o fundo da sala, tentando não ser vista, nem percebida, mas o estrago já estava feito. Ao final da reunião foi até o novo técnico, explicou o ocorrido, pediu desculpas e temeu pelo pior, afinal ela sempre ouviu dizer que a primeira impressão é a que fica. Mas, para sua felicidade, com Bernardinho foi diferente. Depois de uma semana, foi dada uma tarefa para as atletas realizarem. Ela consistia em escrever o que cada uma pensava sobre o trabalho dele na equipe e o que precisava aprimorar individualmente. Coerente com aquilo que Fofão era, e com o que tinha feito para chegar até ali, escreveu:

“Eu disse que as pessoas ainda estavam um pouco assustadas com a maneira dele trabalhar, mas que era para não desistir porque a gente estava num caminho que a gente não conhecia, mas com certeza íamos colher coisas boas, porque era um trabalho bom. Até hoje se lembra disso.”

As lembranças de Bernardo daquele momento vão em outra direção.

“Muitos treinadores, certamente alguns insatisfeitos com o que vinha acontecendo, tentaram me aconselhar e disseram para não convocar a Fofão porque ela tinha a mesma idade da Fernanda Venturini. Eu tinha visto muitos vídeos, assistido a Fofão jogar. E eu disse que não convocava pela carteira de identidade, mas pelo que ela jogava e pela condição. E a Fofão naquele momento era a segunda melhor. Desde então, em 1993, até quando eu deixei a seleção brasileira, ela estava lá.”

Desacostumada do jeito Bernardinho de ser, Fofão passou por um período de adaptação ao novo técnico. Treino árduo nunca foi um problema para ela. Além disso, também era muito mais afeita a ouvir do que a falar. A questão era então trabalhar, trabalhar e trabalhar e ficar atenta para não ser surpreendida por alguma instrução que não pudesse ser cumprida. Embora já estivesse bem mais adaptada ao grupo, seu jeito introspectivo e tímido de

ser não combinava com reações explosivas ou respostas ríspidas. Fizeram parte de sua trajetória técnicos com características muito diferentes daquele com quem agora convivia. Bernardo era tão enérgico que, além de impor respeito, também causava medo, principalmente pela quantidade e pela intensidade das broncas que dava nas meninas. Mesmo se esforçando ao máximo, certa vez Fofão foi alvo de um desses rompantes. Durante um jogo, num pedido de tempo, ele se dirigiu a ela muito alterado, chegando a ser desrespeitoso. Nervosa e humilhada, Fofão retrucou, situação pouco comum na convivência de ambos até ali, e para sua surpresa Bernardo a chamou de burra.

“Eu olhei para ele e falei: eu não sou burra!, falei na hora, eu rebati, porque geralmente escutava e não falava nada. Mas aquilo foi muito forte, eu retruquei e comecei a chorar. Eu lembro que ele ficou muito mal também, meio desorientado, porque foi uma situação que não é normal. Eu nunca tinha visto ele fazer isso e fiquei muito chateada. Ele ficou muito mal também e foi uma situação que nunca mais aconteceu. Foi a primeira e última, foi muito ruim, porque eu me desconcentrei totalmente do jogo.”

Bernardinho se lembra desse momento e justifica sua atitude como parte do enfrentamento necessário para a autonomia e conquista de espaço que Fofão precisava garantir.

“Eu me lembro daquele episódio. É por isso que eu tenho este respeito enorme por ela, porque ela se colocava da forma correta, da maneira que tinha que se colocar. E às vezes o que me preocupava no início do nosso convívio, é que como levantadora ela tinha que se posicionar. Por ouvir mais do que falar muitas vezes, as pessoas confundiam isso, ou como insegurança ou subserviência, o que não era verdade. Simplesmente ela é ela, entendia bem o caminho, qual era a trajetória dela e o que fazia. Em certos momentos, não vou dizer que foi proposital, mas eu tentei desafiá-la porque eu queria que ela mostrasse a todos que ela era muito mais forte do que as pessoas imaginavam. Eu muitas vezes errei na fórmula com várias pessoas. Mas, eu tenho a certeza que ela tem uma convicção: de que eu não errei na intenção, por isso que nossa relação é duradoura. Existe respeito, carinho e amor entre nós. Acho que é uma relação familiar e isso que é o bacana desta história toda.”

O novo técnico era um enigma para as jogadoras da seleção. A lembrança que o grupo tinha dele era na condição de jogador que no final da carreira saiu do Brasil deixando poucas referências. Embora fosse técnico na Itália pouco ou quase nada se sabia sobre sua proposta de treinamento ou mesmo competência. A notícia que se tinha era que ele vinha para a seleção feminina para mudar tudo, mas seu principal desafio era superar as cubanas, atuais adversárias insuperáveis. Se do ponto de vista da habilidade e da técnica as brasileiras se igualavam às cubanas, no quesito força as adversárias pareciam imbatíveis. A primeira mudança na seleção brasileira foi na preparação física, com a inclusão de treinamento de força, desconhecido até então por equipes femininas. Fofão se lembra do impacto que isso causou: *“A gente passou a fazer muita musculação, muito peso, para poder ter mais força e juntar nossa força com a técnica, que ele achava que era a única maneira que tínhamos de ganhar das cubanas, que era o time a ser batido.”*

Isso significava horas e horas de academia, avaliações e muita dor. Não bastasse isso, Bernardinho começou a levar homens para treinar com as mulheres, principalmente para desenvolver defesa, ataque e bloqueio. A intenção era tirar da cabeça das brasileiras o medo que as cubanas impunham em função da impulsão e da força de que dispunham, também por treinarem com homens. Começava assim o desmonte de um mito chamado Cuba, que dominou o voleibol feminino desde a queda do Peru como potência. No raciocínio de Bernardinho, era preciso dessensibilizar as brasileiras, principalmente para defender as bolas de ataque que vinham com uma potência indescritível para quem estava a postos para defendê-las.

“Ele começou a trazer homens para nos treinar, o que a gente chama de braço.. uma pancadaria que eu vou te contar. As cubanas assustavam, dava medo de ver porque era uma força que eu nunca tinha visto. Então, o único jeito de superar aquilo era trazer os homens que ficavam em cima de um caixote e a gente na defesa. . era só pancadaria, era pancada muito forte. O Bernardinho falou: se vocês não tiverem medo de defender a bola deles, vocês vão ter mais coragem para enfrentar as cubanas. E era isso todo dia. Ele exigia 100%, 120% da gente todos os dias.”

Nunca ninguém tinha treinado um time brasileiro daquele jeito, principalmente, sendo um técnico brasileiro, e isso deixou as meninas sem

referência. A intensidade dos treinamentos se assemelhava a um tipo de tortura física que levava todas à exaustão. Não havia questionamento à metodologia porque o objetivo havia sido anunciado desde o princípio: todos na equipe queriam a medalha que lhes escapara em Barcelona. Ninguém mais queria perder a chance de subir ao pódio que estava tão próximo, e para isso era preciso sacrifício, muito sacrifício. Com o grupo fechado nesse propósito, o passo seguinte era desenvolver estratégias para sobreviver ao massacre diário.

“No começo foi difícil entender tudo aquilo. Isso nunca tinha acontecido no vôlei feminino antes. A gente falava: quem é esse louco que está dando treino para a gente? Acabava o dia, só queríamos comer e dormir. Ninguém tinha força para mais nada. A gente tinha dúvida se aquilo ia dar certo, e só foi realmente acreditar no trabalho quando começamos a ver a evolução que tivemos, quando começamos a jogar de igual para igual com as cubanas. Aí todo mundo começou a ter mais confiança no trabalho dele, mas a princípio assustou muito.”

Bom com jogo físico e domínio dos aspectos psicológicos, o grupo comandado por Mireya Luis dominava as adversárias com um misto de competência técnica e astúcia, dentro de quadra, e fora dela mantinha uma relação amigável com as adversárias brasileiras que, penalizadas com a falta de estrutura do país, não se furtavam em doar e presentear artigos esportivos, de higiene pessoal e tantas outras coisas que se sabia que faltavam na Ilha. Esse *fair play* foi praticado no período em que as “freguesas” (expressão usada para caracterizar um adversário que é constantemente derrotado) brasileiras perdiam e se conformavam com essa situação. Quando os treinamentos começaram a surtir efeito e as derrotas já não eram assim tão garantidas, o espírito de amizade se alterou radicalmente. Reveladas atrevidas, desrespeitosas e provocadoras, quando na iminência da derrota, a relação de possível amizade do passado foi modelada para ser apenas encontro profissional dentro da quadra. Depois de perceber que as inocentes brasileiras estavam sendo manipuladas, Bernardinho fez questão de impedir que aquela amizade estranha perdurasse.

“A gente se dava bem com as cubanas, chegava até a ajudar, mas, quando começaram a ver que a gente estava ali jogando de igual para igual, elas também mudaram muito e passaram a provocar muito

mais, começaram a xingar muito mais. O Bernardo então falou que era para acabar com as amizades, com as ajudas e começou a complicação, aquela rivalidade toda. Eu, particularmente, nunca tive problema com elas, mas ele cortou. Por mais que a coisa fosse dentro da quadra, foi tudo ficando muito grave. A provocação delas não era uma simples provocação, era falta de respeito. Então, começou a ficar uma coisa muito chata, muito difícil de se suportar.”

E nesse clima de enfrentamento a seleção feminina foi a Atlanta-96. A expectativa de pódio aumentava em função dos bons resultados que o time conquistava a cada ano. Fofão permanecia como a segunda levantadora, ciente de que seu momento de ser titular ainda não havia chegado. Bernardinho se lembra dessa equipe e do lugar de Fofão:

“No início da seleção ela era uma ótima jogadora dentro de um grupo de ótimas jogadoras, como Marcia Fu, Ana Moser, Hilma, Ana Flavia, Virna, ou seja, uma geração que surgia comparável com aquela de prata do vôlei masculino. Foi a primeira geração que popularizou o voleibol feminino, de reconhecimento internacional, que abriu uma sequência de vitórias e conquistas.”

A lembrança que marca a trajetória daquele time nos Jogos Olímpicos de Atlanta está muito mais associada ao jogo da semifinal, realizado contra Cuba, do que necessariamente à conquista da inédita medalha de bronze. Pela construção das chaves da competição, o jogo entre Cuba e Brasil deveria acontecer somente na final, porém uma derrota cubana nas quartas de final levou ao confronto ainda na etapa anterior. Todos tinham ciência da rivalidade posta ali e de tudo o que poderia acontecer naquele jogo. O Brasil ganhava de 2 x 1 e as cubanas viraram, levando o jogo para o *tie break*, vencido no final pelas cubanas. Teria sido apenas mais um jogo tenso se as provocações das cubanas não tivessem sido respondidas passionavelmente, gerando uma briga olímpica, cuja pancadaria chegou aos vestiários. Fofão ficou absolutamente espantada e desejava apenas que tudo parasse o quanto antes.

Passada a ira e a tristeza pela derrota, era tempo de focar na medalha possível e entrar para a história com a conquista de um resultado inédito. O jogo que decidiria o terceiro lugar seria contra as russas e não havia tempo a perder. O foco era na medalha de bronze e aquela disputa precisava ser encarada como uma final.

“As coisas não aconteceram como a gente planejou. E então todo mundo encarou o jogo contra a Rússia como se fosse a nossa final. O vôlei feminino nunca tinha subido num pódio olímpico e a gente ainda estava dentro do jogo. Todo mundo se conscientizou disso, se recuperou, colocou a cabeça no lugar, tivemos um dia para descansar e no outro dia fomos com a força máxima. Não seria justo sair sem uma medalha. A gente conseguiu vencer as russas e foi como se tivéssemos ganhado o ouro, porque nós estávamos ali fazendo a nossa história.”

A cena no pódio reflete esse momento de satisfação e reforça uma ideia de que a medalha de bronze é mais celebrada do que a de prata, porque ela envolve uma vitória final. Aquele time entrava para a história pela conquista da primeira medalha olímpica, afirmando a determinação de mulheres que sofreram na pele a condição de eternas coadjuvantes, mesmo sendo protagonistas. Ali também acontecia a despedida de um grupo mais velho, que abria caminho para uma nova geração.

Para Fofão era um momento de fazer um balanço da própria trajetória.

“Eu dei um salto muito grande, evolui muito por ter passado com elas aqueles anos. Quando acabou aquela Olimpíada eu pensei que minha hora estava chegando, que teriam mudanças, que algumas jogadoras iam sair, outras iam continuar e eu pensava que, se eu fosse titular, eu estaria pronta. Eu já tinha essa segurança e era o que eu mais desejava.”

Das doze atletas que foram a Atlanta, seis encerraram a carreira após os Jogos Olímpicos. As seis eram titulares, dando espaço para as reservas assumirem a tão desejada posição no time. Fofão estava no lugar certo na hora certa, não apenas para ser levantadora, mas para se tornar uma liderança fundamental nos anos seguintes.

FIM DO SEGREDO

Fofão tem orgulho de um fato. Senão todas, a maioria das jogadoras de meio-de-rede com as quais ela atuou nos clubes foi convocada para integrar a seleção brasileira. A precisão da ex-camisa 7 nessa jogada é muito bem explicada por José Roberto Guimarães:

“A bola que ela fazia com a maior naturalidade, de olhos fechados, de uma forma que parecia estar brincando, era com a atacante de meio-de-rede quando esta retomava o contra-ataque. Fofão treinava demais essa jogada e se sentia muito cômoda em levantar esse tipo de bola por causa do gesto durante o movimento. Mesmo quando a bola estava afastada da rede, ela empregava um gesto muito importante para dentro realizado por poucas levantadoras no mundo ainda hoje. Fofão não tinha problema em executar o levantamento para frente, para trás ou para o fundo. Fazia isso numa velocidade, em um curto espaço e com precisão incríveis, como nenhuma outra levantadora no mundo.”

Sorte da central Fabi. Mineira de Santa Luzia, a meio-de-rede titular da seleção durante a campanha do ouro em Pequim-2008 ainda atuava pelo juvenil do MRV/Minas quando passou a treinar com a equipe adulta. Encabulada e impressionada ao ser escalada para bater bola ao lado de Fofão, a quem idolatrava, logo percebeu que a vida lhe foi generosa. Depois de alguns treinamentos, um dos primeiros papos com a levantadora resultou na seguinte avaliação: “Fabi, você tem condições de estar na seleção; tem chance de ser uma grande jogadora. Farei o que estiver ao meu alcance para você conseguir isso.”

A parceria das duas no MRV/Minas deu liga tanto fora de quadra – eram tímidas e reservadas – quanto dentro. Fabi, de 1,93 metro, aprendeu como poucas a ler o melhor movimento de Fofão, segundo Zé Roberto, a bola de meio-de-rede.

“Ter encarado essa fase de transição da carreira ao lado da Fofão foi muito importante para a minha vida. Eu vinha do juvenil e a diferença da bola levantada no adulto era muito grande em relação à outra categoria. Eu tinha difi culdade de atacar a bola rápida. E ela me

dizia: ‘Fabi, acelera’. E eu olhava para a cara da Fofão e falava: ‘Eu estou tentando’. Mas eu não conseguia acelerar. Ela percebeu a minha difi culdade e ponderou: ‘Então tá, eu vou jogar com você na meia-bola e você vai no seu tempo. Eu irei fazer a sua bola, Fabi’. E assim foi. Durante essa transição do juvenil para o adulto, eu passei a Superliga inteira atacando meia-bola. O legal, também, é que Fofão sempre dava um toque: ‘Dá uma largada ali, faz uma quebrada para cá, vira o corpo para cá e corta para lá. Sai da rede, faz isso, faz aquilo’. Isso me dava confiança, porque eu fazia o que ela indicava e a coisa ia acontecendo, dando certo.”

Adolescente ainda, Fabi percebeu o salto dado por seu vôlei. Com uma tutora do calibre da então camisa 7 medalhista de bronze em Atlanta-96, a preocupação dela dentro de quadra era, basicamente, saltar e atacar. Poderia estar onde quisesse, na frente, atrás ou em um dos lados de Fofão, a bola chegaria açucarada em sua melhor mão, a direita.

“A Fofão não ficava naquela ‘não vou jogar com a Fabi porque ela não sabe atacar a bola’. Ela sempre se adaptava à jogadora, tentando ajudar da melhor forma possível para a companheira crescer no vôlei.”

Habilidosa no gesto motor e sempre de olhos bem abertos para o princípio de jogar para a equipe, a filha de Eurides e Tião desde pequena aprendera o valor da divisão de tarefas. E mesmo não focando em louros individuais, era agraciada pela sua conduta em prol da coletividade. Essa habilidade moral da levantadora não passou despercebida aos olhos de Zé Roberto:

“Ela sempre colaborou e jogou muito para a equipe; sempre tentava se ajustar à atacante com quem jogava. Fofão nunca menosprezou nada nem ninguém. Se não tinha a melhor atacante, ela se doava mais para aquela companheira se tornar uma boa competidora e jogar no nível que o time precisava. Para isso, tentava se desmarcar mais para deixar essa atacante tranquila para cortar com maior confiança, mais precisão e, assim, ter uma vontade muito grande de receber a bola. Porque, logicamente, as bolas da Fofão vinham açucaradas, né? Chegavam precisas, na medida justa, na altura adequada das atacantes, e todo mundo se sentia muito feliz em atuar ao seu lado. E,

importante, por causa desse jeito de conduzir o time, de sua maneira de ser, todo mundo se doava para a Fofão também. As companheiras jogavam por ela, para ela, e isso fazia com que a energia passasse de uma atleta para outra de uma forma muito positiva.”

A generosidade exacerbada de sua pupila tirava Zé Roberto vez ou outra do sério. Em uma dessas ocasiões, no Colgate/Pão de Açúcar de Fofão, Cristina Pacheco Lopes, a “Tina”, disputava uma final contra a também respeitada equipe da Sadia Esporte Clube. O nervosismo imperava dentro de quadra quando, do lado de fora, Zé Roberto achou estranho ver Fofão acionar Tina, uma central nascida no Distrito Federal, com jogadas distantes da principal característica dela. Tina, que também fez parte da seleção verde-amarelo, era especialista na China, uma bola rápida levantada de costas para que a atacante a corte saltando com um único pé. Mas não se saía bem quando tinha de atacar uma bola pela frente da levantadora, justamente a jogada que Fofão insistia em fazer com ela. Irritado, Zé Roberto pediu um tempo para passar a limpo esse desencontro entre as duas atletas.

“Ninguém conseguia bloquear a Tina quando ela vinha por trás da Fofão. Era a bola sob medida para ela, que batia para tudo quanto é lado. A Tina era excepcional nessa bola de saída, era imparável. Durante o pedido de tempo, perguntei para a Fofão o que estava acontecendo. E ela me diz: ‘Zé, a madame aí não quer bater’. Aí eu esbravejei: Mas quem manda é você! Por que ela não quer bater? E a Fofão: ‘Porque quem está no bloqueio dela é a Denise, que é a melhor bloqueadora de China do mundo’. Aí retruquei: Mas a Tina é a melhor atacante de China do mundo, pô! Então, joga ela por trás, não coloca ela pela frente. Aí ela me obedeceu e passou a sair a bola rápida, a China, que era excepcional e não estava saindo justamente porque a Fofão tinha essa característica de se moldar à bola que a atacante preferia bater.”

Claro que há uma explicação para tamanha precisão de Fofão durante a execução dos levantamentos para as centrais. Ela nunca revelou o porquê de ter se especializado em uma jogada que a maioria das levantadoras não gosta de executar. O segredo jamais revelado por Fofão está atrelado a uma deficiente técnica escondida por ela durante toda a carreira. A camisa 7

ganhou notoriedade com as bolas rápidas de meio-de-rede, porque não se saía tão bem ao levantar para as pontas.

“É um segredo meu, mas como parei de jogar eu vou falar. Eu tinha muita dificuldade de levantar a bola para a ponta. Eu me sentia insegura, muito insegura nas vezes em que tinha de fazer uma bola assim. Levantar no meio era uma bola mais próxima de mim, mesmo tendo de ajustar o tempo certo com a atacante. Enfim, eu comecei a reparar que me sentia mais tranquila com essa jogada, ao contrário do que ocorria com a maioria das levantadoras, que não ficava confortável em fazer essa bola e preferia levantar para as pontas. Eu me especializei na bola rápida, porque para mim era mais fácil. De tanto eu levantar para o meio acabei criando uma distinção em relação a outras jogadoras da posição. Foi uma especialização não programada, fruto de uma deficiente ciência. Levantar bola rápida no meio era a minha zona de conforto. Tenho consciência disso desde que comecei a levantar, mas nunca comentei. Você acha que eu confessaria aos meus inimigos? Lá no começo como levantadora, quando eu estava aprendendo, eu via que as jogadoras de ponta eram mais exigentes. Aí ficava pensando: poxa, se eu levantar mais ou menos, a pessoa vai reclamar. A única que nunca reclamou foi a Ana Moser. Você podia levantar a bola em suas costas que elaalaria: ‘Tá ótimo assim’. Para ela eu levantava numa boa. Mas as outras eram mais chatas: ai, tá muito atrás, tá lento, tá não sei o quê. . E aquilo ia me travando porque não me passava segurança. Então, eu comecei a me especializar na bola de meio, que era a bola fácil para mim. Para a ponta é muito detalhe. Tem a questão do posicionamento do corpo, enfim, tudo o que o Zé (Roberto) me ensinou quando eu comecei, aquele sentar e levantar da cadeira, o gesto, tudo isso.”

A primeira atacante de meio-de-rede, relata Fofão, a se consagrar graças a essa especialidade às avessas da camisa 7 foi a carioca Janina Conceição. Central de destaque no cenário nacional e internacional, ela, de fato, também fez ótimo uso das açucaradas bolas rápidas de meio de Fofão. Cupida que engendrou o encontro da levantadora com o futuro marido, João Márcio, a jogadora de 1,92m foi companheira de quarto de Fofão na seleção. Em clubes, atuou ao lado da comadre – Janina foi madrinha de

casamento da camisa 7 – no Mizuno/Uniban, em São Caetano, na temporada 1998/1999.

“A época em que mais brilhei como atacante de meio foi jogando com Fofão. Eu era uma atacante de força. Mas o meu ataque forte dependia das bolas de velocidade, no tempo certo. Esse sincronismo das jogadas varia muito de acordo com a levantadora. E era fácil jogar com a Fofão, porque ela colocava a atacante no ritmo do jogo; ela era a maestrina da organização. Quando você encontra uma levantadora que é segura de si, consciente de seus atos e sabe da responsabilidade que tem nas mãos, fica mais fácil para as atacantes. E Fofão colocava todo mundo no ritmo. Se percebesse alguma companheira meio que fora, ela ia recolocando na partida, deixando-a sem bloqueio ou às vezes com bloqueio simples. Aí ficava fácil para a atacante jogar. Principalmente para a central, que depende de uma precisão enorme da levantadora. Se não tiver ao lado uma levantadora que a faça desempenhar um ataque de excelência, a meio-de-rede demora a aparecer no cenário esportivo; irá depender do bloqueio ou do saque bem executado para ter destaque.”

Ana Moser, com quem Fofão jogou, além da seleção, no Pão de Açúcar, nunca encontrou problema para acertar o tempo de bola com a camisa 7. Pelo contrário, exalta a porção altruísta da levantadora:

“Ela fazia esforço para nos servir. E eu também não era difícil; eu era facinha.”

Ao longo da carreira, Fofão foi dispensada em duas oportunidades em consequência de gestões esportivas pouco duradouras. A primeira experiência se deu no MRV/Minas. O time composto por, entre outras, Érica e Elisângela, havia conquistado a Superliga de 2001/2002 ao derrotar a também forte equipe do BCN/Osasco por 3 sets a 1 em um jogo acompanhado por 21.033 torcedores no Mineirinho, em Belo Horizonte, recorde até então em partidas de vôlei feminino no território brasileiro. Naquele abril de 2002, Fofão comemorava não só o fim de um jejum de dez anos de títulos do vôlei feminino mineiro, mas um final feliz em um ano marcado pela morte de seu pai, Sebastião. “Foi um ano muito importante principalmente pelo lado pessoal. O grupo merecia muito esse

título, mas para mim ele é especial. Só eu sei o que passei neste ano”, dissera ela, na ocasião, em reportagem publicada pela *Folha de S.Paulo*.

Fofão não contava, porém, com a falta de delicadeza dos dirigentes da equipe mineira.

“A gente tinha acabado de ganhar o campeonato e fomos avisadas de que os patrocinadores iriam permanecer. Dis eram para ficarmos tranquilas, irmos para casa descansar porque estaria todo mundo certo para a próxima temporada. Dias depois, liga uma pes oa dizendo que o Minas havia dispensado todo mundo. O MRV/Minas não encerrou as atividades. Seguiu na Superliga, mas a maioria das jogadoras daquela conquista foi desligada do clube um ano seguinte. Até hoje não sei falar o que houve de verdade, porque ficamos sabendo por telefonema. Eu fi quei muito chateada mesmo com a maneira que agiram com a gente.”

Três anos antes, a levantadora já tinha encarado situação semelhante em São Bernardo. O Uniban/São Bernardo, time de Fofão e de outras habilidosas atletas como Ida, Virna e Patrícia Cocco, fechou a série melhor de cinco jogos contra o Rexona por 3 sets a 0 e conquistou um título inédito para aquela cidade do ABC paulista. A felicidade ali também duraria pouco para Fofão. *“A gente ganhou o campeonato e, no dia seguinte, estávamos desempregadas”*. Mais uma vez, em consequência de um cenário esportivo que pouco estrutura clubes e escolas para o desenvolvimento de atletas e modalidades e muito arregala o olho para os frutos fi nanceiros de suas investidas. O Uniban/São Bernardo fechou as portas depois da perda do patrocinador máster.

“É muito triste esse tipo de situação. Porque na maioria das vezes o patrocinador entra para extrapolar, para ganhar o seu dinheirinho e só”, opina a ex-levantadora, que, no entanto, nunca precisou recorrer a empresários para se recolocar no mercado. Muito menos o ex-sapateiro Tião, o pai que fazia as vezes de agente, gastou a sola de sapato para bater na porta de possíveis interessados no vôlei da filha. *“Eu nunca precisei ir atrás de time, sempre fui procurada”*, diz. Da mesma forma que o telefone de Fofão tocou, certa vez, para lhe comunicar uma dispensa, várias outras vezes ele funcionou para lhe apresentar novas propostas.

CAPITÃ DO BRONZE EM SYDNEY

Os tempos que se seguiram aos Jogos Olímpicos de Atlanta marcaram uma grande renovação na seleção feminina, não apenas pela retirada de várias atletas titulares e a chegada de muitas novatas, como pelas transformações que essas entradas e saídas acarretaram para a dinâmica do grupo. Embora ainda jovem, Fofão já podia ser chamada de veterana pelo fato de ter em seu currículo duas edições olímpicas e uma medalha. Não bastasse isso, ela foi conquistando junto às colegas e à comissão técnica o respeito pelo seu estilo de trabalho e de relação interpessoal. Aquilo que no passado era entendido como timidez, era agora visto como introspecção ativa, capaz de mobilizar forças para a realização de tarefas e conquistas. Isso ficava evidente nos clubes onde jogava, no respeito cada vez maior que conquistava dos profissionais e do público. Fofão saiu direto do banco não apenas para ser titular, mas também para se tornar capitã.

À trajetória da Fofão levantadora também se somava o papel de líder já desenvolvido e praticado de forma subliminar para o público, porém bastante evidente por todos que conviviam com ela. O longo tempo de espera havia acabado e toda a dedicação dos anos de trabalho resultou. . em mais trabalho, dessa vez reconhecido publicamente e festejado pelas companheiras. Leila, parceira de seleção desde 1991, resume o jeito Fofão de ser:

“Uma líder silenciosa. A Fofão sempre foi de falar pouco e de ter muita atitude. Nos gestos, no olhar, na fisionomia, a gente sabia o que ela estava sentindo. Ela nunca deixou de treinar, eu nunca vi a Fofão em nenhum treino, em nenhuma viagem, nunca a vi desmotivada ou reclamando de alguma coisa. Mesmo que ela sentisse alguma coisa, não externava. Paciência e resiliência foram as marcas dela.”

A liderança exercida por Fofão estava impressa nas funções relacionadas com o cotidiano da equipe, que envolviam desde a organização de uso de uniforme à programação de viagens até o trato direto com a comissão técnica e com os dirigentes, deslocando a preocupação de si mesma para todo o grupo. No seu entendimento, essa mudança de função

levou a uma drástica transformação de características pessoais, levando-a a se expor como nunca até então. A Fofão tímida foi obrigada a falar.

“Quando a gente passa a ser capitã começam as responsabilidades. Antigamente, nas viagens, eu tinha que levar bola, carrinho, depois eu tive que dividir quem levava a bola. . Eu passei a ser o contato direto com o técnico e falar com todo mundo sobre a programação, horário de almoço, a roupa que devíamos usar para viajar, para almoçar. Tudo isso é função da capitã. Eu passei a pensar mais em onze pessoas, era um dia inteiro de obrigações, então eu tive que me organizar melhor, aprendi a dividir as tarefas. Nessa função você é a primeira em tudo, fala com o patrocinador, apresenta as meninas, situações nas quais antes eu me escondia. Eu nunca gostei de aparecer, eu não gosto de ser o centro das atenções, então eu tive que colocar mais a minha cara, a falar mais. Tinha até que, às vezes, fazer discurso. Eu fugi das minhas características para poder ser capitã. No começo foi muito complicado porque eu deixei de ser a Fofão legal, quietinha no canto dela, pra ser a Fofão que liderava todo mundo, me expondo, falando.”

No processo de desenvolvimento do papel de líder, ela pôde também conhecer habilidades até então desconhecidas. Foi no exercício da função de capitã que descobriu que muitos olhos a observavam ao longo dos anos, por meio das conquistas e das derrotas, e mais do que isso, sem que ela pudesse imaginar, seu comportamento e seu temperamento passaram a ser inspiração para outras jogadoras que a tomaram como referência, não apenas técnica, mas principalmente humana.

“Nessa função eu descobri coisas que eu não sabia que existiam em mim. Eu não sabia que poderia chegar num grupo e ter coisas para falar. Eu não sabia que tinha gente me observando num treinamento e se espelhava naquilo que eu estava fazendo. Só que eu passei a me fechar muito, porque eu comecei a me preocupar muito com tudo. Eu sou muito sensível com essa coisa de perceber a pessoa e se ela não está legal, eu não vou massacrar essa pessoa no treinamento, ela deve estar com algum problema, então eu vou respeitar. E essas observações acabaram me fazendo ser maleável com as pessoas até na hora de cobrar. Se eu falar para você que era legal, que era fácil, é mentira. Era difícil, eu tinha que cuidar de mim e cuidar dos outros.”

Leila reconhece essa generosidade de Fofão com as companheiras de time e, principalmente, com as atacantes que dependiam de suas habilidades de levantadora e ficavam absolutamente expostas no jogo porque, quase sempre, é das mãos das atacantes que resulta o ponto, ou o erro. Nas lembranças de Leila, Fofão desponta como a levantadora mais cuidadosa com quem jogou, justamente pela sensibilidade com que ela se relacionava com as companheiras antes e durante o jogo, percebendo cada uma delas, explorando o potencial de todas que estavam em boas condições de jogo e poupando as mais frágeis, esperando pelo momento de superação da adversidade, ali mesmo na quadra, para chegar ao melhor de cada uma.

“Há levantadoras que massacram a atacante, do tipo ‘não vai virar, então não vai mais ganhar bola’. E a Fofão não. Se eu não estivesse bem no jogo ela não me expunha. Ela tinha um carinho e um respeito muito grande pelas atacantes. Ela te deixava ali, de stand by, por dois, três rodízios, e depois começava a te chamar para o jogo. Ela sempre teve muito cuidado.”

Além das funções internas de líder, também recaiam sobre a capitã diferentes tipos de negociação. Desde a discussão sobre a distribuição de prêmios, momentos em que a sapiência de Seu Sebastião ganhava forma em seu pensamento com palavras como “nunca vá para uma negociação que envolva outras pessoas sem ter com você uma testemunha”, até as desejadas folgas, principalmente nos momentos de treinamentos intensos e viagens sem fim. Reconhecida como uma “leoa de treino”, Fofão sentia-se pouco à vontade para pedir ao técnico alguma folga, mas, nesses momentos, prevalecia a sua condição de porta-voz, muito mais do que o desejo individual.

E assim foi o caminho para os Jogos Olímpicos de Sydney, tendo como base uma trinca formada por Fofão, Virna e Leila, as remanescentes da medalha de bronze, e por nove novas meninas dispostas a fazer história na seleção e chegar ao pódio tão desejado por duas gerações. A condição de titular conquistada em 1997 durou muito pouco. Mesmo treinando e investindo no novo time, os resultados dos torneios daquele período não foram muito positivos e Bernardinho preferiu chamar de volta Ana Flávia, Ana Moser e Fernanda para disputar a Copa do Mundo que se aproximava. De volta ao banco, restou a Fofão treinar a paciência. Treinava, treinava, treinava e esperava não restar nenhuma dúvida sobre a sua competência

para assumir a condição de titular. A levantadora já havia passado sete anos esquentando o banco da seleção, entre 1990 a 1997. E sabia como deveria se portar. Alegrou-a, em situações de escolhas como a de Bernardinho, estar entre as doze brasileiras eleitas entre milhões para fazer parte do seletivo verde-amarelo. Fofão se confortava sem se acomodar.

“Eu sempre me senti importante para o grupo mesmo não sendo titular. A confiança depositada pelas jogadoras em mim também me mostrava isso. Muitas me confiavam passagens de suas vidas e eu as guardava como segredo. Em relação à parte técnica, fazia de tudo para ser notada. Treinava muito, ajudava a recolher bolas, incentivava. A seleção é um espaço para um grupo seletivo e percebia ser positiva a minha presença nele. Mas nunca me acomodei com a reserva. Jamais me dei por satisfeita por ser convocada.”

De fato, durante os sete anos em que assistiu sentada ou se aquecendo em pé os jogos da seleção, a então atleta por vezes achou estar pronta para assumir a titularidade. Nessas horas, voltava no tempo e lembrava do episódio vivido no Pão de Açúcar, quando ao se achar pronta para ser a titular, teve que lidar com a presença de Ana Richa no time. Depois de ouvir as explicações do técnico Zé Roberto se preparou para o seu dia, até que a maestra do time, Ana Richa, passou mal por causa da gravidez durante uma partida e Fofão foi chamada para substituí-la. Naquele instante, experimentou o medo em uma dose jamais sentida na vida. E entendeu que o desejo deveria vir acompanhado de competência.

“As pessoas têm muita pressa, mas não estão prontas. Os sete anos na reserva foram uma lição de vida para mim. Apreendi com eles a valorizar muito o momento no qual me encontrava como titular e a enxergar mais ainda a importância das minhas suplentes.”

Tamanha paciência ainda hoje é valorizada por fãs da ex-atleta. Muitos a abordam nas ruas ou em eventos e querem saber como ela conseguiu não jogar a toalha durante os sete anos de espera por um lugar ao sol. *“É incrível como as pessoas se recordam dessa passagem da minha carreira. Surpreendem-se por ser uma situação a qual poucas conseguiriam encarar, aceitar. Eu não tiro lições negativas dessa fase. E entendo que isso cause espanto e ao mesmo tempo admiração pelo fato de eu não ter desistido.”*

Aguardando – sempre com muito trabalho – de novo o momento certo, viu o tempo passar até a chegada dos Jogos Pan-americanos de Winnipeg, em 1999. Com o time renovado e sem as veteranas, a vitória na semifinal colocou uma vez mais as cubanas, com o time quase idêntico ao de Atlanta, na rota das brasileiras. Vários encontros, desde os Jogos Olímpicos, haviam acontecido, e a rivalidade em nada diminuía. Os comentários maldosos davam a derrota como certa, alguns falavam até em massacre. Diante daquele vaticínio, a solução era simples: não há nada a perder. Conscientes de suas limitações e sem estrelas, o time foi para o jogo sabendo que seu trunfo estava na harmonia entre as jogadoras, cuja capitã mais parecia uma maestrina. As cubanas jogaram, provocaram, dançaram com as músicas que tocavam nos intervalos, e tudo aquilo foi usado por Fofão para motivar as brasileiras a seguirem um jogo diferente do que elas estavam acostumadas. O jogo foi para o *tie-break* até que Fofão chamou Elisângela para uma bola que foi ao chão, malandramente, com uma largada. Ali o Brasil ganhava a medalha de ouro dos Jogos Pan-Americanos, o reconhecimento pelo trabalho daquela nova equipe e também se firmava como grupo que no ano seguinte iria aos Jogos Olímpicos.

Tudo parecia estar no seu devido lugar. Parecia. Em 2000, Fofão vinha de uma série de competições e treinamentos que pouco lhe deixavam descansar, até que nas vésperas do embarque para a Austrália, uma lesão no tendão de Aquiles começou a lhe causar dúvidas sobre a possibilidade de participar de fato de mais uma edição olímpica. Já em Camberra, onde o time brasileiro fez a aclimatação, o prognóstico era difícil. Dia a dia as dores aumentavam levando-a, inclusive, a não participar do jogo de estreia. Até que um especialista australiano em tendão de Aquiles providenciou um tipo de bandagem que imobilizava o pé, impedindo que alguns movimentos agravassem ainda mais a lesão. Mas só isso não era suficiente. Um dos fisioterapeutas da equipe encontrou um acupunturista para também ajudar na reabilitação. Entretanto, o medo que Fofão sentia das agulhas dificultava o tratamento.

“Vamos eu, a Virna e a Érica para a acupuntura. E meu Deus do céu! Que dor! Jesus! E o Bernardo cismou de ir junto com a gente. As duas depois do primeiro dia me abandonaram. A santa da acupunturista colocava a agulha bem na dor. . era uma coisa de ir para o céu e voltar, mas o alívio que dava depois, era uma coisa que não tinha como. Foi aquilo que me fez jogar. Eu só fui estrear no segundo jogo.”

O tratamento permitia que Fofão se mantivesse em quadra jogando. Misto de determinação e compromisso, nada do que ela sentia antes ou depois do jogo transparecia para os adversários ou mesmo para o público. Porém, nos momentos imediatos ao final da partida, era impossível se manter em pé. O périplo de cumprir a distância de um longo corredor para atender a imprensa equivalia a uma câmara de tortura, que só terminava com a sessão de fisioterapia e acupuntura. Embora a dor lancinante a fizesse sofrer como nunca antes em sua vida, Fofão contava com a presença confiável do técnico Bernardinho, que fazia questão de acompanhá-la durante toda a sessão, literalmente segurando-a pela mão.

“E eu falava: Bernardo, eu não quero ir, não aguento mais, é muita dor. Não, eu vou junto com você. E ele ia, segurava minha mão e falava “não chora, não chora”, aquele jeito dele. Depois, eu voltava para a vila e o rapaz imobilizava o meu pé para eu poder jogar e ele acabou fazendo parte da comissão. Dei uma camisa pra ele, foi uma pessoa que me ajudou muito.”

Fofão também faz questão de apontar a importância de Katia, a segunda levantadora do time, com quem dividia suas angústias e incertezas quanto ao futuro. Por ter sido reserva e por ter sua história marcada por uma espera de muitos anos para chegar ao time titular, ela sabia perfeitamente o que sua companheira sentia naquele momento. E faz questão de ressaltar a nobreza de caráter de Katia, que em momento algum se aproveitou daquela situação de fragilidade para ocupar sua posição.

“A Katia foi de uma compreensão incrível. Ela me apoiou e me deu a confiança que eu precisava para terminar meu tratamento. Ela me deu tranquilidade, segurança e assumiu a responsabilidade pelo time e isso contribuiu para que não acelerassem meu processo de regresso. Eu sou muito grata a ela.”

Ao que tudo indica, uma das marcas daquela equipe de Sydney era a superação de lesões, perdas e dor de todos os tipos, não apenas para Fofão, mas também para outras atletas. A mesma gratidão que a levantadora tem com sua reserva e companheira, suas parceiras têm por ela. Ricarda por duas vezes chegou perto de Jogos Olímpicos, mas ela completou seu ciclo na equipe liderada por Fofão, que solidária na dor e no desejo de busca da amiga, sempre a incentivou a buscar sua tão desejada posição. *“Em 1999, já*

sem condições de ser atacante, tive a oportunidade de voltar à seleção por causa da função de libero. E a Fofão estava lá. Ela não me deixou desistir. Eu tive o privilégio de compartilhar aquela medalha de bronze em Atlanta.”

Leila também lembra de uma situação pessoal que a abatia naqueles dias difíceis. Sua mãe, diagnosticada com câncer, estava em situação terminal e isso difi cultava sua dedicação aos treinos que antecedia a estreia. Houve então uma dinâmica de grupo e ao final o coordenador perguntou se alguém gostaria de dizer alguma coisa. Naquele momento, Fofão, mesmo lesionada, foi até Leila, lhe deu um abraço e mostrou que percebia toda a angústia que a amiga vivia naqueles dias, distante da mãe.

“Ela me disse: eu sei que está difícil para você, todo mundo está vivendo a sua dor e a sua angústia. Mas eu sei o quanto você é importante para esse grupo e você vai estar pronta. Aí ela veio, me deu um abraço. Aquilo ali, ela não tem noção, me colocou no grupo. Foi a melhor competição da minha vida.”

Apesar dessas difi culdades, sem estar entre os favoritos, o time caminhou para a competição ciente de que a força maior estava no próprio grupo. Cada jogo vencido era considerado mais do que uma simples vitória para avançar na competição, era a sobrevivência de uma equipe que se consolidava no combate a adversidades. E mesmo desacreditadas, uma vez mais, a semifinal foi contra as cubanas, ainda mobilizadas pela derrota do Pan-Americano. Prevaleceu a experiência das adversárias, muito embora nem de longe tenha acontecido o desrespeito da edição olímpica passada. Ricarda lembra desse jogo e da formação da rede que ficou paralisada. “Era a nossa melhor rede, mas simplesmente empacou, e a gente acabou perdendo para as cubanas.”

Já no vestiário, a capitã Fofão cumpriu o seu papel, lembrando ao grupo que a competição não havia acabado e que no pódio havia espaço para três equipes, e uma delas ainda poderia ser o Brasil. Aquela final de bronze poderia sim ter sabor de ouro desde que dali todas saíssem com a determinação e o compromisso de lutar até o fi m.

O jogo da medalha de bronze, conquistada depois de derrotar os Estados Unidos por 3 sets a 0, foi memorável. As doze jogadoras e mais a comissão técnica realizaram mais uma vez a proeza de subir ao pódio. E assim foi conquistada a medalha da nova geração que não só se superou, mas que

marcou a história com o estilo da determinação de um grupo, muito mais do que de atletas brilhantes jogando por si e para si. Fofão personificou esse desejo de realização coletiva.

“Eu nunca quis ser o problema. Eu nunca gostei de dar trabalho, então, eu vivia a minha dor, a minha angústia sozinha. Eu esperei muito tempo por esse momento e eu poderia não conseguir jogar, eu poderia não fazer parte. O time precisava de mim e eu sabia que eu era importante, eu tinha que estar bem. Quando eu começava a aquecer, os primeiros passos, aquilo doía e parece que aquela dor falava: vou te dar um tempo, agora, você tem três sets para jogar. Eu conseguia esquecer, eu economizava nos movimentos, não saltava tanto, para que não acontecesse nada de errado. Quando acabava o jogo, era impressionante, parece que a coisa era cronometrada. Aquilo ficava latejando e eu chorava. Eu chorei muito naquela Olimpíada, mas eu nunca deixei ninguém ver. Quem sabia mais, via um pouco, era minha companheira de quarto, a Katia. A única coisa que eu tinha preocupação era de não atrapalhar o time. Se eu sentisse que aquilo ia difi cultar o rendimento, eu mesma falaria: olha, não está dando. Eu acho que é preciso bom senso para saber até onde você pode contribuir. Eu tinha consciência disso, mas eu me sentia segura, então eu ia embora, mas sempre com cautela e pedindo a Deus para que me ajudasse a chegar até o final.”

DE CAPITÃ A RESERVA EM 2004

Tudo parecia em seu devido lugar para a equipe feminina de vôlei e para Fofão, em particular, com a conquista de mais um pódio olímpico. Sua competência como levantadora foi inquestionável e sua liderança dentro e fora da quadra foi reconhecida como um dos elementos indispensáveis àquela vitória. Mas, como tudo na vida, nem sempre se pode estar no controle nem do que é próprio, nem do que é externo. O elemento incontrolável do novo ciclo olímpico ficou por conta da saída do técnico Bernardinho do comando da seleção. Inquestionavelmente vitorioso e competente com as mulheres, foi chamado para liderar a seleção masculina, deixando a feminina a cargo do técnico Marco Aurélio, em 2001.

Com 30 anos, Fofão já não tinha certeza se seria novamente chamada para a seleção ou se, no processo de renovação, ficaria de fora – um pensamento que sempre vem à cabeça da atleta no início de um novo ciclo olímpico. Nesse período, Seu Sebastião foi diagnosticado com câncer e sua doença abalou profundamente o equilíbrio da filha que o tinha como a grande referência de vida. O novo técnico teve como princípio imprimir sua própria marca na seleção, e para isso utilizou de estratégias que buscavam apagar o passado. Os tempos que se seguiram foram carregados de mudanças, como era de se esperar, porém os abalos foram maiores do que o grupo podia suportar.

É importante lembrar que a seleção de bronze de Sydney havia sido renovada e a maioria das jogadoras fazia sua primeira participação olímpica e poderiam seguir como a base do ciclo seguinte. O estilo do novo técnico, porém, gerou muita insatisfação, o que levou várias atletas a serem dispensadas e substituídas, ou a pedirem afastamento da seleção, principalmente pela discordância com a forma com que os trabalhos foram conduzidos. Fofão, que sempre teve como uma de suas marcas a paciência e a resiliência, também não suportou o clima criado e se afastou.

“Para mim foi ficando difícil, porque eu não queria passar por um processo de renovação da maneira como estava sendo feito. Tínhamos uma seleção pronta, experiente. Mas, em momento algum eu quis atrapalhar o trabalho dele. Muito pelo contrário, eu aceitava tudo que ele fazia. E pensei que era uma questão de se adaptar. Eu o respeitei

muito, até que em 2002, ano em que meu pai faleceu, a gente estava na Suíça, jogando o Montreux, e teve situações ali que eu não aceitava, por mais que eu respeitasse o trabalho dele. Ele colocava um time para jogar, mas não tinha uma justificativa. E o dia a dia foi ficando complicado até que eu cheguei para ele e falei que iria pedir dispensa, porque, embora eu respeitasse o trabalho dele, infelizmente eu não me identificava com aquilo, e, para não interferir na caminhada, eu preferia sair.”

O pedido de Fofão foi entendido como afronta pelo técnico, uma vez que ela era considerada uma peça essencial ao time. Além das questões de ordem técnica, ela ainda argumentou a necessidade de estar mais próxima ao pai, cuja doença avançava, deixou claro que o que a motivava a tomar aquela decisão era uma questão de ordem pessoal. Todo esse movimento foi realizado só, muito embora outras jogadoras tivessem se mobilizado, o que levou Marco Aurélio a se manifestar como se aquilo tivesse sido um complô.

Longe da seleção e dentro de casa com a família, Fofão acompanhou os últimos dias de vida do pai, elaborou o luto. “Não tinha certeza se voltaria a jogar, porque olhar para a arquibancada e não ver o meu pai assistindo o meu jogo doía demais. Ao mesmo tempo sabia que ele gostaria que eu continuasse. Juntei minhas forças e retornei ao clube durante o ano de 2002.” Após vários resultados adversos, o técnico Marco Aurélio foi afastado da seleção e para o seu lugar foi chamado Zé Roberto Guimarães, medalhista de ouro olímpico com o time masculino, o técnico que a transformara em levantadora. Assistindo aos torneios pela televisão, Fofão desejou voltar à seleção, à posição que havia esperado e conquistado por mérito, junto às companheiras com quem compartilhou momentos de glórias e derrotas. Em sua cabeça e em seu coração isso só seria possível a convite do técnico, jamais por uma iniciativa sua. E, como sempre fi zera em sua carreira, esperou, esperou, até que em 2003 o telefone tocou e do outro lado Zé Roberto a convidava a compor a seleção. Zé Roberto lembra desse momento.

“Quando eu assumi estava essa difi culdade. Algumas jogadoras não queriam mais voltar para a seleção, inclusive a Fofão, que disse que não ia mais. E quando me convidaram, eu disse que voltaria, desde que as jogadoras voltassem comigo. E aí todas resolveram voltar,

inclusive as que estavam em litígio. Aí voltou todo mundo, porque a nossa intenção era montar a melhor seleção que a gente pudesse, porque assim a gente teria chance de lutar.”

De volta à seleção, o que se viu foi a tentativa de recuperação do tempo perdido, rumo aos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004. Junto com Fofão voltaram jogadoras como Virna, Leila, Walewska e Fernanda Venturini. Todas as antigas e novas atletas lutavam por um lugar ao sol, mas no caso de Fofão e Fernanda o caso tinha uma dinâmica própria, afinal, a levantadora havia parado de jogar, afastou-se da seleção, inclusive ficando de fora da conquista do bronze de 2000 – do qual Fofão fora a líder – e agora todas voltavam em condições de igualdade. Na conversa de retorno, Zé Roberto prometeu chances iguais a ambas, não definiu, a princípio, a titularidade a ninguém. Zé Roberto justifica sua escolha da seguinte forma:

“Aí voltou todo mundo. A nossa intenção era montar a melhor seleção que a gente pudesse porque aquela seleção tinha chance de lutar. E a Fernanda tinha alguma coisa em fundamento melhor que a Fofão, que era o bloqueio, não a distribuição do jogo, não a precisão. Era uma jogadora que se impunha muito com as jogadoras, sempre foi dessa maneira. E a Fofão sempre foi mais reservada em relação a isso. Mas como nós já tínhamos um time baixo, a opção foi para subir um pouco a altura do bloqueio.”

Fofão de fato acreditou que ambas teriam chances iguais, afinal, embora ela tivesse pedido dispensa da seleção sob o comando de Marco Aurélio, ela era a titular absoluta e imaginava voltar, nessa nova fase, na mesma posição. Não havia porque não confiar que as coisas saíssem como o técnico lhe propunha. Em sua quarta edição olímpica, aos 33 anos, Fofão já não era a garota inexperiente que buscava aprender aquilo que desconhecia. No processo de aprendizagem silencioso desses doze anos de seleção ela já adquirira técnica, habilidade e, acima de tudo, respeito. *“O Zé conversou comigo e falou que todas estavam ali para ajudar, mas não tinha titular, nem reserva. E eu pensei ‘tudo bem, se vai ser assim, são duas pessoas que podem ajudar o time’, só que não foi. Foi diferente. Eu fui pouco utilizada, eu não tinha chance de jogar.”*

A distância que havia entre o discurso e a ação de Zé Roberto foi percebida por Fofão ainda durante o *Grand Prix*, em 2003, quando o time titular foi definido com ela no banco, com poucas entradas. Sua função

como titular foi esvaziada juntamente com a condição de capitã e líder que havia exercido com maestria em 2000. Em seu íntimo aquela seria sua última edição olímpica, a participação que coroaría sua carreira e o que ela via acontecer em treinos e competições era um retrocesso, uma marcha à ré, como nos tempos em que sua fila de atacantes ficava vazia e o da vizinha cheia. As semanas se passavam e no ambiente de treinamento também era possível observar que as coisas não iam bem para um time que não cumpriu um ciclo olímpico como devia. Um clima de “já ganhou” se misturava a uma falta de disciplina que podia ser observada no descumprimento de horários, nos atrasos, faltas e fugas da concentração, na formação de subgrupos que em nada contribuía para o fortalecimento de vínculos tão necessários para a superação de todos os desafios que estavam por vir. Em nenhum momento Fofão foi chamada a colaborar para compartilhar generosamente sua habilidade de ouvir, falar e acolher.

“Tinha dias que eu falava: ‘eu não quero estar aqui, eu não quero fazer parte disso’. Eu não sei se foi certo ou errado ter ido, porque eu tinha a esperança de que as coisas fossem acontecer de outra maneira. Eu não deveria ter ido, porque eu não estava presente ali, não estava sendo útil. Isso para mim foi muito ruim, você estar num grupo simplesmente por estar. E talvez esse seja um dos meus maiores arrependimentos, porque eu acho que do jeito que eu fui, não valeu a pena. Eu fui esquecida e aquilo mexeu demais comigo.”

A quebra do grupo também era percebida por outra jogadora veterana da seleção. Leila, que após o desentendimento com o técnico Marco Aurélio foi jogar na praia e voltou para a seleção junto com Virna e Fofão, a convite do técnico Zé Roberto. Assim como a amiga levantadora, ela sentiu na pele a mudança de rumo que o grupo havia tomado. Também titular absoluta em Sydney e medalhista, amargou a substituição e o boicote, o que a levou a pedir dispensa em um aeroporto, durante uma viagem em uma das fases do *Grand Prix*. A seleção seguiu viagem e ali encerrava sua carreira vitoriosa, tendo a amiga Fofão lhe amparado naquele momento, considerado o mais difícil da sua vida. Leila lembra:

“O Zé iria me cortar, mas eu preferi me antecipar e acabar com aquilo. Eu cheguei nele, pedi minha passagem para voltar para o Brasil. E ela ficou muito triste. Ela veio falar comigo, chorou comigo.”

Ela foi muito solidária, mesmo sofrendo a volta para o banco. A Fofão sempre foi grupo, ela nunca jogou para ela.”

A saída de Leila e de Carol Gattaz no aeroporto evidenciou que as coisas na seleção tinham realmente mudado. Pouco afeita ao choro em público, ali Fofão não se conteve. Vislumbra a situação da amiga a sua própria, a promessa não cumprida, a frustração. A diferença é que pedir dispensa durante uma viagem nem sequer passou por sua cabeça, porque durante sua vida, como pessoa e como atleta, jogar a toalha não fez parte de seu aprendizado. O abraço de despedida selou um adeus a um grupo e não apenas a uma jogadora.

Em mais de uma situação Fofão pensou em desistir, em voltar para casa. Ela que nunca fora cortada da seleção, e apenas uma vez pedira dispensa por razões que fugiam ao seu controle, questionava sua presença e permanência naquele grupo ao qual parecia não pertencer. Isso ficou evidente em uma reunião realizada para se discutir e falar sobre união, ainda no aeroporto a caminho de Atenas. Chamada pela comissão técnica, a discussão teve continuidade apenas com a presença das atletas após um breve intervalo, o qual foi usado para uma corrida ao *toilette*. Quando Fofão voltou, a reunião já tinha se iniciado sem a sua presença. Atônita com aquela situação, perguntou como se poderia falar sobre união sem o time estar completo. Sentindo-se um peixe fora d'água questionava-se sobre sua função e sua importância naquele grupo, naquele momento.

E foi nesse clima que a seleção feminina brasileira chegou a Atenas. Internamente trabalhava-se com a possibilidade quase certa da medalha de ouro, mas para Fofão a artificialidade daquele discurso se desmanchava na individualidade das ações. Isolada, observava como uma estranha os riscos daquelas atitudes.

“Você não quer prejudicar o grupo, mas era um sentimento de nada, não tinha um sentimento. Eu pensava: ‘eu estou indo a uma Olimpíada para quê?’ Eu aceitaria ser reserva, mas as coisas não poderiam ter acontecido da maneira como aconteceram. Ele tinha uma reserva de luxo, que tinha experiência, que não era uma garotinha. E isso me deixou mal. Esse é um arrependimento que tenho: de ter ido da maneira como fui, de ser contrária à minha vontade, afinal sempre fiz as coisas da maneira que eu achava corretas.”

A sensação de contrariedade em relação ao esquecimento vivido ficou ainda mais forte na semifinal contra as russas. A seleção brasileira vencia o terceiro de três *sets* e tinha o *match point*, por 24 a 19. O jogo parecia ganho, afirmando assim a profecia de que aquele grupo seria campeão olímpico. Fofão permanecia no banco de reservas, sem jogar, sem colaborar, sem liderar, apenas expectadora de um espetáculo que acostumara a protagonizar. E então, o time brasileiro pareceu perder o rumo. O passe já não chegava, o serviço ficava aquém da necessidade das atacantes que erravam as finalizações e as russas buscaram um a um os pontos para fechar aquele *set*.

‘Coisas do esporte’, pensaram os desavisados. ‘Perigo à vista’, diagnosticaram aqueles que sabem ler os movimentos subliminares dos grupos esportivos. A leitura que Fofão tinha era de um time que não passava de um agrupamento que se mostrava fragmentado, e demonstrava isso em pequenas ações, como não compartilhar as refeições e respeitar horários de treinos e que, portanto, estava fragilizado para enfrentar uma adversidade como a derrota daquele *set* perdido. Ninguém ali teve liderança suficiente para sacudir a poeira do susto vivido e dar a volta por cima para buscar o quarto *set* e fechar o jogo. Por três vezes, na tentativa de quebrar o ritmo das adversárias, o técnico chamou Fofão para fazer uma substituição, mas o tempo passava ou o juiz não entendia o pedido e Fofão não entrava. E assim se chegou ao *tie-break* de um jogo que era vencido por 24x19, no terceiro *set*. Prevalecia uma sensação de incerteza naquela que era a jogadora mais experiente do grupo, em sua quarta edição olímpica, que fora a capitã da medalha de bronze na edição anterior, e que, esquecida ao longo dos meses anteriores, em diferentes competições, desconhecia suas reais condições de contribuir. Sua segurança estava minada, não por aquele jogo, mas pelo processo vivido naquele passado tão recente.

“Eu não sabia o que ia acontecer se eu ia conseguir entrar e, de verdade, fazer alguma coisa boa. A minha intenção era ajudar, e ninguém queria saber, se você fizesse besteira, o problema era seu. E eu tinha dúvida. Uma coisa é você entrar para sacar, numa situação. Outra coisa é fazer uma inversão em que você vai ter três passagens para dar o seu melhor. E eu não tinha confiança de que eu conseguiria fazer o meu melhor. Então, às vezes talvez até tenha sido bom eu não entrar porque talvez eu tivesse feito besteira, eu não sei, eu não conseguia me concentrar, não conseguia focar naquilo ali. Eu estava

ali, mas estava distante, muito distante. Quando eu não conseguia entrar, eu sabia que eu tinha que fazer a minha parte, mas como que ia fazer? Eu não sabia. E a substituição não foi feita.”

O porquê de o juiz não autorizar as substituições solicitadas permanece um enigma para Fofão, para o público e também para Zé Roberto. Ao se lembrar do episódio, que também marcou sua vida e sua carreira, o técnico lembra desse momento do jogo.

“Eu me lembro que eu fui tentar fazer uma substituição, uma dupla, e não consegui fazer, e principalmente no tie-break, que poderia ter ajudado, enfim, justamente a Fofão estava envolvida nesse processo, juntamente com a Fabiana.”

O jogo da vida dava mais uma de suas tantas lições. A certeza da vitória se transformou em uma derrota entendida como uma das maiores frustrações da história pessoal e coletiva do voleibol feminino brasileiro. A seleção apresentada como favorita à medalha de ouro ia uma vez mais para a disputa do bronze.

“Quando acabou o jogo foi como se tivesse acabado a força de todo mundo, ninguém tinha reação. Na manhã seguinte a gente foi malhar e o time estava destruído. Daí o Zé Roberto falou que eu era uma jogadora mais tranquila, mais experiente e que ele precisava da minha ajuda para auxiliar o grupo. E para mim aquilo não adiantou nada, foram palavras que deveriam ter sido ditas antes. E eu falei: você sabe que sempre você pode contar comigo. Mas eu só falei isso. Mais nada.”

A derrota para Cuba por 3 sets a 1 na disputa pelo bronze fechou o ciclo daquele grupo e deu início a um novo processo na vida de todos os envolvidos. Começou com Zé Roberto, que teve dúvidas se continuaria, ou não, à frente do time. *“Foi uma barra muito grande para aguentar aquele 24 a 19. Então, eu realmente me desliguei do mundo e a pergunta que eu queria responder era só: como é que nós tínhamos perdido aquele jogo? Nós saímos muito machucados daquilo tudo.”*

Fofão tem o diagnóstico da perda do bronze a partir da experiência das duas outras medalhas que já faziam parte de seu currículo. Despreparadas para a derrota e para “apenas” subir no pódio, as atletas viveram nas horas que se seguiram ao encerramento daquela semifinal uma situação que

poderia ser interpretada como *stress* pós-traumático, incapacitando-as de reagir e se preparar para o último jogo da competição, que ainda poderia render mais uma medalha. Sem uma liderança afirmativa, que puxasse para essa possibilidade, o grupo se desarticulou e, nesse momento, a capacidade de liderança de Fofão foi lembrada, mas já era tarde. “Aquela equipe foi preparada para conquistar o ouro e, diante da derrota, ninguém lembra que é possível ganhar o bronze. A diferença para 2000 é que a gente queria o pódio porque a gente ralava e queria de qualquer jeito. A Olimpíada é e sempre será conquistada por merecimento.”

Era tempo de repensar a vida como atleta da seleção. Em seu íntimo, Fofão pensava que ali teria acabado sua vida com a camisa brasileira que tantas alegrias e glórias lhe deram naqueles treze anos. Sua marca foi deixada junto às jogadoras de diferentes gerações e dentre elas estavam adjetivos como guerreira, trabalhadora, companheira, responsável, camarada, resiliente, paciente, honesta, justa, sincera, ponderada, íntegra, mas, acima de tudo, líder, virtude tão pouco utilizada naquela edição olímpica a ser esquecida.

Pô, mas não tem outro dia pra você casar?

Desse jeito, coçando um dos lados da cabeça, o treinador da seleção Zé Roberto reagiu ao ser informado pela levantadora Fofão sobre a data do casamento com João Márcio, a ser realizado três meses antes do início da Olimpíada de Atenas. Não era o momento de qualquer uma de suas atletas ter em mente outro grandioso compromisso capaz de diminuir o foco na conquista da inédita medalha de ouro olímpica. Mas Fofão e o noivo já estavam dez anos na fi la para ratificar de vez a união com a troca de alianças – e assim o fi zeram, em maio de 2004. Mais ainda: com Zé Roberto e a esposa Alcione como um dos casais de padrinhos.

Mentor estratégico da carreira de Fofão, Tião não presenciou essa vitória pessoal da quinta filha. Falecera de câncer de próstata fulminante dois anos antes, em 2002. Ubaldo, o primogênito, aceitou o convite da irmã e ficou com a missão de entrar de braço dado com ela na igreja. Do alto de seu 1,93 metro, não se continha dentro do terno.

Os recém-casados escolheram a cidade mineira de Poços de Caldas para a lua de mel. O destino, próximo a São Paulo, foi eleito por se encaixar melhor à folga concedida pelo treinador Zé Roberto. “Só três dias, Zé? Ah, tá bom, vai”, reagiu a camisa 7 do Brasil. De volta do pequeno descanso, Fofão se internou com a seleção de olho nos Jogos da Grécia. Aquela competição não lhe traria boas recordações. Desmotivada e com a autoestima lá embaixo pelo fato de praticamente ter sido reserva e o Brasil ter ficado de fora do pódio, a levantadora não teve muito tempo para lamber as feridas no retorno ao Brasil. Na semana seguinte, embarcou para a Itália para atuar na equipe do Perugia.

A ausência física do pai, mentor e conselheiro Tião, a dúvida sobre se tinha condições de ainda praticar voleibol em alto nível aos 34 anos e o afastamento forçado de João Márcio três meses depois de subir ao altar a deixaram com um pé atrás quanto ao sucesso da nova empreitada: viver e jogar fora do Brasil pela primeira vez. Recém-casado depois de uma espera de uma década, João Márcio foi rever a esposa somente um mês depois, ao tirar 40 dias de férias e ir para a Itália encontrá-la. Ao lado do marido na

Europa, Fofão, além de matar a saudade, fez o comunicado: “*Vem morar aqui comigo, porque a partir de agora quero que você administre a minha carreira.*” Até então, a irmã mais velha, Paula, era quem a agenciava.

De volta ao Brasil, João Márcio retornou à rotina de agente fi nanceiro do Citibank, mas virava e mexia consultava a consciência sobre a proposta da esposa. Com quinze anos dedicados ao banco, onde dava expediente religiosamente – e feliz – de segunda a sexta-feira, não queria “jogar fora” o status construído naquela empresa. Certo dia, ele chamou o seu supervisor de canto para dividir a dúvida que o atormentava. “Mas o que você está fazendo aqui ainda, João Márcio? Vai viver e cuidar da sua esposa”, disse o chefe Marcelo, um amigo muito próximo até hoje. Enquanto não se decidia, o fi lho de Maria Helena teve de se acostumar com a ladainha do superior em reuniões em equipe. Antes de falar de negócios, Marcelo se voltava para o funcionário sentado ali perto: “Pô, você aqui ainda? Não vai viver com a esposa, não? Vai embora, cara! Não fica aqui, não. Vai fazer outras coisas na vida.”

João Márcio acabaria trocando o Citibank para se dedicar à administração da carreira da esposa. Com Fofão no Brasil ao final da primeira temporada no exterior, ele pediu demissão do banco e se mudou com ela para a Itália, onde a atleta iria cumprir o segundo ano de contrato no Perugia. Lá, João Márcio se matriculou em uma universidade italiana para estrangeiros para aprender o novo idioma. E encarou, como uma das primeiras tarefas profissionais no posto de empresário, conversas e mais conversas com diretores do Perugia. Esses mesmos dirigentes, logo após a primeira temporada vitoriosa de Fofão no clube, insistiam em fechar um novo contrato com duração de três anos.

Essa João Márcio tiraria de letra. Um dos ensinamentos mais frequentes passados por seu sogro, Tião, durante as longas conversas dos dois na varanda da chácara da família, em Boituva, dizia respeito à não assinatura de contratos de longa duração. Para Tião, sua filha raramente terminaria uma temporada sem títulos. Por isso, deveria ter a chance de renegociar novas bases salariais ao final dela. Uma segunda opção, na cartilha de Sebastião, previa reajustes estipulados ao final de cada ano, caso um acordo de maior vigência tivesse sido pactuado. Com isso em mente, João Márcio fechou o primeiro negócio no novo posto, costurando um acerto com duração de dois anos.

Dedicado, ele pesquisou muito sobre o mercado do voleibol europeu. Descobriu os salários das jogadoras *top* de linha de lá e absorveu os conselhos de Enrico, um dos empresários italianos convencidos por Fofão a marcar presença em seu casamento no Brasil. E, mais importante, cuidava para administrar da melhor maneira possível o patrimônio da mundialmente cobiçada levantadora da seleção brasileira. Com os dividendos em dia, a camisa 7 seguiria cuidando de seus familiares – quatro irmãs e a mãe, Eurides, moravam em Boituva –, provendo-os com recursos capazes de proporcionar uma vida, em termos financeiros, sem sobressaltos.

Patrocinar a melhoria da vida dos parentes mais próximos não era um problema para a então atleta. Pelo contrário, Fofão considerava isso uma obrigação. Lá atrás, além dos pais, seus irmãos também contribuíram para manter a estrela dela brilhando. Fofão, então, pagou faculdade para três irmãs e uma cunhada. Arcou com tratamentos dentários, consultas ao ginecologista, bancou carteira de habilitação e presenteou parentes com carros. Mais ainda: custeou a gestação e um dos partos da irmã Lica. Paula administrava uma papelaria montada pela levantadora da seleção na construção que serviu de abrigo para a família quando a casa desabou, em Lauzane. Mais tarde, ainda no posto de empresária, articulou uma parceria entre a irmã famosa e a prefeitura de Iperó. O município vizinho de Boituva e Fofão criaram um projeto social de incentivo ao esporte e à educação para crianças entre 9 e 15 anos matriculadas no Ensino Fundamental.

Fofão, como ela mesma fala, viveu em função da família e abdicou do desejo de ser mãe para direcionar as energias para a prática do esporte. Por meio do vôlei, planejou fazer os parentes felizes por tabela. Imaginava o orgulho de cada um em poder dizer a vizinhos, amigos ou desconhecidos: “Sou irmão, pai, mãe, da Fofão”. Hoje, os sobrinhos, orgulhosos pela carreira da tia, dão a ela a medida de que tudo valeu a pena. Paulina, de 18 anos, filha de Lica, joga vôlei desde os 12 e tem a ex-camisa 7 da seleção como referência: *“Ter alguém na minha família para poder me inspirar e me espelhar é algo muito bom. Me faz acreditar que eu também possa chegar aonde ela chegou”*. Heloísa, de 17 anos, filha de Ubaldo, quer vencer na vida como violinista. E tem a tia como maestrina: *“Eu sou muito tímida. Mas a minha tia conseguiu superar isso para dar entrevistas, aparecer na TV. Então, acho que também vou conseguir um dia.”*

Momentos assim fazem Fofão se sentir realizada. Ter a trajetória reconhecida pela nova geração de parentes a ajuda, inclusive, a não se

arrepender de não ter engravidado. Ser exemplo e servir de inspiração, principalmente no seio de sua família, sempre fora o norte de sua vida.

Foto: Acervo pessoal



A capitã Fofão em Sydney.



Foto: Acervo pessoal

A seleção em Atenas, 2004.

Foto: Pallavolo Sirio Perugia



A genialidade também no saque.



Foto: Pallavolo Sirio Perugia

Fofão no Campeonato Italiano na equipe do Perugia.



Foto: Maggie Cheung

A celebração da vitória com a amiga Fabi.

Foto: Acervo pessoal



Pequim, 2008, depois do treinamento.



Foto: Acervo pessoal

Com Zé Roberto, após a conquista da medalha de ouro em Pequim, 2008.

Foto: Ricardo Haleck



Jogada com toque de gênio.



Foto: Acervo pessoal

O personagem Fofão, a atleta Fofão e o técnico João Crisóstomo.



Foto: Evandro Fiuza

Com as companheiras do MRV de Belo Horizonte.

Foto: Acervo pessoal



Mãe Eurides.

Foto: Maggie Cheung



Passando informações para a líbero Fabizinha.



Foto: Acervo pessoal

O toque de perfeição.



Foto: Acervo pessoal

Assistindo ao vôlei masculino, Pequim 2008.

Foto: Maggie Cheung



Elegância e controle na condução da equipe.



Foto: Maggie Cheung

Orquestrando o jogo.



Foto: Ricardo Haleck

Na função de capitã.



Foto: Maggie Cheung

Fazendo a leitura do jogo.

Foto: Maggie Cheung



A concentração antes do jogo.



Foto: Maggie Cheung

Ritual muitas vezes repetido.



Foto: Ricardo Haleck

Em ação no saque.



Foto: Ricardo Haleck

Aquecendo e concentrando.

Foto: Ricardo Haleck



Com o técnico Bernardinho.

Foto: Palavolo Sirio Perugia



A capitã Fofão jogando na Itália.



Foto: Juliana Cerdeira

Homenagem na despedida das quadras.



Foto: Acervo pessoal

Celebrada no Hall of Fame do voleibol.

PULSO FIRME

Foi próximo do 1º de abril, o popular dia da mentira, e a pouco mais de quatro meses da Olimpíada de Pequim, em 2008, que a então aposentada levantadora Fernanda Venturini manifestou o desejo de não apenas espanar a poeira das joelheiras, mas vesti-las novamente. Nos sonhos mais lindos que sonhara, ela retornaria direto para a seleção brasileira, naquele momento já na ponta dos cascos para os Jogos, e penduraria em sua prateleira de troféus outra medalha olímpica, a de ouro muito provavelmente. “Quem não quer ganhar uma medalha olímpica? Eu quero! Entrei em contato com o Zé, e ele sabe que quero voltar”, afirmou a ex-atleta, à época, em reportagem publicada no site *Globo.com*, referindo-se ao treinador do time brasileiro, Zé Roberto.

Depois de retornar dos Jogos de Atenas, em 2004, com a quarta colocação, levantadora deixaria o time brasileiro exteriorizando o desejo de não voltar a jogar vôlei “nem por US\$ 1 milhão”, fato amplamente divulgado pela imprensa. Em abril de 2006, porém, lá estava ela se despedindo do esporte pela segunda vez depois de ter retomado a carreira e levantado mais um título de campeã brasileira. Em nova reviravolta, a levantadora voltaria às quadras, em fevereiro de 2007, para atuar no Murcia, da Espanha. Ao checar a caixa de entrada de seu *e-mail*, Zé Roberto soube da novidade: afastada do cenário esportivo desde maio de 2007 ao fim do contrato com a equipe espanhola, ela queria voltar à ativa, direto para a seleção. A própria havia escrito isso para o seu antigo treinador.

O que poderia ter sido uma daquelas pegadinhas próprias de 1º de abril revelou-se fato concreto para Fofão. Na época, ela vivia na Espanha e defendia o Murcia na temporada 2007/2008, meses depois de a levantadora e esposa de Bernardinho deixar a equipe. No exterior, a capitã e levantadora titular do Brasil durante praticamente o ciclo olímpico inteiro soube da articulação engendrada no Brasil. “Eu pensei: ‘De novo essa história?’. E, tipo, era 2007, né? 2007!”, relata Fofão, que, até aquele momento, decidira não se manifestar. A bola, afinal, fora levantada na direção de Zé Roberto e caberia a ele decidir como arrematar.

Os dois haviam se desentendido depois de Atenas-2004. Uma polêmica os colocou em lados opostos. Fernanda teria discutido durante os Jogos, conforme corria na imprensa, erros e acertos da seleção feminina e de Zé Roberto com o marido, o também treinador Bernardinho, comandante do time brasileiro de vôlei masculino na mesma competição. O rompimento entre comandante e comandada fora inevitável e, mais, revelou portas fechadas para qualquer outro trabalho em conjunto no futuro. Mas a levantadora contava com um aliado de peso na corrida por uma vaga no time montado por Zé Roberto para atuar em Pequim-2008: o então presidente da Confederação Brasileira de Vôlei (CBV) Ary Graça – três anos mais tarde, ele renunciaria ao cargo depois da revelação de irregularidades em contratos da entidade com o Banco do Brasil.

Ary, atual presidente da Federação Internacional de Vôlei (FIVB), fez pressão, como relata Zé Roberto, para ele incluir a jogadora, no *tie-break*, na convocação do selecionado olímpico:

“(A pressão era) do presidente da Confederação. E do Brasil inteiro. Um monte de gente dizia: ‘Ela tem de ir!’. E, quando o Ary me chamou, eu disse: ela não tem que ir, eu não estou de acordo. Mas falei que iria, para não ficar só na minha palavra, ouvir algumas pessoas, umas delas, a Fofão. Disse também que eu tinha certeza de que Fofão iria dizer que se a Fernanda estivesse (no grupo), ela não iria. Do mesmo jeito, sabia que os membros da comissão técnica também iriam dizer que não a queriam; que ela não havia participado de absolutamente nada (do ciclo olímpico) e não poderia ir para a seleção. O time já tinha sido construído, já treinara, já tinha feito o que tinha de fazer, estava tudo pronto para nós irmos para a olimpíada. Aí o presidente virou para mim e diz: ‘A responsabilidade é sua, eu vou cobrar você’. E eu falei: não tem problema, pode me cobrar.”

Superpressionado, depois de contrariar o mandatário-mor do vôlei nacional, Zé Roberto embarcou para a Espanha para se encontrar com Fofão e Paulo Coco. Este último, além de integrar a comissão técnica da seleção, treinava a camisa 7 do Brasil no Murcia. Com eles, Zé Roberto iria tratar sobre o assunto dominante no noticiário esportivo brasileiro.

Fofão e Fernanda foram duas habilidosas levantadoras – e contemporâneas. Fernanda é sete meses mais nova e sete centímetros mais

alta do que a ex-camisa 7 da seleção. Como a colega de profissão, iniciou na modalidade como atacante e somente mais tarde passou a atuar como armadora das jogadas. Multipremiadas e vitoriosas, as duas se diferenciam principalmente no quesito comportamento. Enquanto a ex-camisa 14 da seleção sempre atraía – e abraçou – os holofotes, Fofão preferia a discrição. Capitã do time brasileiro por muito tempo, assim como Fofão, cobrava mais as suas comandadas, impunha-se no gogó, como cigarra. Fofão, por outro lado, atuava como formiga, liderava pelo exemplo, bastava um olhar para ser compreendida. *“Eu e ela temos uma história no voleibol, a gente está sempre. . a gente está sempre ali se esbarrando. Isso é uma coisa que, sei lá, nosso destino é se cruzar”*, resume Fofão.

Duas das maiores levantadoras da história do voleibol mundial estavam prestes a se reencontrar na seleção. E Fofão estava para lá de receosa em relação a qual lado da rede Zé Roberto iria se posicionar. Desde 2004, ela tinha um pé na frente e outro atrás em relação ao treinador responsável por torná-la levantadora. Depois de fi gurar como reserva em Barcelona-92 e Atlanta-96, Fofão conquistou o segundo bronze de sua trajetória olímpica, em Sidney-2000 na condição de titular da equipe. Três anos mais tarde, quando Zé Roberto assumiu a seleção feminina, as duas levantadoras – elas haviam pedido dispensa do escrete nacional por não estarem de acordo com a metodologia de trabalho do então técnico Marco Aurélio Motta – foram convencidas pelo novo comandante a retornar ao time para a disputa de Atenas-2004.

Zé Roberto, de acordo com a camisa 7, disse a ela quando a recrutou que não haveria titular nem reserva na posição de levantadora. Fofão, porém, foi banco nos Jogos, apesar de poder contribuir mais para o time, se Zé Roberto não deixasse de cumprir o trato feito com ela. De tão impactante, o revés tirou de Fofão a crença em sua capacidade enquanto atleta. Mais ainda, aos 34 anos, ela acreditava, estaria colocando um ponto final na sua história com a seleção. *“Para mim, o difícil não foi nem tanto perder a posição de titular da maneira como aconteceu. A dificuldade que eu senti foi pós-Olimpíada. Porque a Fofão retornou de Atenas e não quis mais saber de seleção. Sentiu-se injustiçada e ficou chateada com o Zé Roberto”*, relata o marido, João Márcio. *“Ela chegou no Brasil, não passou nem cinco dias, trocou a mala e foi embora para a Itália sem querer tocar no assunto.”*

No Perugia, onde conquistou oito de nove campeonatos disputados em três temporadas, ela recuperaria a autoconfiança e a alegria de jogar. Hoje, olhando para trás, Fofão não tem dúvida: deveria ter pedido dispensa da seleção naquele momento. Deixar o time de Atenas-2004 a machucaria menos. Mas abandonar um compromisso assumido no meio do caminho não fazia parte da *Bíblia* rezada com as bênçãos dos pais, em Lauzane Paulista. Crente nesse versículo caseiro, o “santo de casa”, como Zé Roberto costuma se referir a Fofão, não abandonou o grupo de 2004. Zé Roberto olha de maneira diferente para o episódio vivido entre ele e a pupila, em 2004:

“Em nenhum momento foi colocado ‘olha, você tem chance de brigar’. Isso não se fala. Em um treinamento você deixa as coisas acontecerem e cada uma vai ocupando o seu espaço. E aí você vai vendo como é a relação técnica entre as jogadoras, com quem elas se dão melhor aqui e ali. Isso determina uma titular ou uma reserva. A Fernanda tinha um pouquinho mais de experiência e jogado mais tempo com algumas das jogadoras dali. Tinha mais know-how. Fofão já se achava preparada para aquele momento, porque tinha jogado a Olimpíada de 2000. Mas ela foi de novo disputar a posição com uma das melhores levantadoras do mundo. E por característica do nosso time, que em termos de média de altura era baixo, ela acabou ficando no banco. A nossa equipe de 2004 era baixa e a opção era para subir um pouco a altura do bloqueio. Mão por mão, as duas eram iguais. Defesa por defesa, as duas eram muito boas. Saques também mais ou menos parecidos. Mas, no bloqueio, ela era melhor do que a Fofão. Então, foi uma opção baseada em um fundamento. As duas eram muito inteligentes jogando. Onde jogassem, eram consideradas as melhores levantadoras do mundo. Fofão, Fernanda, a Feng (Kun, ex-levantadora da seleção chinesa) e a Irina (Kirillova, ex-levantadora da Rússia) eram as quatro melhores levantadoras do mundo naquele período. Mas a Fofão tinha uma grande jogadora ao lado (na seleção) com um fundamento no qual era melhor. E por opção em relação ao time de bloqueio do Brasil, jogava.”

Com esse histórico em mente e cicatrizes fechadas a duras penas, Fofão abriu a porta de seu duplex, na Espanha, para ouvir o que Zé Roberto tinha a lhe falar sobre mais um possível capítulo da história entre as duas. Fofão,

Zé Roberto e Paulo Coco subiram até o sótão para conversar. João Márcio resolveu sair de casa e dar uma volta para deixá-los a sós. Antes, beijou carinhosamente a mulher e reforçou seu voto de solidariedade: “Fofão, o que você decidir eu apoio”. Zé Roberto iniciou a conversa:

- *“Fofão, você sabe o que tá acontecendo no Brasil, né?”*
- *“É, ouvi falar, né? Mas não sei direito tudo.”*
- *“Então, a Fernanda quer voltar para a seleção.”*
- *“Mas você já decidiu o que fazer, Zé?”*
- *“Não decidi nada ainda. Queria primeiro passar aqui para ver o que você acha disso.”*
- *“Não, eu quero saber o que você acha disso. Eu não tenho de achar nada.”*
- *“Ok. Tô sofrendo uma pressão grande lá, mas ainda não tomei nenhuma decisão.”*
- *“Zé Roberto, o que foi que a gente combinou quando você me pôs para dentro do grupo? Era para a gente estar junto nos quatro anos do ciclo olímpico. Essa foi a sua regra desde o começo da preparação. Se você não cumprir o combinado, eu não posso mais confiar em você.”*
- *“Não, não, eu não decidi nada ainda. Eu queria a sua opinião.”*
- *“Eu não tenho nada para dizer. Quem tem de decidir é você. Eu sei que você vai chegar no Brasil e vai ter toda aquela pressão. As pessoas vão querer que você diga o que vai fazer. Mas eu espero que você pense bem na sua decisão. Porque não acho que será justo. As coisas não podem ser assim. Até mesmo pelo que eu passei, acho que tem de existir um respeito por aquilo que você propôs lá atrás para mim e para o grupo. No caso, é a ela, mas poderia ser qualquer outra levantadora que quisesse entrar agora. Mas se você mudar de ideia, eu estou fora da seleção.”*

Fofão ainda tentaria aliviar o clima tenso presente ali, dizendo ao treinador, em tom de brincadeira: “seu coração vai amolecer diante da pressão ao desembarcar no Brasil e você vai convocá-la”. No fundo, no fundo, tentava disfarçar a tensão que lhe arrepiava os pelos do corpo. Ao final daquela reunião improvisada, a levantadora passou o trinco na porta de casa sem acreditar totalmente que o comandante cumpriria o acordo feito entre eles: seguir com um mesmo grupo, salvo exceções como contusões, episódios de indisciplina ou deficiências técnicas, durante todo o ciclo olímpico. Como Fofão tinha muito claro para si que, em 2004, Zé Roberto havia descumprido um acordo com ela, sentia calafrio com a possibilidade

de que o treinador, amigo e padrinho de seu casamento, novamente não honrasse a palavra.

“Eu abri mão do desejo de não defender mais a seleção para estar ali com o Zé, para estar junto do grupo, encarando tudo o que fosse preciso naquele ciclo. Não iria aceitar, portanto, que as coisas acontecessem da mesma forma do ocorrido em 2004. Já havia passado por uma situação muito difícil e mesmo assim me juntei com o grupo com um objetivo, uma finalidade, e isso não poderia ser quebrado. Do contrário, acho que o Zé acabaria com a minha vida, ele me afundaria no fundo do poço, de verdade, porque palavra é palavra. Foi a Fernanda, mas eu pensaria o mesmo se outra jogadora quisesse entrar ali naquela altura do campeonato. Eu acho que ela viu algo diferenciado no nosso time. Pode ter percebido a maneira como a gente vinha jogando, como o grupo estava forte. Pode ter sentido que o ouro poderia vir dali. É um direito dela.”

A possibilidade de dar de frente com uma nova quebra de confiança, de recuar um passo para novamente ficar na sombra de outra, fez Fofão agir como poucas vezes fi zera: colocando pressão com a força da voz, calando a timidez, e mostrando pulso firme para muito além das bolas divididas na rede. “Foi isso mesmo que ela fez, praticamente disse: ‘Ou ela, ou eu’”, narra Zé Roberto. Em seu retorno ao Brasil, o comandante da seleção agendou uma coletiva de imprensa, no Rio de Janeiro, para anunciar a lista das atletas convocadas para Pequim-2008. Nela, comunicou a sua decisão para a imprensa antes mesmo de compartilhá-la com Ary Graça, o presidente da CBV: Fernanda Venturini não entrou na lista para os Jogos.

“Foi uma decisão muito trabalhada e conversada. Durante esse ciclo olímpico, as jogadoras mantiveram sempre uma conduta e obedeceram regras. Não seria justo mudar o que foi um ponto fundamental. Lamento, mas a Fernanda não faz parte da convocação. Pelos critérios e regras, não seria justo com as atletas que participaram do processo, entre viagens, concentração, treinos e jogos”, informou Zé Roberto, de acordo com matéria publicada pelo jornal O Estado de São Paulo. “Ela teve muita humildade; isso é bastante louvável. Tínhamos pendências desde 2004 e as resolvemos. Resolvemos tudo e não ficaram rancores, mágoas ou sequelas. Estou feliz, agradeço, mas disse a ela que a convocação era uma coisa

completamente diferente.” A atitude fez Fofão voltar a se sentir segura ao lado do treinador que lhe ensinou quase tudo no vôlei.

Ainda hoje comenta-se que a rivalidade das duas as fez se aprimorarem tecnicamente. Zé Roberto, por outro lado, tem dúvidas se Fernanda chegou a se preocupar com alguma levantadora capaz de lhe tomar o posto. *“Mas também não a vi se comportar diferente quando ia para o banco. Ela sempre foi muito impassível quanto a essa situação. Nunca demonstrou absolutamente nenhuma emoção em relação a isso”, opina. “A Fofão tinha a colega como uma de suas referências. E não creio que ela tinha a Fofão como referência. Só a si própria como referência. São maneiras de se comportar completamente diferentes. Cada uma valoriza um tipo de coisa.”*

COMUNIDADE EUROPEIA

Se não foi bem recebida por Gisele, então levantadora do Transmontano/J.C. Amaral, ao se transferir para o time de Ribeirão Preto, nos anos 1990, Fofão logo sentiu boas energias ao desembarcar na Turquia, em 2010, para defender o Fenerbahçe. Laureada pelo ouro olímpico dois anos antes, a brasileira se surpreendeu com a deferência da jogadora Naz Aydemir. Titular do Fenerbahçe e da seleção daquele país, a levantadora turca praticamente estendeu o tapete vermelho para a camisa 7 e não se incomodou em ceder a vaga para a campeã olímpica do Brasil. Naquela terra distante e desconhecida que jamais imaginaria um dia poder conhecer, Fofão pôde, assim, iniciar mais uma etapa da carreira bem mais relaxada.

“A Naz era titular da seleção turca. Pensei que a mulher iria tentar me sacanear desde o primeiro momento. Porque eu cheguei na Turquia e estava colocando a titular da seleção do povo dali no banco. Mas ela foi tão generosa em todos os sentidos que nunca me senti tirando o seu lugar. A maioria dos jogos fui eu que joguei. E a Naz sempre ficava me olhando, reparando como eu atuava para aprender, querendo saber como eu fazia isso e aquilo. Me surpreendi com a postura dela. Ela teria todos os motivos para ficar chateada, mas o respeito que os turcos têm em relação às pessoas mais experientes, mais velhas, algo que fui aprendendo aos poucos, foi muito bacana e importante para a minha adaptação. Eu agradei à Naz pessoalmente por isso. E falei que a atitude dela foi surpreendente para mim.”

Apesar de curta – ficou por lá menos de um ano – a temporada de Fofão em Istambul rendeu novos contornos ao seu currículo afetivo. Na capital turca, conheceu o Grand Bazaar, um dos maiores e mais antigos mercados cobertos do mundo. Meses depois, o local serviria de locação para o folhetim *Salve Jorge*, da TV Globo, acompanhada pela camisa 7 e noveleira contumaz. Também se encantou diante do Estreito de Bósforo, joia da principal metrópole turca que marca o limite dos continentes asiático e europeu e liga o mar Negro ao mar de Mármara. Já aposentada da seleção brasileira e livre de compromissos que prorrogavam o início de suas

atividades nos clubes, Fofão pôde se apresentar ao Fenerbahçe logo na pré-temporada da equipe. Sem precisar disputar partidas oficiais nos finais de semana durante um mês, aproveitava a folga para passear pelas ruas da cidade todo domingo ao lado de companheiras de equipe.

Nesses passeios, ela tomou nota de costumes turcos, como o uso obrigatório de roupas pretas em determinados eventos e jamais vestir vermelho, cor predominante do Galatasaray, clube arquirrival de seu time. Fofão, ainda, pegaria carona na fama de outro brasileiro morador de Istambul, o jogador Alex, camisa 10, capitão do Fenerbahçe, e espécie de divindade para os torcedores da cidade. Alexsandro Souza, nome de batismo do craque que fez história no clube, havia enviado mensagem para o celular da levantadora desejando boas-vindas à recém-chegada conterrânea.

“O Alex foi sensacional e se colocou à disposição para qualquer coisa que eu precisasse na cidade. Um dia, eu e meu marido saímos com ele e foi quando nos conhecemos pessoalmente. É um cara super simpático, sensacional. Tempos depois, ele nos convidou para passar o Ano Novo em sua casa ao lado de sua família. Alex era rei lá em Istambul. E eu me aproveitava, já que, como eu, ele tem Souza como sobrenome e dizia para todo mundo que era meu parente. Um dia, ele entrou no nosso vestiário para nos desejar sorte antes de uma partida e as meninas ficaram eufóricas, de boca aberta. Elas diziam: ‘Fofão, é o Alex!’. E eu: é meu amigo, parente, tranquilo, tranquilo.”

Comandada ali novamente por Zé Roberto, Fofão deixaria sua assinatura de conquistas também no vôlei turco. Com o Fenerbahçe, foi campeã nacional, vice da Champions League e levantou o caneco do campeonato mundial ao vencer o brasileiro Osasco, em final realizada no Qatar. Três anos antes, em 2007, Zé Roberto também teve participação na transferência de sua pupila para o Murcia, da Espanha. Naquele clube, ela, a ponteira-passadora Jaqueline Carvalho e a central Walewska Oliveira seriam comandadas por Paulo Coco, auxiliar de Zé Roberto na seleção feminina. A ideia era fazer as três atletas atuarem juntas às vésperas dos Jogos de Pequim-2008, para chegarem entrosadas na competição. Fofão, então, deixaria o time italiano do Perugia convencida pelo projeto e também empolgada pelo salário oferecido a ela pelo Murcia. Foi a sua primeira e única transferência motivada por dinheiro. *“Eu estava na Itália, onde tive*

uma passagem incrível. Mas a proposta da Espanha era tipo. . irrecusável. Pelo dinheiro sim, mas também pelo projeto de olho na Olimpíada.”

Murcia nem de longe era uma cidade atrativa aos olhos da levantadora. Fofão frequentava com assiduidade um *shopping* de lá e jogos de basquete e futsal de times cujos elencos contavam com atletas brasileiros. Não fosse por Vivi, uma amiga brasileira proprietária de uma casa na praia de Benidorm muito bem aproveitada por Fofão, a passagem da atleta pela Espanha não deixaria boas lembranças. Em Murcia, Fofão teve como maior adversário o ambiente amador do clube e do campeonato local. Em uma das rodadas, tanto o time dela quanto o adversário entraram em quadra com uniformes de cores semelhantes. E, para a sua surpresa, as autoridades responsáveis pela partida autorizaram o início do jogo sem qualquer ressalva. Muito pior, no entanto, foi o embate fora das quadras vivido pelas atletas – ela, inclusive – e os diretores do clube. “O presidente do Murcia devia muito dinheiro para nós. Certa vez, tivemos de devolver o carro disponibilizado por eles para a gente porque o clube não havia pago a concessionária.”

Depois de sucessivos atrasos salariais, Fofão resolveu deixar a equipe ao final do contrato. Antes de retornar para o Brasil, passou uma procuração para um advogado local cobrar o valor devido a ela pelo clube. “Foi a única vez na vida que tomei calote”, afirma ela, que, tempos depois, aceitou a uma proposta do clube para encerrar o processo. Recebeu menos do que tinha direito, mas se livrou daquela chateação toda. “Me arrependi de ter ido para lá.” Como a brasileira, outras estrangeiras entraram em colisão com os dirigentes do Murcia para receber os atrasados. Uma delas foi a central Ingrid Visser, que atuou na temporada seguinte à de Fofão. Atleta da seleção holandesa, muito antes de parar no Murcia, ela havia defendido as cores do Minas Tênis Clube, entre 1997 e 1999. Em 2013, acompanhada do namorado, Ingrid desembarcou em Murcia para, entre outras coisas, cobrar dividendos não honrados pelo clube defendido por ela na temporada 2009/2010.

Dias depois, a atleta e parceiro foram encontrados mortos em uma plantação de limão ao lado de uma casa na zona rural de Murcia. O casal, de acordo com a polícia local, teria sido torturado até a morte e esquartejado com uma serra elétrica. Aos 35 anos, Ingrid e o namorado, de 57, foram assassinados por dois romenos a mando de Juan Cuenca Lorente, ex-diretor esportivo do Murcia – afundado em dívidas, o clube foi extinto

em 2011. Os três foram condenados a 17 anos de prisão. Ao ser informada do fato, Fofão, além de ficar atônita, sentia ter escapado do pior a tempo: *“Porque eu e outras atletas também cobrávamos o time. Deus me livre!”*.

Fofão adiou sua ida para jogar no exterior porque tinha medo de encarar tal desafio. Não se sentia capaz de se virar sozinha em um país de idioma diferente do seu. Caseira desde sempre, imaginava sofrer, apanhar da vida, por ter costume de se fechar em um casulo. Tímida, tinha receio de sua dificuldade em fazer amizades prejudicar um entrosamento com as pessoas com quem teria de conviver. Apavorada por esses fantasmas, a levantadora desembarcou em Perugia, na Itália, em setembro de 2004. Poucos dias antes, havia retornado dos Jogos de Atenas-2004 sem medalha e amargado a reserva naquela competição depois de ter sido titular e capitã na edição olímpica anterior, em Atlanta. Essa reviravolta na carreira e o insucesso na Olimpíada acertaram em cheio a fortaleza de Fofão: a confiança. *“Saí dessa experiência muito desacreditada na minha capacidade como jogadora. Dizia para mim mesma: ‘Eu devo ser muito ruim, devo ter desaprendido, não é possível’.”*

Aos 34 anos, a fase de provar algo para os outros havia ficado em um passado bem distante. Mas chegara a hora de mostrar para si mesma ser capaz e dona de uma habilidade acima da média dentro da quadra de vôlei. Fofão não havia jogado fora a chave do sucesso; só precisava lembrar onde a escondera. Até hoje a ex-camisa 7 acredita que chorar é sinal de fraqueza. Sempre fez força para não reagir dessa forma vencendo ou levando rasteira da vida. Fofão chora demais, mas sozinha. Externar os primeiros dias vividos por ela na Itália, porém, é mais forte do que a sua força para segurar o pranto. Em meio a lágrimas, ela relembrou o seu *début* fora do Brasil:

“Foi a maior provação que passei na vida. Eu valorizei cada dia na Itália, porque eu fui buscar lá uma coisa que eu achei ter perdido. Eu tive de sair do Brasil para encontrar isso. Eu tive de me reencontrar fora do meu país. Eu fui jogar na Itália, em 2004, mesmo morrendo de medo. Porque seria a primeira vez que eu sairia do Brasil para jogar em outro país, onde não sabia o que ia acontecer, se as pessoas iriam gostar do meu voleibol, como eu iria fazer com outro idioma e tudo mais. E eu fui com muito medo, mas ao mesmo sabendo do desafio. Eu precisava vencer para ter certeza de que eu não estava no caminho errado. Eu não joguei vôlei tantos anos para nada. Na Itália, mais uma vez tive de conquistar as pessoas, mais uma vez tive que buscar o

meu espaço. E foi mais difícil, porque eu vinha de uma Olimpíada onde tinha perdido, ficando em quarto lugar. E eu chegava para substituir a Irina Kirilova (levantadora russa naturalizada croata, campeã olímpica em Seul-88 e uma das melhores do mundo em sua posição), que era uma das top do voleibol e eu admirava também. E aí vem aquela coisa: Fofão versus Kirilova. . Pensei: ai, caramba, mais uma vez ter que passar por isso. Eu não sabia que tinha tanta força assim. Cheguei lá, não sabia falar italiano, entendia muito mal. Aí o técnico Máximo Borbolini se aproximou e o jeito que ele me olhou assim, sabe?, de satisfação por eu estar ali do lado dele. Eu não entendia nada do que ele falava, mas o olhar dele de admiração. . aquilo me deu um estalo.”

Fofão havia despertado do pesadelo vivido, praticamente, durante o ano inteiro de 2004. Mais ainda: na Itália, redescobriria-se como atleta e desfrutaria da melhor fase de sua carreira.

“Eu estava jogando com jogadoras incríveis, que já foram as melhores do mundo. E comecei a jogar como se eu estivesse no Brasil, em casa. Passei a viver aquilo ali intensamente. Treinava como eu sempre treinei, sempre no meu modo de treinar, e conseguia sentir alegria. Eu consegui voltar a sorrir e o pessoal se encantou comigo e com o meu trabalho. As coisas foram acontecendo de uma maneira tão suave, tão bacana, que em um ano eu consegui apagar o fantasma da Irina. Não existia mais o fantasma da Irina. Foi mais rápido do que algo parecido que vivi no Brasil. Eu voltei a ser a Fofão. E eu falei para mim mesma: a Fofão de verdade só deu um tempo, estava sempre aqui dentro. Eu precisava estar naquele lugar, naquele momento, porque foi na Itália onde eu descobri que realmente eu não era aquela pessoa de 2004. Eu era muito melhor. Na Itália, eu me encontrei, consegui ser a melhor jogadora do campeonato italiano, melhor levantadora, ganhei o respeito de todo mundo, dos técnicos, da imprensa, dos torcedores. O meu voleibol cresceu mais ainda e era isso que eu precisava para voltar a sorrir. Ali, eu pude provar para mim mesma que eu estava errada. Ninguém desaprende de um dia para o outro. Eu só não achava onde estava escondida a Fofão. E quando me redescobri. . ver um ginásio inteiro gritar o meu nome, um ginásio inteiro chorando quando eu me despedi do clube. Ter

conseguido me manter em alto nível durante três anos, jogando, vencendo, e ver as pessoas chorando para eu não ir embora porque tinha entrado para a história de um clube de outro país não é qualquer coisa. Pensei: você não é ruim! Você é muito boa! Foi no Perugia, na Itália, o melhor momento da minha vida como atleta. Ali, eu renasci.”

Fora das quadras, em suas folgas, Fofão entrava no carro e acelerava rumo a cidades vizinhas de Perugia, localizada a pouco mais de uma hora da capital Roma e perto, ainda, de uma das joias italianas: a Toscana. Religiosa, identificou-se demais com a mística Assis, onde São Francisco de Assis e Santa Clara nasceram. Ali, costumam dizer os moradores, o pôr do sol é capaz de converter qualquer descrente. Com o marido João Márcio, esteve também em Veneza. Mas o casal não conseguiu fazer o tão sonhado passeio romântico de gôndola. As águas agitadas balançavam demais as embarcações e os gondoleiros suspenderam o serviço. Eurides também aproveitou as três temporadas da filha naquele país e curtiu três meses ao lado dela. “Minha mãe bateu muita perna por lá.” Roma e Milão também constaram do roteiro da camisa 7.

Por outro lado, Fofão desacelerava – ou acelerava com moderação – nos pratos de massa e nas sobremesas de chocolate. “*Eu tinha de me controlar para não engordar. No supermercado, eu fazia a compra do mês como geralmente acontece no Brasil. Aí, na fila do caixa para pagar, todo mundo reparava no meu carrinho e olhava para mim. Tipo, que desespero é esse?! Os italianos compram aos poucos, depois fui descobrir, porque têm costume de comer os alimentos frescos.*”

OURO E CAMELÔ EM PEQUIM

Terminados os Jogos Olímpicos de Atenas, que tão poucas boas lembranças deixaram, Fofão foi cuidar da vida, convicta de que seu tempo na seleção havia chegado ao fim. De longe, porém, acompanhava o desempenho daquelas que foram suas parceiras até o ano anterior jogando com a camisa da seleção. Aquela era a primeira apresentação pós-Atenas com as ex-companheiras Sheila, Fabi, Mari e Paula. Fofão as viu jogando com alegria e com outra levantadora. Aquilo lhe causou uma certa melancolia e um desejo imenso de estar com elas, mas sendo quem era, com a história que tinha, não passava por sua cabeça a possibilidade de tomar a iniciativa de procurar o técnico Zé Roberto. *“E eu não vi o jogo, eu via as meninas e aquilo me chamou a atenção. Eu falei: nossa!, eu bem que podia estar fazendo parte disso. Eu sentia uma energia boa vendo as meninas jogarem. Então eu pensei: como que eu vou fazer? Eu não vou ligar para o Zé, de jeito nenhum. Imagine falar: ô Zé, eu quero voltar. Enfi m, foi difícil.”*

Fofão pensava em voltar. Na Itália, recarregara suas forças e desejava mostrar que ainda tinha condições de estar na seleção. Embora tenha sido excluída da quadra como titular em Atenas, sua liderança manifesta em Sydney seguia latente após todo o processo. E, ao que tudo indica, o técnico também entendia assim. Em 2005, em um de seus retornos a São Paulo, passeando com o marido João Márcio, ouviu o telefone tocar. No visor apareceu o nome de José Roberto Guimarães.

“Ele falou: Eu queria conversar com você. Primeiro, eu queria saber se você tem interesse em voltar à seleção, para a gente poder conversar. Na hora eu pensei: o que é que eu faço? Eu não sabia o que eu falava, mas enquanto ele falava comigo vinha aquela imagem muito forte das meninas jogando. Eu tinha que quebrar meu orgulho ali porque eu tinha ficado um pouco chateada com ele, mas aquele convite, naquele momento, era o que eu queria. Eu pensei um pouquinho e falei: você está falando sério? E ele falou: estou. Eu estava totalmente desencanada de fazer parte da seleção, vendo um monte de menina nova. . Ele falou: tem muita gente nova, mas não tem pessoas experientes, e eu acho que você tem tudo a ver com esse

grupo, com o que eu quero propor, com o pensamento que a gente quer daqui pra frente. E completou: eu quero fazer um grupo fechado que vai começar agora e irá até a Olimpíada, eu quero fazer mesmo um ciclo de quatro anos. Ali eu já senti a diferença, uma segurança em relação ao que havia acontecido da outra vez, talvez porque o Zé também refletiu sobre o que tinha acontecido anteriormente; não tinha como não refletir. Aquilo era o que eu desejava, mas não esperava uma ligação, de verdade, eu não esperava. E eu falei: ô, Zé, se for da maneira como você está me falando, eu aceito. E ele: fica tranquila que vai ser assim.”

Trato feito, acordo fechado. Estava nos planos de Zé Roberto um descanso consentido para algumas atletas, especificamente Fofão e Walewska, naquele ano de 2005, porém, com participações nas atividades durante os encontros para que os vínculos pudessem ser formados com as demais atletas e para anunciar o pertencimento de ambas ao grupo para todo o ciclo, inclusive recebendo os cuidados do preparador físico José Elias. Nesse contrato verbal estabelecido estava a clareza da manutenção de um time, sem entradas, nem saídas, exceto por questões de ordem, física, técnica ou disciplinar. A vaidade perdia sua vaga no time e entrava em campo a identidade coletiva focada em um resultado. O desejo de ir à quinta Olimpíada e conquistar a medalha que outras vezes lhe escapou superou os temores de uma vez mais ser colocada de escanteio, sem direito a apelação. Entretanto, o fantasma de 2004 rondava aquelas que, mesmo do banco, viram o desastre acontecer.

A partir de 2006, Fofão passou a se dividir entre Brasil, Europa e a seleção. Estava fortalecida com o sucesso na Itália e acolhida na seleção por um grupo que reconhecia sua liderança e competência. O caminho para os Jogos Olímpicos era trilhado e construído a cada treino, a cada competição, e em todos os jogos buscava-se diluir – porque parecia impossível apagar – o pejorativo “amarelonas”. *“A gente se fechou e todos os dias o Zé falava que a gente tinha que fazer nosso trabalho e esquecer o que tinha passado na Olimpíada. Só que era complicado, toda competição que a gente fazia tinha aquele comentário.”*

A final do Campeonato Mundial de 2006 repetiu a cena vivida em 2004, quando as russas viraram o jogo contra as brasileiras, fazendo soar uma vez mais em seus ouvidos a qualificação de amarelonas, porém com uma diferença fundamental, não apenas para Fofão. Assim como no começo da

carreira, ainda no Centro Olímpico, quando voltou do jogo chorando, aquela derrota calou fundo no peito da agora levantadora titular da seleção. Diferente da situação vivida em Atenas dois anos antes, quando cada uma elaborou sua dor isoladamente, ali as atletas se deram as mãos e permaneceram juntas, até que se dissipasse aquele momento de dor.

“A gente queria ter vencido, era perceptível que ninguém tinha desistido, sabe, porque geralmente quando você perde cada um vai embora para um canto, e ali não, mesmo cada uma estando num momento difícil, a gente se deu as mãos como se ninguém quisesse se soltar, troca de energia muito forte. Aí o Zé veio e falou que tinha orgulho do time, que a gente estava no caminho certo e foi uma sensação diferente das que eu já tinha vivido em derrotas. Eu tinha certeza que alguma coisa boa ia acontecer naquele grupo, porque não era uma atitude normal de uma equipe que perde. Foi uma coisa diferente que aconteceu naquele momento.”

Como em todo ciclo olímpico, no ano que antecedia aos Jogos, eram realizados os Pan-americanos, e, em 2007, essa competição foi no Rio de Janeiro. Dos atletas brasileiros não se esperava nada menos que pódio, e no caso de modalidades consagradas, como o voleibol, o público e os dirigentes não aceitavam nada menos que a medalha de ouro. As atletas, porém, sabiam que no planejamento da equipe aquela era uma competição que fazia parte do processo de preparação e não o objetivo final. Ainda assim, o público e os dirigentes queriam a medalha de ouro. No meio do caminho até o alto do pódio estava, uma vez mais, a equipe cubana. Na final, em um jogo que foi para o *tie-break*. Com o ginásio lotado, em plena cidade do Rio de Janeiro, a seleção brasileira perdeu para Cuba em um jogo com muito menos provocação que no passado, mas ainda assim não menos tenso. E uma vez mais a cor amarela significando incapacidade de tolerar a pressão de um jogo, corpo mole. ‘Mi mi mi’ foi a expressão mais utilizada para qualificar uma equipe que em nada se assemelhava a outros grupos que tinham por característica a individualidade e a vaidade. Fofão, na condição de titular e capitã, sentiu recair sobre suas costas todo o peso da derrota e das cobranças infundáveis sobre o resultado adverso. Sempre contida em seus gestos e atitudes, deixou escapar naquela premiação a insatisfação por aquele resultado.

“Eu já tinha ido ao meu limite, estava em fim de temporada na Itália e não pude descansar. As outras terminaram praticamente quase um mês antes. E o Zé falou: pô, a gente precisa estar com o grupo fechado, jogar o Pan em casa. E nessa hora você abre mão das coisas porque é uma causa justa. Mas, quando chegou no tie-break e a gente não ganhou, eu fi quei muito mal. Foi uma das piores derrotas da minha vida. A gente vinha de uma cobrança pesada, a imprensa o tempo todo ali, falando, cobrando. Eu acho que foi mais doído do que da Grécia, foi muito mais, muito mais.”

Perder e ganhar fazem parte do jogo, que, em alguns casos, também admite o empate. Para a seleção feminina, porém, ganhar e mudar os qualificativos usados para qualifi cá-las era uma questão de honra para duas gerações competentes, trabalhadoras, habilidosas, que prometiam bons resultados, só que encontravam pelo caminho adversárias à sua altura ou mais qualificadas. Essa avaliação fria e calculista pode ser amplamente discutida e aceita por especialista, mas difi cilmente encontraria eco nos meios de comunicação e no público que desejavam a vitória e a festa.

Fofão e todas as jogadoras que serviram à seleção brasileira guardavam o desejo de mudar essa história que tantas vezes lhes escapou das mãos. Aquele grupo, em especial, juntava todos os predicados para isso. Preparava-se para mais uma edição olímpica, muito embora também tivesse que honrar com outros compromissos em seu calendário. *“A gente sabia que estava no caminho certo, mesmo perdendo. A gente deixava bem claro que só ia conseguir alguma coisa se todo mundo estivesse envolvido. É difícil para as pessoas que estão de fora entender o que está acontecendo. A gente sentia que estava perdendo não porque estivesse jogando mal, simplesmente a coisa não acontecia. Mas, a gente tinha consciência que estava fazendo um bom trabalho, que o grupo estava fazendo a coisa certa.”*

Quando o trabalho árduo não resulta em conquista, resta continuar a busca pelas saídas até que o caminho certo seja efetivamente encontrado. E uma das alternativas era continuar a trabalhar e escutar os conselhos de quem trilhou os mesmos passos. Enquanto isso as críticas não cessavam. Quando a seleção jogava mal, era como se aquilo fosse normal. Quando jogavam bem os comentários apontavam para a condição efêmera daquele momento. *“Uma vez encontramos o Tande e falamos que estávamos fazendo tudo certinho, tudo direitinho, e perguntamos o que ele achava que*

estava faltando. Ele falou: ‘vocês têm que ganhar uma competição importante, algo grande’. E a gente respondeu: ‘só isso? A gente tá tentando.’ Mas, eu entendi o que ele quis dizer: enquanto a gente não ganhasse uma coisa grande, aquilo nunca iria passar. E realmente, a gente precisou ganhar uma Olimpíada para as pessoas esquecerem, porque até o dia que começou a Olimpíada, as pessoas ainda comentavam sobre isso.”

Passada a ressaca de mais uma derrota era tempo de virar a página e focar na razão de ser de todo aquele sacrifício. Fofão dedicava a sua energia para chegar pessoalmente bem aos Jogos Olímpicos de Pequim e também para exercer sua função de capitã, líder técnica e moral de um grupo renovado, desejoso de uma medalha de ouro. Prestes a completar 38 anos, treinava e puxava o time como se fosse uma adolescente buscando seu lugar ao sol. Fofão mais do que nunca se afirmava como capitã e líder de uma equipe que amadurecia junta, sofria unida e buscava respeito.

O episódio Fernanda Venturini, e a vitória de Fofão, também representou um marco na preparação para Pequim. A partir dali não havia dúvidas de que as coisas estavam em suas mãos e dependia apenas dela para que o planejado fosse executado. A chegada às quartas de final, contra o Japão, sem nenhum *set* perdido, indicava que muita coisa havia mudado na campanha realizada até ali. Vencida aquela partida, as chinesas foram a muralha da vez a ser superada. “Por se tratar do time da casa, aquele era o jogo mais importante das nossas vidas.” O placar daquela semifinal registraria a imensa superioridade das brasileiras: 3 *sets* a 0. Pela primeira vez, o Brasil chegava à final olímpica – com nenhum *set* perdido durante a campanha.

Quando Cuba perdeu a semifinal do Grupo A, deixando as americanas no caminho do Brasil, tudo se afirmou inédito. “Estávamos na sala do apartamento assistindo ao jogo. O mais curioso foi que ninguém vibrou com a derrota de Cuba. Permanecemos caladas, olhando uma para a outra quando alguém disse: ‘Agora, temos de fazer a nossa parte’.” Ninguém era capaz de imaginar o que aconteceria. As americanas eram fortes adversárias, mas não havia um histórico de rivalidade e derrotas como contra as cubanas. Os sinais eram muito promissores e todas chegaram no dia 23 de agosto de 2008 dispostas a entrar para a história.

As brasileiras ganharam o primeiro *set*, como havia acontecido nos jogos contra a Argélia, Rússia, Sérvia, Itália, Japão e China. Porém, para desespero da equipe e da torcida, o segundo *set* lhes escapou, mas a

confiança adquirida ao longo da competição não abalou os ânimos da equipe, que conquistou o terceiro set. A conquista do jogo e da medalha olímpica dessa vez não foi para o *tie-break*. Embora as americanas tenham chegado a fazer 20 a 19, as brasileiras fi zeram dois bloqueios seguidos com Fabiana e a bola do ponto foi um ataque para fora da quadra das brasileiras. Parada no meio da quadra, Fofão pareceu sair do transe quando foi abraçada por Fabizinha, que lembra daquela cena.

“A última imagem que eu lembro é da Logan atacando a bola, que vai para fora, e eu procuro a Fofão, que está paralisada na minha frente, com os braços esticados. Foi a primeira pessoa que eu abracei e ali eu só agradei. Agradei por ela ter continuado, por ela ter dado para a gente a chance de tê-la naquela conquista. Ela foi, na minha opinião, fundamental. E acho que mais do que qualquer coisa ela foi um símbolo. Uma conquista com a cara da Fofão, com trabalho, com humildade. Aquela foi a melhor sequência de jogos da nossa geração. A maneira com que a Fofão fez aquele time jogar... eram jogadoras jovens com uma maestrina conduzindo para aquela medalha de ouro.”

As jogadoras brasileiras superavam assim o estigma de amarelonas e Fofão, a capitã da primeira medalha de ouro olímpica do voleibol brasileiro, foi também apontada como a melhor levantadora daquela edição. Dupla vitória, duplo merecimento. A atacante Fabiana, que estivera em Atenas como novata, também exorcizava todos os demônios do passado. Tinha em Fofão a referência de amiga e líder, escutou e aprendeu com a companheira tudo o que faria dela a jogadora decisiva que foi em Pequim e também as lições para se tornar, mais tarde, a capitã de uma nova geração de jogadoras brasileiras. *“Ela sempre estava ali me orientando, me apoiando e me mostrando qual o caminho certo, e ao mesmo tempo ela me inspirava. Eu pensava: “eu quero ser igual à Fofão, este para mim é um grande exemplo”. Eu acho que ela me infl uenciou, até para me tornar capitã. 2008 foi uma coroação.”*

A amiga Leila, que tantas aventuras, conquistas e desgostos viveu com Fofão, assistiu a tudo, comentando o jogo para uma emissora de TV, e conta que aquele jogo representou uma redenção para si própria. Parecia que ali muitas coisas do passado se resolveram. *“A medalha da Fofão foi a medalha de todas nós que não chegamos lá.”*

Ao fim da adrenalina daquela final, Fofão foi para seu descanso merecido na Vila Olímpica e acordou no domingo 24 de agosto sem saber o que tinha mais por fazer em terras chinesas. Tarefa cumprida, medalha dourada no peito, queria estar logo de volta ao Brasil, nos braços do marido, João Márcio, e dividir a glória entre os seus. Mas sua companhia naquele momento era Fabiana Claudino, a “Fabi”, a meio-de-rede, quinze anos mais nova do que a capitã do time, uma mineira de Santa Luzia que tinha o dom de tirar a introvertida Fofão do centro. A jovem acordou naquela manhã e percebeu que em sua mala não cabia mais nenhuma roupa e ainda não tinha dado tempo de buscar os presentes e lembranças para trazer de volta para o Brasil. Fofão também estava na mesma situação. Mala cheia de material que já não tinha mais tanta utilidade e muitos presentes ainda para comprar. Livres, leves e soltas, decidiram juntar o que podia ser descartado e levar ao local chamado Centrinho, onde toda espécie de escambo acontecia com trocas de pins e materiais esportivos.

Recém-campeãs olímpicas, Fabi e Fofão deixaram a Vila puxando malas e carregando sacolas pela rua até o centro de Pequim, ponto de encontro de chineses e torcedores de diferentes nacionalidades para confraternização e comércio informal durante os Jogos Olímpicos.

– *Fabi, como a gente vai fazer isso aqui, agora? Como a gente vai trocar sem falar chinês?*

– *Ah, não sei, Fofa, vamos dar um jeito.*

As duas sentaram no chão da praça, abriram as malas e as pessoas foram se aproximando, oferecendo dinheiro para levar uniformes e querendo trocar pins. O movimento cresceu e, rapidamente, começou uma aglomeração ao redor das atletas, muito empurra-empurra, gente enfiando a mão dentro das sacolas para roubar os objetos e sair correndo e bate-boca em mandarim.

Fofão se desesperou.

– *Fabi do céu, põe tudo dentro da sacola, pelo amor de Deus!*

Sua capacidade de observação a fez perceber que o vão recém-aberto no meio da multidão servia para que um grupo de policiais se aproximasse para pôr ordem naquele pequeno caos.

– *Fabi, eu vou te matar, desgramada!*

Um dos policiais começou a questionar as brasileiras, que tentavam disfarçar.

– *Fofa, vai dar tudo certo. Vamos dar risadas para eles.*

Diante da impossibilidade de se comunicar com as brasileiras, os policiais chineses riram de volta e deixaram o local.

Sem a presença dos guardas, a multidão voltou a fazer uma roda em torno das bugigangas das brasileiras. Fabi se levantou.

– *Fofa, a gente está ferrada se for presa aqui.*

Do alto de seu 1,94 m, abriu os braços e se fez entender com um grito:

– *Saaaaai!*

Mas os chineses acharam a cena apenas engraçada e começaram a rir.

– *Chinês, né Fabi, acha tudo engraçado. Mas vamos embora desse lugar pelo amor de Deus!*

As duas recolheram rapidamente as coisas e apertaram o passo, puxando as malas com os corações disparados rumo à Vila. Nem mesmo a final olímpica, na noite anterior, havia sido tão sufocante para Fofão, um desastre no papel de aspirante a camelô. Seu dia pós conquista do ouro não fora de sossego como desejava. Mas, poderia muito bem ter sido se, naquela praça pública de Pequim, os que tentavam surrupiar seus pertences soubessem que estavam diante da atleta campeã olímpica.

FICA , FOFÃO; VOLTA , FOFÃO

Depois de Pequim, Fofão se tornou a jogadora de voleibol brasileira mais premiada da história, com três medalhas, duas de bronze e uma de ouro, e a imagem inquestionável de trabalhadora incansável e líder. Após o jogo final, a levantadora mais consagrada de todos os tempos anunciou o fim de sua carreira na seleção. Depois de servir o Brasil por 17 anos era tempo de se dedicar um pouco mais à própria vida e à família. Não estava em seus planos largar o voleibol, mas a camisa verde-amarela já tinha um destino dentro de seu armário de lembranças e conquistas.

Entretanto, não era assim que as colegas de seleção e a equipe técnica entendiam o futuro. No dia 23 de agosto de 2008, ali mesmo na quadra ouviu-se um coro “fica, Fofão”, mas sua decisão já estava tomada. Silenciosa e resiliente, inimiga dos holofotes e das câmeras, ela uma vez mais agiu com a discrição que caracterizou toda a sua trajetória. Como aponta o marido, João Márcio, a mesma tranquilidade com que a esposa se apresentava dentro de quadra ela emprega, até o presente, nos momentos em que precisa decidir. A firmeza de seu caráter transborda para a intensidade de sua atitude. “A Fofão é uma pessoa de opinião muito forte. Quando ela falar que é não, é não mesmo. Não adianta querer ficar ‘ô, Fofão, vamos fazer isso, fazer aquilo’. Não. Se ela tomou uma decisão, ela tomou a decisão.”

E a decisão sobre a seleção estava tomada antes mesmo da conquista da medalha. A paciência para ter uma vida nômade exigida pela dedicação ao time brasileiro já se esgotara, apesar das conquistas e glórias que ainda era capaz de amear com a equipe. Ou seja, no quesito vaidade Fofão também era uma atleta fora da curva. “Eu tinha certeza que eu não queria mais. Isso era muito claro na minha cabeça, independentemente de qualquer coisa. Eu não queria mais a seleção, mas eu continuaria em clube. Eles queriam que eu continuasse só na seleção. Mas eu falei: não, não quero, porque eu teria que me manter em forma, treinar muito, então não era vantagem. E na última olimpíada eu me entreguei totalmente de corpo, alma e coração. E não teria forças para fazer isso tudo novamente.”

Não era apenas a rotina de treino e preparação física que causava em Fofão o desejo de se retirar. Havia também o excesso de responsabilidade

que a função de capitã exigia e que ela, uma líder mimética, que se fazia pelo comportamento exemplar e não apenas pelas palavras, manifestava tanto em quadra quanto fora dela. “Era uma rotina puxada, de viagens, de longos períodos longe de casa. Eu carregava muita responsabilidade. Eu queria ficar mais tranquila. O pessoal pensa que ser capitã é só assinar a súmula, mas no meu caso era diferente, era muita carga. Eu tinha que estar sempre na linha, não podia desviar um minuto. Eu também queria sair um pouquinho fora do trilho, um pouco (rs).”

Os apelos ‘fica, Fofão’ não produziram qualquer efeito. “Eu poderia ter voltado para jogar em 2012, mas não voltei porque eu sei o que é você treinar, treinar e em cima da hora, alguém tirar o seu lugar. Tem que existir respeito. Quando eu saí da seleção, eu deixei bem claro: o que eu falo, eu faço, entendeu? E todo mundo duvidou, imagina.” Ainda assim, menos de um mês depois da conquista do ouro, Fofão encarou o último compromisso já agendado com a seleção: o Final Four, disputado por, além do Brasil, Argentina, República Dominicana e Cuba. Aquela seria a última apresentação de Fofão com a camisa verde-amarelo.

“Eu pensava que pouca gente fosse assistir à nossa final contra a República Dominicana em um domingo de sol forte. Mas o ginásio estava cheio. Foi a oportunidade de me despedir do Brasil. Foi uma choradeira, porque as pessoas me pediam para eu não parar, um torcedor me presenteou com uma coroa de rainha, o Zé Roberto me deu um relógio. A gente estava com difi culdade de fechar o último ponto do jogo. A emoção estava forte. O Zé pediu tempo. Chutando o chão como de costume, ele não conseguia dizer nada, emocionado. Chorei ao ver que estava encerrando um ciclo e iria deixar as amigas com quem eu jogava.”

Fofão trocou a rotina corrida pelo merecido descanso ao final da temporada brasileira e ainda teve a possibilidade de desfrutar dos encontros familiares, dos quais pouco participara ao longo de sua juventude. A motivação para jogar era a razão de ser de sua vida, como tinha sido até ali, e isso não mudaria tão cedo. Prêmios, contratos, ganhos fi nanceiros eram entendidos como resultado de um processo e não a causa de tudo. “A motivação para mim é fundamental, o lugar para onde eu estava indo. Eu não iria para qualquer time que fosse, por causa do dinheiro, porque me deram um contrato maravilhoso. O dinheiro já não era o fator principal.

Minha motivação foi jogar com pessoas que trabalhavam para sempre buscar estar numa final.”

A desobrigação de jogar de qualquer forma, em qualquer lugar, a levou a ficar parada por um ano, isso porque, por uma determinação da CBV, cada atleta ganhou uma identidade que lhe conferia um determinado número de pontos. Atletas com títulos e medalhas olímpicas estavam no topo do *ranking*. E, para equilibrar o campeonato brasileiro, cada clube tinha um teto de pontuação. Fofão tinha o limite de pontos e a dificuldade em fazer uma conta em que se equilibrasse qualidade, ambiente de trabalho e capacidade competitiva levou-a a preferir o descanso. Longe das quadras desacelerou, jogou tênis (uma paixão pouco desenvolvida), foi chamada para realizar projetos com clínicas de vôlei e usou a área de lazer de seu prédio como espaço de atividade física para não perder a forma. O *personal* responsável por sua forma física nesse período era o cunhado João Paulo. *“Surgiu uma oportunidade de sair do Brasil, mas eu não queria deixar o meu país de novo. Então falei para o João Márcio: quer saber? Eu vou ficar um ano sem fazer nada. Se eu não sentir falta, se eu ficar bem, eu não vou voltar a jogar. E foi quei um ano sem pensar em vôlei. Fiz um monte de coisa. Parece que eu recarreguei as energias de novo. Mas, ao assistir os jogos pela televisão, eu percebi que ainda queria jogar, eu tinha certeza de que gostaria de voltar a jogar.”*

E não foi nada difícil realizar esse desejo. A vida ativa em clube também significava, para o público, a possibilidade viva de um retorno à seleção. Isso porque, não apenas Fofão jogava, como jogava bem em times campeões, tanto no Brasil como no exterior. Como não acreditar em um retorno, se tantos outros atletas anunciaram sua retirada e não cumpriram com seu intento? Nem os chamamentos, nem todos os argumentos para o retorno produziram o efeito desejado. Em sua própria história de vida ainda reverberava toda a angústia de ser a titular e ter a posição perdida por causa de pessoas que tomaram decisões aparentemente definitivas que depois se mostraram temporárias.

“Eu tinha acabado de ser campeã olímpica e decidido parar com a seleção, mas as pessoas insistiam em perguntar como o time iria ficar sem a Fofão, uma jogadora experiente, sabe? Eu acredito que as pessoas não são insubstituíveis, que é preciso dar um tempo, confiar no trabalho de outra pessoa para ela poder conquistar o seu espaço. Então, eu lembro que quando começou a falação, que ‘a Fofão vai

voltar para a seleção’, que era uma fofoca, eu deixei bem claro para a Fabíola, que não tinha a menor possibilidade. Eu não tinha muito contato com a Dani Lins, mas falei para as meninas falarem pra ela também, porque eu sei o quanto é ruim você estar num lugar e as pessoas te lembrarem de que outra pessoa deveria estar ali. Eu sei o quanto é ruim, porque eu passei por isso. Eu falei pra Fabíola: faça seu trabalho com calma, não liga, tudo que estão falando é boato.”

Decisão tomada, era tempo de continuar no voleibol, que ainda lhe dava muito prazer, com objetivos claros e específicos. Aos 39 anos o corpo ainda lhe proporcionava as condições para jogar o campeonato brasileiro e a convivência com as jogadoras do time também era prazerosa. A postura de mestra, sem arrogância, nem soberba, servia de inspiração para a geração mais nova que a tinha como ídolo incontestado. Era inimaginável uma jogadora com aquele currículo de conquistas chegar no clube para ser mais uma a ‘carregar o piano’, e não simplesmente ser a estrela que chega, senta e toca para os outros ouvirem. João Márcio fala sobre o impacto do comportamento da esposa na relação com o time.

“A Fofão voltou da Turquia para o Rexona como se fosse seu primeiro time. Nós chegamos no ginásio, já tinha a imprensa, aquela coisa toda, deram o uniforme para ela, ela já foi se trocar e o treino aconteceu com meia dúzia de jogadoras, porque o resto das meninas estava tudo na seleção. E a Amandinha, jogadora do Rexona, falou: ‘como pode a Fofão com cinco Jogos Olímpicos, campeã olímpica, três medalhas, treinando com meia dúzia de meninas ralé, dando seu melhor; puxando carrinho de bola, colocando bola dentro de saco, dando rolamento?’ Isso aí são as atitudes dela. Essa é a Fofão que a gente conhece.”

TAÇA DA COPA

Em 2011, quando Fofão deixou o Fenerbahçe e retornou ao Brasil, a contagem regressiva para a Olimpíada do ano seguinte, em Londres, já agitava o cenário do vôlei nacional. Aqui e acolá, ainda se ouviam manifestações a favor do “volta, Fofão”, principalmente das arquibancadas. Mas a levantadora, no entanto, nem cogitava. Com tudo bem arquitetado na cabeça, não seria dinheiro que a levaria a escolher a camisa a ser defendida. Ela procurava desafios e os encontrou no projeto apresentado pelo Unilever, do Rio de Janeiro, em 2012. *“O que me motivou foram as pessoas que lá trabalhavam e o objetivo traçado pelo clube de sempre buscar, ao menos, a vaga para a final das competições. E eu queria um time no qual o técnico iria exigir de mim independentemente de eu ser a Fofão.”*

A levantadora sentia reunir condições para ser vitoriosa atuando apenas no clube. Ainda praticava vôlei em alto desempenho e não jogaria apenas com o nome, possibilidade abominada por ela. Bernardinho – ele trabalhou com Fofão pela primeira vez na seleção brasileira, em 1993 – debutaria como treinador dela em clube, no Unilever. Ele fala do reencontro:

“Já no final de carreira, Fofão chega ao clube como uma jogadora madura e com um histórico de vitórias que dava a ela uma condição diferente perante o próprio grupo. Quando a treinei pela primeira vez na seleção, era uma ótima jogadora dentro de um grupo recheado de ótimas jogadoras, ou seja, era uma entre tantas. No Unilever era diferente. Ela era referência, porque já tinha sido campeã olímpica, capitã da seleção brasileira, e havia feito carreira internacional com passagens por times de primeira linha. Ainda assim, a postura dela continuava a mesma. Fofão nunca fez questão de nada. Muito pelo contrário, era de uma simplicidade, uma humildade sem aquela história de falsa humildade, sabe? Ela era exatamente o que sempre foi. Não havia mudado nada. O sorriso, a tranquilidade e o prazer de estar jogando continuavam intactos.”

Bem diferente da primeira experiência vivida com Bernardinho em meados dos anos 90, Fofão, aos 42 anos, não desfrutava da mesma saúde física. Os tendões de Aquiles e a panturrilha, pedras em seus tênis durante

toda a carreira, exigiam da comissão técnica do Unilever um trabalho especial para que aquela referência fizesse a diferença dentro de quadra – e não agonizasse fora dela. *“Você não pode exigir de uma atleta na casa dos 40 anos o mesmo volume de treinamento de uma garota de 18. Ter esse cuidado com ela não significava um privilégio”*, afirma Bernardinho. Quando não participava dos exercícios físicos, a camisa 7 ficava na quadra filmando as companheiras com seu *tablet*, divertindo-se e animando as parceiras. *“Muitas vezes eu olhava para ela e pensava: ‘Cadê aquela Fofão serena?’ Eu vejo muita gente se referir a ela como a líder silenciosa, mas a Fofão é muito engraçada. Ela tirava muita onda nas nossas brincadeiras durante os treinos”*, lembra a líbero Fabi.

Com o Unilever, Fofão foi tricampeã da Superliga. As duas primeiras temporadas dela na equipe do Rio de Janeiro foram as piores em termos físicos. Lesionada, ela jogou as finais das temporadas 2012/2013 e 2013/2014. Um dia antes do jogo do título da primeira temporada, realizado no Ginásio do Ibirapuera contra a rival equipe do Osasco, havia sofrido um estiramento em uma das panturrilhas durante um treinamento. E foi para a decisão no sacrifício. *“Eu não podia ir para o aquecimento. Mas pensei: se o pessoal do outro time for esperto e reparar em mim, vão sacar que não me aqueci. Aí fiz o seguinte: quando eu percebia que o Luizomar (treinador do Osasco) me olhava, eu fazia algum exercício leve. E assim não deixei ninguém perceber que estava machucada. O Fiapo (fisioterapeuta) perguntava como eu estava me sentindo e eu dizia estar bem. Mas eu sentia dor; os remédios não fizeram efeito. Consegui jogar machucada, mas era muito sacrifício, superação diária, por mais que a comissão me controlasse e cuidasse de mim.”* Bernardinho lembra daquela final:

“Fofão não treinou na véspera da decisão. Nós tínhamos duas levantadoras: ela e Roberta, a suplente. Tive de convidar uma jogadora que já havia sido eliminada do campeonato para treinar conosco, porque eu não tinha quem treinasse na véspera do jogo. Fofão ficou lá sentada, olhando, orientando, mas sem condições de bater bola. No dia da decisão, ela começa o jogo com dor e segue assim até o fim. Mas era uma dor com a qual ela aprendeu a lidar. Foram cinco sets. Quando termina a partida com a nossa vitória, eu penso: como ela conseguiu, como ela aguentou? Depois da final, Fofão ficou um mês parada sem fazer nada, porque a decisão foi muito dura fisicamente falando para ela. Ela sempre facilitou – e

muito – a vida dos treinadores dela. Esse é um dos maiores exemplos dados por ela em sua carreira”.

Durante a passagem de Fofão pelo Unilever, era comum vê-la poupada de treinamentos antes de grandes decisões. Poderia descansar um pouco mais antes de uma semifinal e outro tanto para chegar bem na final. Por causa dessa estratégia, Bernardinho e os outros membros da comissão técnica do clube se divertiam entre si chamando-a de taça da Copa do Mundo. De tão preciosa, diziam, a ex-camisa 7 era preservada em uma caixa envidraçada e, de lá, somente saía para reluzir aos olhos dos espectadores no dia da grande final. Se ninguém colocasse um freio em Fofão, como argumenta o técnico Zé Roberto, ela seguiria participando das atividades com o grupo mesmo não estando 100%. *“Fofão nunca morcejou, nunca teve atitudes contrárias ao de uma boa atleta, nunca treinou de freio de mão puxado. Ela sempre se cuidou muito, teve uma vida extremamente regrada, não fumava, não ingeria bebida alcoólica, dormia cedo. Teve uma vida caseira sempre próxima da família. Se eu tivesse de defi ni-la em poucas palavras, eu diria que eu consegui trabalhar com a melhor levantadora do mundo.”*

Fabi, cujo primeiro contato com Fofão foi como adversária aos 19 anos, trocando cumprimentos por debaixo da rede na temporada 1998/1999 da Superliga, foi uma de suas parceiras constantes nos últimos três anos de carreira de Fofão. E, como Zé Roberto, é grata por ter a chance de acompanhar um ídolo de perto. *“Você não a imagina como uma líder que vai falar e dar bronca o tempo inteiro. Fofão era muito ponderada, mas quando falava parece que todo mundo realmente prestava atenção. Ela sempre teve preocupação de proteger, preservar, as pessoas com quem trabalhava; tinha essa sensibilidade. E também conseguia fazer com que os pontos fortes das companheiras se destacassem.”*

Valorizar o time, o grupo, e as atitudes corretas faziam parte de um ditado sobre o qual Fofão diariamente passava o olho com atenção. A jogada final da temporada 2014/2015 que deu ao Unilever o tricampeonato seguido da Superliga teve como último lance a bola levantada por Fofão para o ataque de Natália. A jovem ponteira-passadora – ela havia sofrido muito no ano anterior por causa de uma cirurgia para a retirada de um tumor de uma das canelas – não recebera aquela bola por acaso, como conta Bernardinho:

“A final foi em São Paulo e a Natália vinha de uma lesão séria na canela que a fez sofrer muito com a possibilidade até de não voltar a jogar vôlei. Mas ela retornou e chegou com a gente na final pela primeira vez em uma função nova. E no último lance do jogo, durante o tie-break, a Fofão dá a bola para ela encerrar o campeonato. Se sou eu o levantador, penso: para quem vou dar a bola? Para quem está rodando mais. Mas na cabeça da Fofão era diferente. Ela me disse depois: ‘Eu quis dar a bola para a Natália, porque ela merecia terminar a partida’. E a Natália fecha o jogo em uma final a qual ninguém imaginava que pudéssemos ganhar, ninguém. E Fofão tem essa capacidade de naquele momento durante o tie-break, depois de três horas de jogo, tomar essa decisão e concluir dessa maneira aquela conquista.”

Esse seria o último ato da carreira de Fofão em um clube. Um levantamento concluído com sucesso, aos 45 anos de idade. Uma bola que viajou impulsionada pela tradicional destreza no gesto técnico e, mais ainda, transportou até Natália a assinatura da generosidade de uma atleta que é unanimidade nacional.

Fofão seguiu até o fim da carreira o mesmo compromisso moral que norteou toda sua vida, sem surpresas, sem meias palavras ou retornos inesperados. “Por incrível que pareça, 2015 foi o meu melhor ano, fisicamente. Os dois anos anteriores foram os piores, porque eu tive muita lesão, joguei as duas finais machucada. Imagine o que é todo dia você ter que buscar força pra treinar e ter que estar bem porque você sabe que as pessoas vão estar te olhando e a gente vai ter que ajudar o time, e numa final você está machucada e pensa, como que eu vou entrar na quadra machucada e vou largar as meninas ou nem vou jogar a final porque estou machucada?” As lembranças de sua penúltima final jogada no sacrifício mostram com clareza como estava sua condição física.

Decidido o momento de parar, Fofão esperou o final da Superliga de 2015 e ali recebeu as honras e justas homenagens das companheiras de time, das autoridades do voleibol brasileiro, dos fãs e da mídia. Teve ainda a oportunidade de fazer um jogo de despedida convidando atletas que jogaram com ela ao longo dos 17 anos de seleção. Quando a notícia se espalhou, começou a receber chamadas telefônicas de muita gente e foi preciso organizar tudo para que todas pudessem jogar.

Transmitido pela TV aquele jogo reuniu cinco gerações de atletas que foram divididas em dois times: as campeãs olímpicas de 2008 e as amigas

da Fofão, amigas que jogaram com ela desde 1991. Aquele momento foi coroadado de emoção e mostrou o carinho e a gratidão que suas colegas de time e seleção guardaram da convivência com a maior jogadora brasileira de voleibol de todos os tempos, como a definiu o técnico Zé Roberto. Mesmo depois de acabado o jogo, nem público, nem atletas arredavam o pé do ginásio, como que não querendo que aquele momento se encerrasse, e com ele os levantamentos mágicos de Fofão.

E banhada em lágrimas, suas, do público e das companheiras, o jogo chegou ao fim. Ali terminava a carreira de levantadora da única mulher do vôlei brasileiro a participar de cinco Jogos Olímpicos, com 340 jogos pela seleção e três medalhas olímpicas. Saía de cena a jogadora e entrava a pessoa que dificilmente voltaria a ser Hélia. Mesmo depois de finalizada a carreira de atleta, Fofão permaneceria Fofão. Naquele dia da despedida, Zé Roberto manifestou o desejo em tê-la na comissão técnica brasileira ajudando a preparar as novas levantadoras. Questionada sobre o convite, Fofão respondeu que ainda não era hora, que, como tudo na vida, as coisas têm o seu próprio tempo. Mas não tardou para que seu nome fosse indicado para o Hall da Fama. Em outubro daquele mesmo ano, ela – acompanhada da mãe e do marido – desembarcou nos Estados Unidos para deixar o seu nome eternizado na história do vôlei mundial.

Nos meses que se seguiram Fofão se preparou para ser comentarista de voleibol durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Acompanhou do lado de fora da quadra a performance brasileira e não teve palavras para descrever a dor da derrota das meninas em 2016. Ali exercitava não apenas seu novo papel, mas também a capacidade de olhar de fora e pouco poder fazer sobre tudo aquilo que conhecia tão bem. Sua agenda continua cheia de convites para clínicas, eventos esportivos e até um *reality show* de culinária, justo ela que mal sabe fritar um ovo. Mas, como dizia Seu Sebastião, Hélia de Souza, como bem diz seu nome, nasceu para brilhar.



Editora Laços Ltda.

Av. Paulista, 1.159 – cj. 815 – CEP 01311-200 – Jardins – SP

Website: www.editoralacos.com.br

E-mail: contato@editoralacos.com.br